



Caracas, capital da Venezuela, um país onde se radicaram muitos espinhenses

UM «DOSSIER» DE 20 PÁGINAS

QUEM SÃO E O QUE FAZEM OS ESPINHENSES RADICADOS NA VENEZUELA

Como há tempos anunciámos, «Defesa de Espinho», através do seu director, foi conhecer de perto as comunidades de espinhenses radicados na América Latina, mais concretamente no Brasil e na Venezuela.

Assim, e na sequência dos trabalhos que em Dezem-

bro publicámos a propósito dos espinhenses no país-irmão, damos hoje à estampa um «dossier» de 20 páginas sobre os nossos conterrâneos que laboram na pátria de Simon Bolívar.

□ PÁGINAS 5 A 24

ROLANDO DE SOUSA DEFENDE SERVIÇO MUNICIPAL DE DESPORTO

FUTEBOL FEMININO

POR APURAR SÓ DUAS

□ DEFESA DESPORTIVA

MÁQUINAS «POKER»: A SENTENÇA DE MORTE

A partir de 17 de Fevereiro próximo, nenhuma máquina tipo «poker» poderá ser licenciada para funcionamento fora dos casinos, mas as autorizadas antes dessa data poderão continuar a ser exploradas até 30 de Junho — determina o decreto-lei 22/85, publicado no «Diário da República» do passado dia 17, que altera a redacção de um diploma de 1969, sobre a mesma matéria.

Nos termos precisos do decreto 22/85, as máquinas a proibir serão aquelas que, mesmo «não pagando directamente prémios em dinheiro, fichas ou colisas com valor económico, desenvolvam temas próprios dos jogos de fortuna ou azar ou apresentem como resultado pontuações dependentes exclusiva ou fundamentalmente da sorte». Quer dizer que, além das popularizadas máquinas «poker», também as máquinas de «setes», idênticas às dos casinos mas de funcionamento electrónico, também não serão consentidas.

De referir, no entanto, que as máquinas que a legislação agora publicada consente continuem a funcionar até 30 de Junho terão de ter afixado um letreiro, bem visível, com os seguintes dizeres: «Esta máquina é de diversão: é proibido jogar a di-

nhelo, sendo a aceitação de apostas e pagamento de prémios em dinheiro punidos com prisão, multas e apreensão da máquina e dinheiro, tudo nos termos dos artigos 56.º e seguintes do decreto-lei n.º 48912, de 18 de Março de 1969».

Entretanto, um outro diploma, o decreto-lei 21/85, que regula o regime de registo e exploração das máquinas de pura diversão (vulgo «flippers»), que «o governador civil, no respectivo regulamento de policia, pode limitar o periodo de abertura e encerramento dos estabelecimentos que explorem, quer como actividade principal, quer como actividade acessória, jogos de divertimentos»: No caso do distrito de Aveiro, e como referiu o governador civil, Gilberto Madail, na entrevista que na semana passada nos concedeu, esses estabelecimentos encerrarão às 22.30 horas.

O decreto 21/85 atribui ainda ao governador civil a facultade de «recusar, em despacho fundamentado, a concessão ou renovação das licenças de exploração (licenças essas agora anuais) sempre que tal medida de policia se justifique para protecção à infância e juventude, prevenção da criminalidade e da ordem e tranquillidade públicas».

ASSESSORES CAMARÁRIOS: A MODA INSTALOU-SE

Primeiro, nomeou-se um assessor desportivo; depois, falou-se de um assessor para o pelouro cultural (que, entretanto, não chegou a ser escolhido); agora, acaba de ser aprovado um assessor para os parques e jardins. A moda instalou-se, pois. Moda vantajosa... ou não? Ou, ainda, uma forma de esvaziar a criação dos lugares de vereadores a tempo inteiro? «Defesa de Espinho» analisa estas questões na última página e revela pormenores sobre os assessores para a cultura e para os parques e jardins: este, que embora aprovado, semeou alguma divisão entre os edis; aquele que não «nasce» porque os vereadores titular e substituto do CDS não se entendem.

PLANO E ORÇAMENTO 85

NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

DISCUSSÃO NA GENERALIDADE AINDA A MEIO

• APU «TOMA CONTA» DA REUNIÃO

Ainda não foi na reunião da Assembleia Municipal, realizada na passada sexta-feira, que se pôstermos à discussão da ordem de trabalho. Com efeito, uma proposta da APU, apresentada logo no início da reunião, «roubaria» grande parte do tempo e a discussão do plano de actividades e orçamento, ficaria a meio. Elsa Tavares presidiu a reunião, dada a impossibilidade de Ferreira de Campos em estar presente.

Alguns polémica se levantaria por causa da proposta comunista, que transcrevemos:

«1 — Considerando que ainda não foi obtido o parecer do Conselho Municipal conforme o estabelecido pela lei; 2 — considerando que, sem prejuízo das obras que lá figuram, faltam no plano e orçamento, obras muito necessárias a Espinho que devem ser minimamente dotadas neste orçamento, nomeadamente: parque de campismo de Sales; Casa da Cultura; instalações da Assembleia Municipal; praça Jerónimo Reis; pavimentação da Rua dos Limites e auditório — anfiteatro;

«— Considerando que a dotação para a habitação é manifestamente insuficiente para as necessidades do nosso concelho; a Assembleia Municipal de Espinho delibera o seguinte: 1 — Aguardar o competente parecer do Conselho Municipal; 2 — Devolver o plano e orçamento à Câmara, a fim de que com toda a rapidez os

mesmos sejam rectificadas tendo em conta os considerandos dois e três».

Logo à partida, (e porque Elsa Tavares tinha posto à votação a falta do parecer do Conselho Municipal — aprovado com 20 votos a favor, 7 contra e duas abstenções — conseguindo assim a concordância maioritária para se discutir os documentos, sem o parecer o considerando um da proposta ficou prejudicado.

Antenor Pereira (PS) mostrar-se-ia contra a proposta, argumentando que ela se contrapunha à lei. «Esta Assembleia aprovar ou não o plano de actividades. Não pode alterá-lo». Avelino Zenha diário, também se contra a proposta, já que ela se justificaria na discussão do plano, na especialidade, opinião que Alcindo Ribeiro (PSD) seguiria. Jorge Carvalho (APU) afirmaria que o regimento da Assembleia permite que «qualquer membro possa apresentar propostas ou recomendações. Sob o ponto de vista legal, esta proposta traduz a única saída para se comunicar à Câmara o que se pretende. Há falhas tão graves que merecem — antes da apreciação e votação — a atenção desta Assembleia. Ganhá-vamos tempo em devolver o plano à edilidade para que fossem rectificadas os pontos negativos».

(Continua na pág. 3)

CASOS

ASSALTANTES DE CASAS DE EMIGRANTES VÊM O FIM DA SUA LONGA «CARREIRA»

Em 27 de Setembro do ano passado, na habitual secção «Casos», o nosso jornal dava a seguinte notícia, sob o título «Obra de rede organizada? Sa-

queada casa de emigrantes»: «A juntar a outros casos idênticos, embora de menor gravidade, uma casa desabitada de Silvalde, que é pertença de emigrantes, foi

autenticamente saqueada a meio da última semana, o que fez pensar na existência de uma rede organizada de gatuos especializados na subtração dos haveres daqueles que labutam no estrangeiro.

«Para os emigrantes, que cá têm casa posta, fica a «lição»: é melhor deixar a habitação vazia e o dinheiro no banco» (...). Dois meses depois, mais precisamente em 22/11, voltámos à «vaca fria». Eis o que dissemos então:

A Polícia Judiciária capturou a rede que se dedicava a assaltar residências desocupadas pertencentes de emigrantes.

«Como o «DE» referiu por várias vezes, a rede saqueava as residências, levando desde peças de vestuário a mobiliário. Os indivíduos, forasteiros, tinham a colaboração de um capanga que comprava o produto dos roubos a baixos preços para os vender depois pelo seu valor comercial (...).

Ao que parece, e segundo informações que colhemos, todos os «mistérios» que envolvem estes assaltos estão desvendados. Com efeito, a Polícia Judi-

ciária capturou sete indivíduos — cinco dos quais já estão na prisão de Custóias, esperando julgamento — que, durante um ano, se «entretiveram» com assaltos não só no nosso concelho, como também nos da Feira e Ovar. Até à altura da sua detenção, os sete «ratos» tinham furtado material diverso e dinheiro, num total aproximado em cerca de seis mil contos.

Desde o final de 1983 até Dezembro do ano transacto, a quadrilha efectuou 37 roubos, todos praticados em fábricas e estabelecimentos comerciais e 20 residências, na maioria pertencentes a emigrantes e, por isso, desabitadas. Para além disso, os ratoneiros «visitaram», também, seis obras em construção.

O método de «trabalho» tem o seu quê de curioso. De facto, a maior parte dos roubos teve lugar em plena luz do dia, por meio de arrombamento — o processo preferido do bando. Os sete indivíduos levavam malas tipo diplomata, onde transportavam todas as ferramentas precisas para os furtos. Assim, sem suspeitas, os indivíduos faziam-se passar por vendedores de livros para verificar-se o «terreno estava livre». Se não estivesse, procediam como meros vendedores de porta a porta. Se estivesse... levavam tudo o que encontravam com valor.

Os sete «diplomatas» — como lhes chamou um diário português — são os seguintes: Luís Maria Rocha, de 21 anos, mais conhe-

cido por «Linhas pretas», Francisco Oliveira, «Chico da Glória», de 25 anos, Domingos Oliveira Alves, de 30 anos, Fernando Augusto Alves Gomes da Rocha, de 33 anos, António Rodrigues Ferreira, de 23 anos e o seu irmão Américo Rodrigues Ferreira, de 24 anos, e João Alves da Silva «João Traineira», com 28 anos, todos residentes na Vila da Feira.

Entretanto, soubemos que foi capturado o autor — devidamente identificado — do furto que teve lugar na discoteca do «Nosso Café», que teve como «produto» uma aparelhagem sonora de 465 contos. Com efeito, em 21 de Dezembro passado, o explorador da discoteca, Joaquim Manuel da Cruz Marques, havia apresentado queixa contra desconhecidos. A aparelhagem sonora foi totalmente recuperada. Uma questão se levanta: terão algo de comum estes dois casos? As dúvidas ficam no ar...

MORTICÍNIO NA EN 109 DEPUTADA PÕE PROBLEMA AO GOVERNO

O nosso «dossier» sobre o morticínio no lanço da estrada nacional 109 que atravessa Silvalde causou grande impacto e continua a provocar diversas movimentações no sentido de o problema ser resolvido ou, pelo menos, atenuado. Assim, e na sequência das diligências camarárias e da resposta da Junta Autónoma de Estradas (ver página 3 desta edição), uma deputada acaba de colocar o problema ao Governo, num requerimento.

A deputada afirma no requerimento que «nenhuma medida foi tomada no sentido de a sinalizar devidamente» e interroga o Ministério do Equipamento Social sobre se irá, ou não, tomar as medidas que se impõem.



CASINO SOLVERDE ESPINHO

TEL. 720238

SÁBADO 16
★
SEGUNDA 18

VENHA PASSAR O CARNAVAL CONNOSCO

— NO —

RESTAURANTE - SALÃO NOBRE - WONDER-BAR

Conjuntos Musicais
THE FOUR KINGS ★ SURPRISE PROJECT

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPINHO

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Em conformidade com o artigo 24.º dos Estatutos e nos termos do Art.º 26, parágrafo I.º, convoco todos os associados no gozo dos seus direitos a reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, no dia 1 de Fevereiro de 1985, pelas 21.30 horas, para a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º — Propor o aumento da quota mínima dos sócios para 50\$00;
- 2.º — Propor a nomeação para Director Vitalício o Senhor Antenor Ferreira da Costa.

Atenção: Se no dia acima citado não estiver presente número legal de sócios para funcionamento da Assembleia, ficam desde já avisados os Senhores Associados de que ela se realizará no dia 8 do mesmo mês, à mesma hora, reunindo então com qualquer número.

Espinho, 15 de Janeiro de 1985

O Presidente da Assembleia Geral
Dr. Manuel Soares Mota

NOTA: A Assembleia terá lugar no edifício social

«Defesa de Espinho»
2757 — 31/1/85

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE AVEIRO

JUIZO DO CONCELHO DE ESPINHO

EDITAL

PROCESSO DE EXEC. FISCAL N.º 336/82 — 1.ª PRAÇA

Avelino de Sousa Barros, Juiz Auxiliar do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Espinho.

— Faz saber que no dia 22 de Fevereiro de 1985, pelas 14.30 horas, à porta do estabelecimento da executada, à Rua 15, n.º 349, desta cidade de Espinho, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, pelo maior lanço que for oferecido do bem abaixo designado, penhorado à firma «FIXET — ARTES GRÁFICAS, LD.ª» com sede na dita Rua 15, n.º 349, desta cidade, para pagamento de 324.009\$00 e do acrescido, referente a imposto de Transacções do ano de 1981:

BEM PENHORADO:

— Uma máquina de impressão, marca «ORIGINAL HEIDELBERG CYLINDER», modelo 46x58,6 cm, com o n.º KS 01100/5, em bom estado e em funcionamento, no valor de um milhão e quatrocentos mil escudos.

O BEM PENHORADO VAI À PRAÇA PELO VALOR INDICADO

Ficam por este edital citados os credores incertos e desconhecidos e os sucessores dos credores preferentes para, nos termos da alínea a) do art.º 226.º do Código do Processo das Contribuições e Impostos, e no prazo de 10 dias a contar da arrematação, virem reclamar os seus créditos pelo produto da venda do bem acima relacionado.

Para constar se passou o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares designados por lei.

Juiz Auxiliar e Repartição de Finanças do Concelho de Espinho, aos 28 de Janeiro de 1985.

E eu, José Astério Vieira Gomes, escrivão, o subscrevi e assino.

O Juiz Auxiliar
Avelino de Sousa Barros
O Escrivão
José Astério Vieira Gomes

Leia assinie divulgue «Defesa de Espinho»

SALVE 3/2/85 FERNANDO RODRIGUES

Seu filho e nora, ausentes na África do Sul, assim como sua esposa, Paulo e Cassilda, na passagem do seu 59.º aniversário, vêm desejar-lhe muitas felicidades e que esta data se prolongue por muitos e bons anos.



PREÇOS NA FEIRA
FRUTOS — Bananas, 150 escudos/quilo; pêras, de 30 a 60 escudos/quilo; maçãs, de 20 a 50 escudos/quilo; laranjas, de 50 a 60 escudos/quilo; tangerinas, de 35 a 50 escudos/quilo; uvas, de 70 a 90 escudos/quilo.
LEGUMES — Brócolos, 70 a 80 escudos/molhe; grelos, de 50 a 60 escudos/molhe; tomates, de 40 a 50 escudos/quilo; cenouras, de 15 a 25 escudos/quilo; cebolas, de 30 a 45 escudos/quilo.

ESPECTÁCULO PRÓ-ZÉ FERREIRA

Há uma semana foi dado o primeiro passo no sentido de minorar a situação dramática em que José Ferreira da Silva, o «Zé Ferreira», se viu confrontado.

Hoje, podemos noticiar, com toda a segurança, que o movimento encontrou a maior receptividade entre os amigos do «Zé», sendo já muitas as participações, quer materiais, quer humanas. Sabemos que está a ser um êxito.

O espectáculo terá a participação do Orfeão de Espinho (Rancho e Coral), do Conjunto de Fados (Tino, Adelaide e de outros a anunciar na ocasião). Compareça também o leitor no próximo sábado, no salão paroquial pelas 21.30 horas.

O «Zé Ferreira» — recorde-se — é um deficiente físico em elevado grau, cuja viatura que utilizava para se fazer transportar foi furtada e estampada.

PESSOAIS

NASCIMENTOS — No dia 18, Ana Filipa, filha de José de Pinho Vieira e de Rosa Maria de Morais Quintela Vieira, residentes no Edifício Solverde, lote 1, cave esquerda, Quinta, Anta, nodia 20, Telma Raquel, filha de Manuel Belmiro Costa de Jesus e de Rosa Célla Lopes do Couto Costa, moradores na Rua 62, 726, 2.º esquerdo, em Espinho; no mesmo dia, Liliana Luciana, filha de José Costa Pinto e de Maria de Fátima Pereira Martins, residentes no Lugar da Adelra, em Esmoriz; no dia 22, Tiago Filipe, filho de David Pinheiro da Rocha e de Maria Margarida Alves Pereira, moradores no Lugar de Pedregais, em Anta; no dia 25, Bruno Miguel, filho de José Carlos Simões Ribeiro e de Rosa Maria de Oliveira Martins, residentes no Bloco I, entrada um, 2.º esquerdo, em Anta; no dia 27, Célla, filha de Luís Fernando Maia Rodrigues e de Rosa Maria Vicente, moradores no Bairro da Quinta, bloco 3, casa 8, rés-do-chão direito, em Silvalde.

SR. INDUSTRIAL

EXPORTAR É UMA ACTIVIDADE DE FUTURO

— QUER EXPORTAR OS SEUS PRODUTOS?

— TEM DIFICULDADE EM EXPORTAR?

CONTACTE-NOS. SOMOS UMA FIRMA ESPECIALIZADA

RESPOSTA: **LUSOTEX** ★ APARTADO 73

SANTA MARIA DE LAMAS

ESPINHOS E ROSAS

ESTA CP!

Todos se recordam do morticínio na passagem de nível do Bairro Piscatório até que as cancelas foram instaladas. Responsável por uma boa parte dos acidentes ali ocorridos foi um barracão plantado mesmo ao lado da passagem de nível. Mas nunca, antes da instalação das cancelas, alguém da CP se lembrou de o demolir, pois, na verdade, nada mais lá fazia que estorvar. Só agora, muito tempo depois da instalação das cancelas, é que o barracão cede ao camartelo.

Esta CP!

ASSEMBLEIA-1

Quelxam-se alguns políticos cá da terra que a maioria da população não quer saber das reuniões que se realizam na «Domus Municipalis». Que não põem os pés no salão nobre do edifício onde se sedia a autarquia. Pudera, caros senhores. Para ouvir puras repetições de assuntos já mais que sabidas, para defrontar com situações meramente demagógicas, para escutar discussões de «comadres e compadres», mais vale ficar em casa a ver a má programação da nossa televisão. Então se se trata de uma reunião da Assembleia Municipal, damos-lhe um conselho: não arrisque a ficar gripado, com o frio que faz, e, o que é mais grave, aguentar com uma insónia durante o fim-de-semana. É que não há paciência que aguenta tamanha demagogia...

ASSEMBLEIA-2

Voltando à Assembleia Municipal, muitos são os deputados que reclamam uma instalação sonora capaz. E aproveitam a presença do presidente da edilidade para mostrar as incapacidades da existente. Que são, de facto, muitas. No entanto, se com esta instalação já se «gastam» minutos preciosos com palavras que nada dizem, com uma instalação sonora potente... nunca mais se calam.

MISTÉRIO

Deputados à Assembleia da República do Partido Comunista fizeram um requerimento ao Governo, pedindo uma explicação sobre o não-funcionamento de um jardim de infância no concelho de Espinho. Curioso nisto é que na Câmara local, ninguém sabe qual é o jardim de infância. Nem o próprio vereador comunista...

PROGRAMAÇÃO
DACTILOGRAFIA
CONTABILIDADE
Externato
OLIVEIRA MARTINS
Telefone 722272
— ESPINHO —

MENOS 7,1% QUE EM 84

222 MIL CONTOS PARA A CÂMARA

O Fundo de Equilíbrio Financeiro atribui a Espinho, este ano, 222 814 contos, o que representa um decréscimo real de 7,1 por cento em relação a 1984.

Por parcelas, os montantes atribuídos a

Espinho são os seguintes: transferências correntes, 127 209 e 10 799 contos, a primeira com base no artigo 5.º e a segunda para a Acção Social Escolar, agora a cargo das câmaras; transferências de capital, 84 806 contos.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

(Cont. da 1.ª pág.)

Apesar de ter tomado cerca de duas horas da reunião, esta proposta «chumbaria» por 18 votos contra, 7 a favor e 4 abstenções.

Seguir-se-ia a discussão do Plano de Actividades e orçamento para o corrente ano, discussão que, conforme já dissemos, prossegue amanhã, sexta-feira. Algumas intervenções se fizeram, questões foram colocadas a Artur Bártole (presente desde o início da reunião). No entanto, ficou já revelada a posição da APU quanto a estes documentos. Com efeito, Jorge Carvalho afirmaria que mais se parece com «um mero panfleto de campanha eleitoral».

O «CORTES» DA ASSEMBLEIA

Algumas intervenções — nomeadamente de Jorge Carvalho — tiveram o seu quê de caricato neste reunião da Assembleia. Por exemplo, Jorge Carvalho irta «plagiar» a figura de Cortes (o cameraman censor de «Hermanitas») para criticar a posição da Câmara quanto ao plano de actividades. Por outro lado, acusaria a Assembleia de ser eco das decisões da Câmara e dizer sempre «sim» aquilo que a edilidade faz. Criticaria ainda a presença de Bártole na homenagem do Sporting Clube de Espinho a Manuel Violas, classificando-a como uma «atitude de bater palmas a determinados homenageados».

Posto isto, levanta-se ao nosso espírito bem humorado (também) uma questão. Não será que a posição de «crítico» à

Câmara e à Assembleia municipal se parece com a do censor Cortes?



Jorge de Carvalho: Cortes quanto basta

SILVALDE

A Junta de Freguesia de Silvalde pretende que o trajecto da carreira de transportes urbanos que serve a freguesia seja alterado por forma a servir os moradores da Rua de Miros.

Aquela pretensão foi já remetida à Câmara que, por sua vez, a endossou à sua Repartição Técnica e à concessionária dos transportes urbanos.

ESTRADA 109

Na sequência do nosso «dossier» sobre o morticínio no troço da estrada 109 que atravessa Silvalde, estamos em condições de anunciar que a Junta Autónoma de Estradas vai reforçar ali a sinalização.

Assim, e para além dos sinais de proibição de ultrapassagem já

TRANSPORTES URBANOS NA RUA DE MIROS

colocados, outros irão surgir quer impondo a redução da velocidade de circulação, quer prevenindo os automobilistas da passagem de peões.

Não é o que se queria mas, enfim, é alguma coisa. E o pouco que se faça para combater aquele morticínio é sempre muito.

AGÊNCIA LEI

ESPINHO — Av.º 24 n.º 751 — Telef: 720431
SANGUEDO — Telf: 7641243
FIÀES — Telf: 7643980

- DOCUMENTAÇÃO GERAL
- CONTABILIDADE: GRUPO A, B e C, EXECUTADAS NOS N/ COMPUTADORES
- ACTUALIZAÇÃO, INFORMAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE TODO O TIPO DE ESCRITAS

CASINO SOLVERDE ESPINHO



CINEMA
TEL. 720238

Hoje, quinta-feira, às 21.30 h
AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE — M/12 anos
Às 24 h — DO FUNDO DO CORAÇÃO — N.A.M/13 anos
Sexta-feira, às 15.30
AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE — M/12 anos
Às 21.30 h — A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO
2.ª PARTE — M/6 anos
Às 24 h — HERÓIS DO CÉU — N.A.M/18 anos
Sábado e até dia 7, às 15.30 e 21.30 h
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO
2.ª PARTE — M/6 anos
Sábado, às 24 h — LADRÃO PROFISSIONAL — N.A.M/18 anos
Domingo, às 11 h — Matinée Infantil
O CAVALO NEGRO — Todos

par... LAMENTO

PALMEIRAS VOTADAS AO ABANDONO

O caso é flagrante e foi-nos apresentado, em primeira mão, por Luís da Rocha e Carmo, funcionário dos Serviços Municipalizados, em recente entrevista concedida ao nosso jornal. A partir daí, dezenas de espinhenses, leitores assíduos, nos têm manifestado a sua apreensão pela saúde das mesmas palmeiras que são um verdadeiro «ex-libris» que orgulhosamente a cidade mantém com grande orgulho ao longo de décadas. O descontentamento geral, levou a solicitar-nos que, através da nossa colaboração no «DE», não descure uma chega pertinente ao problema, tendente a salvar uma das maiores belezas da «sala de visitas» espinhense. com ar tropical, que Espinho apresenta na Avenida Oito.

Com efeito, verifica-se que a carência de tratamento é um facto. O tronco começa a ganhar musgo e buracos, que no dizer dos «técnicos» é sinal de apodrecimento da árvore, se medidas imediatas não forem tomadas no sentido de «curar» se ainda for a tempo a terapêutica. Seria lamentável e uma perda de tomo, precisamente numa altura em que foi julgada de grande beleza paisagística a existência de palmeiras, levando à plantação de novas unidades são apenas na Avenida, como noutros locais citadinos.

Aguarda-se que o assunto seja devidamente estudado, interessando o Executivo municipal, com a prioridade que se impõe e o tratamento surja para que os espinhenses, que ainda amam a sua terra, possam suspirar de alívio e satisfação. — A. A.

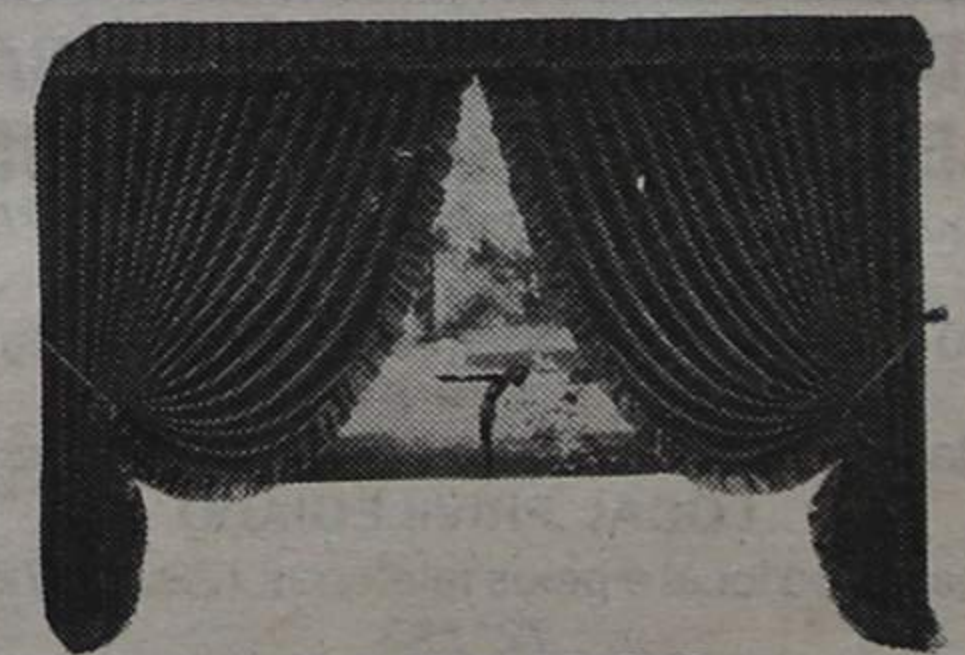
PEÕES «EMPURRADOS» PARA A RUA

Na Avenida 24, entre as ruas 29 e 31, todas as manhãs encontramos duas viaturas pesadas estacionadas, procedendo a descargas para uma empresa vinícola que ali existe. O que acontece é que, dado que se efectuam obras naquele quartelão, ocupando quase todo o passeio, os peões não têm outra alternativa senão circular pela Avenida 24, arriscando-se a atropelamentos ou a corridas rápidas. Por outro lado, é mais que sabido que a «24» serve para carregar no acelerador o que, à partida, coloca os transeuntes que têm de passar por aquele troço, em contantes sobressaltos. Sabe-se que é proibido estacionar naquela via. Portanto, nada mais há a fazer do que passar uma multazinha aos infractores.

LUSOTUFO

TAPETES - CARPETES - ALCATIFAS

Telefone 72005 — CORTEGAÇA



CASA DOS CORTINADOS

☆ CORTINAR ☆

DAMOS ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSOS

CONFECÇÃO E COLOCAÇÃO DE CORTINADOS
TECIDOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Avenida 24, n.º 285 — Telefone 723492
4500 ESPINHO

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA



Em Caracas, entro numa livraria e vejo na capa de um livro a foto de alguém que de quando em quando me entrava no quarto do hotel através do pequeno «écran» colorido da TV.

Chama-se Marcel Granier e é jornalista. Passo os dedos em meia-dúzia de páginas e páro para ler numa delas:

«Uma análise de trinta empresas do Estado revela que em

estrangeiro aumentou de forma preocupante, nomeadamente a seguir aos governos de Carlos André Perez e Luis Herrera Campins (1974/1983), sendo certo que nesse período o Estado teve lucros fabulosos graças o vertiginoso aumento dos preços do petróleo.

Hoje, está todo o mundo à espera de um «volte-face» económico que vai tardando. As

não está contente com o seu patrão, mude para a empresa tal. Você ali ganhará mais.»

E ganha-se muito dinheiro? — perguntarão.

Depende obviamente, da capacidade profissional do artista, mas a bitola normal dos ordenados nessa actividade ronda os 8.000 bolívares, o que traduzido para a nossa moeda, dá mais de oitenta mil escudos, podendo,

VENEZUELA UM GRANDE PAÍS

UM TRABALHO DE ÁLVARO GRAÇA

TRABALHO INCOMPLETO

São ao todo vinte páginas de texto e ilustrações. É a reportagem e o diálogo, fruto de um contacto de muitos dias com a capital de um grande país — de um país rico mas endividado, mas cujas potencialidades lhe vão permitir, a curto ou a médio prazo, a desejada recuperação económica.

Falamos de Caracas e da Venezuela, onde labutam milhares de portugueses do continente e das ilhas e onde a região de Aveiro, em geral e a terra espinhense em particular, estão larga e condignamente representadas.

Saber um pouco da vida desses compatriotas, quem são e o que fazem num país distante mas amigo, que lhes abriu as portas e lhes deu trabalho e pão, foi o nosso objectivo. Naturalmente que

se tornou impossível ouvi-los a todos. O tempo de que dispunhamos não deu para mais.

Por isso este trabalho não está completo. Sabemo-lo bem. No entanto, fica desde já a promessa de novos contactos em próxima deslocação.

Resta o agradecimento a alguns bons amigos que fomos encontrar em Caracas. Sem eles as dificuldades teriam sido bem maiores. Não citamos os seus nomes para evitar melindres. Todos foram excepcionais na colaboração que nos prestaram, prejudicando tantas vezes a sua vida profissional e privada para servirem de nossos cicerones.

Para todos deixamos aqui um abraço de muita amizade e reconhecimento.

1971 perderam, em conjunto, 1.031 milhões de bolívares. Essa cifra se quintuplicou em 1979, quando as perdas foram de 5.700 milhões e tudo parece indicar que se duplicou novamente de 1980 e em 1982».

E ainda: «A um ritmo parecido se há incrementado a burocracia que contamina todo o aparelho do Estado: os 350.000 empregados públicos em 1973 eram 700.000 em 1979 e mais de um milhão em 1984.»

É generalizada a opinião (e a acusação) de que a administração de algumas das maiores empresas nacionais se confiam normalmente aos políticos sem preparação profissional e não às pessoas de reconhecida idoneidade técnica. Lá como cá...

Estas citações têm uma intenção: revelar uma das causas porque a Venezuela atravessa neste momento e desde há tempos, grave crise económica, a constituir preocupação para muita gente, incluindo (naturalmente) os milhares de emigrantes portugueses.

Denuncia o mesmo livro de Marcel Granier que o Instituto Nacional dos Portos aumentou de 6.000 a 20.000 empregados entre 1976 e 1980, em 1982 se denunciou terem sido pagos salários de 30.000 bolívares mensais «a obreiros não classificados. Em meados de 1980, 10.000 obreiros cobraram sem trabalhar, ao Instituto Municipal Urbano (os que recolhem o lixo) e foi necessário contratar 2.000 pessoas para que realizassem os labores desses privilegiados do repouso.»

Em Caracas, o que mais irrita o cidadão honesto e trabalhador é o facto de «haver muitíssima gente a viver à custa do Estado, sem que em troca produza um trabalho lucrativo».

Lá, no espaço de oito anos, emntre 1973 e 1981 o sector público incrementou o emprego em 66%, passando de 550.000 para 928.000 o número de empregados, enquanto no mesmo espaço de tempo o sector privado apenas aumentou 28%. No entanto e apesar de tal diferença, os serviços públicos continuam deficientes como sempre.

Foi por influência dessa errada e poltigueira administração pública, que a dívida do país ao

grandes empresas construtoras (para nos referir, apenas, a um sector de influência na economia do país) têm dificuldade em venderem o que constroem, não tanto pela falta do poder de compra, mas sobretudo porque nem todos se arriscam a enfraquecer as suas algebras. Nunca se sabe o que poderá acontecer amanhã...

Mas, como diria um emigrante espinhense, radicado em Caracas há dezena de anos, é bastante mais fácil viver na Venezuela do que em Portugal. Ali quem quiser trabalhar honestamente, não tem problemas de colocação. Ganha-se dinheiro em qualquer actividade. A questão é que vá com disposição para trabalhar e sacrificar-se se necessário for.

Há actividades que lutam com falta de bons artistas. A carpintaria é uma delas.

O pedido de contratação de bons carpinteiros para firmas lusas, é feito com frequência nos programas de rádio de expressão portuguesa. Ouve-se a cada passo este «slogan» curioso: «Se

ainda, fazer horas extraordinárias.

Não fora a «insegurança» social que se vive na Venezuela, onde à saída do metro, do restaurante ou do hotel se está sujeito ao assalto e ao roubo, quando não mesmo a ser morto (se se resistir), e o país seria maravilhoso para se trabalhar e para se viver. Mesmo assim, se perguntarem a muitos dos nossos emigrantes qual o país que preferem (se Portugal, se a Venezuela), eles não hesitam em optar pela pátria de Simon Bolívar.

Foi nela que esses emigrantes adquiriram um grau de cultura que aqui não tinham possibilidades de conseguir; foi nela que muitos deles alcançaram a sua independência económica, que lhes permite regressar à terra onde nasceram sem problemas desse tipo; foi nela, finalmente, onde nasceram os seus filhos e onde muitos deles vão ser os dignos sucessores de seus pais na administração de grandes ou pequenas empresas.

Um grande país, apesar de tudo.



RETRATO

Area	912 050 Km2
População	14 723000
Capital	Caracas
Moeda	Bolívar
Analfabetismo	22,3%
Idioma	Espanhol

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: A Venezuela limita ao Norte e Nordeste com o mar das Antilhas e o oceano Atlântico (2.816 Km), ao leste com o Estado da Guiana (743 Km), ao Sul com o Brasil (1.495 Km) e a Oeste com a Colômbia (2.219 Km). Reclama da Guiana 150.000 Km.

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

ALFOMBRAS FATA

É OBRA DE ESPINHENSES

A Fábrica de Alfombras FATA, criada por um espinhense de Silvalde, a que três dos seus filhos vêm dando continuidade, foi a empresa mais distante que visitámos. Fica a uns trinta quilómetros do centro de Caracas, em

De véspera, no Centro Português, um dos filhos do fundador da empresa, o José, havia-nos ensinado o caminho. E nós, no dia seguinte, lá aparecemos.

De baixa estatura, as instalações da FATA são, no entanto,

(mais de 70 anos) e uma vida de sacrifícios, deram-lhe jus ao descanso. O sr. Manuel Gomes de Oliveira (Figueiras) sente-se orgulhoso de ver que a empresa que criou tem bons continuadores.

A FATA é uma Companhia Anónima, de que Manuel Gomes Dias de Oliveira (Figueiras Filho) é o presidente. Ele é o irmão do meio, em idade. O mais velho é o José, e Aires o mais novo.

Andaram os três no Mosteiro de Singeverga, em Santo Tirso, depois que completaram a instrução primária, em Silvalde.

Aires nasceu em Novembro de 1940. Completou, portanto há pouco tempo, 44 anos de idade.

Fez a quarta classe na Escola do Cruzeiro, em Silvalde. Oliveira era o seu professor. «Era um homem alto. Já morreu».

Juntaram-se os três no Mosteiro. «Foi a nossa madrastra que nos mandou para lá. Eu tinha três anos quando minha mãe morreu».

Ao fim de seis meses regressou a casa e foi trabalhar para a fábrica do tio, em Paramos. «Era uma fábrica de fazer capachos, onde estive cerca de um ano».

O tio chamava-se António Maria Ferreira. «Pagava-me 6\$00 por dia».

Eram ao todo cinco irmãos — três rapazes e duas raparigas. Uma destas (hoje uma senhora) está na Venezuela; a outra, em Silvalde. Em Janeiro de 1956, o Aires partiu para Caracas, onde já se encontrava o pai. A madrastra ficou em Espinho a olhar pelo negócio dos capachos. A

viagem durou 11 dias e foi feita de barco, no «Vera Cruz». Pagou-a o pai, que foi quem o chamou.

A fábrica que o seu progenitor havia fundado, situava-se na Califórnia, em Caracas. Mas o Aires não chegou a ir para lá. Foi, isso sim, para uma outra, em Cauca-guita, que é hoje de outra Companhia.

A sua mudança para Guaremas, onde se encontra, deu-se em 1958. «Acompanhei sempre o meu pai».

Não ganhava nada. Trabalhava praticamente por aquilo que comia. «Não dava para mais. Foi um período muito difícil. Só muito poucos usavam alcatifa em casa. A maior parte dos solos eram de terra. As casas de maior nível situavam-se no silêncio».

Aires Dias de Oliveira é casado com Maria Rosa de Oliveira Maia, sua vizinha de Silvalde e tem dois filhos nascidos na Venezuela: Yeiner Aires, de 9 anos e Manuel Anderson, de 6.

JOSÉ DIAS DE OLIVEIRA

José Dias de Oliveira também nasceu em Novembro, mas um ano antes do Aires, em 1939. A sua infância passou-a em Silvalde. Depois, como os irmãos, foi para o Mosteiro de Singeverga. Pretendiam, à força, que eles fossem padres. Mas, quanto ao José, por exemplo, «não passei nenhum ano. Era só comer, beber e jogar a bola».

Quando regressou a casa, foi trabalhar para a casa do Fontes, no Souto, em Silvalde. Pagavam-lhe 7\$50 por dia, o que não era muito mau para a época.

A seguir passou para casa do tio António Maria Ferreira, que está no Brasil e tinha também uma casa de tapeçaria. O José quando saiu de lá, com 18 anos, estava com 17\$50.

Da Venezuela o pai chamava-o, para a sua fábrica de alfombras. E como já lá se encontrava o irmão Aires, José não hesitou. Chegou a Caracas no dia de enganos do ano de 1957. Também não ganhava nada de começo. A única recompensa era a comida e a dormida.

Ele acompanhou toda a trajetória profissional do pai e do irmão que o antecedeu na viagem. Era ainda muito jovem e não tinha experiência. Daí que se limitava a observar, para um dia mais tarde poder tomar decisões conscientes e firmes.

José Dias de Oliveira casou com uma senhora de Mira de Aire, de nome Arménia Maria Pessegueiro Duque, da qual tem cinco filhos, todos nascidos na Venezuela: José Manuel (17 anos), Francisco Xavier (15), Adriano Alberto (13), Maria Isabel (11) e Maria da Conceição (7 anos).



Sem vocação para o sacerdócio, Manuel voltou-se para a indústria, onde viria a triunfar com os irmãos

MANUEL GOMES DIAS DE OLIVEIRA

Manuel foi, como já dissemos, o último a chegar a Caracas. Aconteceu isso em Dezembro de 1957, completaram-se há pouco tempo, 27 anos.

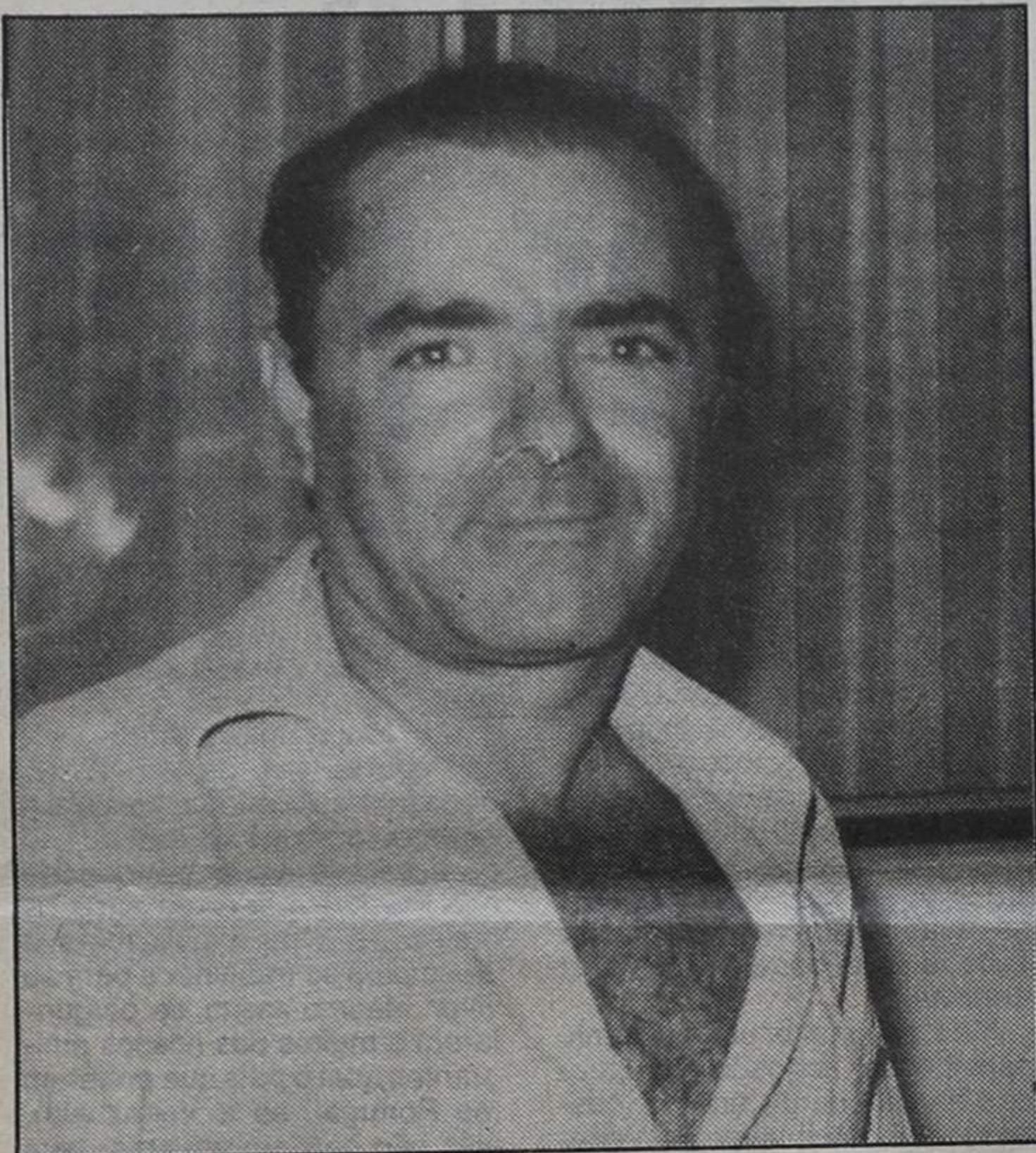
A seguir à instrução primária, foi para Singeverga, onde esteve cerca de cinco anos. Atingiu, pois, um grau de cultura mais elevado que os irmãos. Mas sentia-se contrariado, sem vocação para seguir a carreira de sacerdote.

Depois que o pai foi para a Venezuela, em 1951, o Manuel

sentiu também a necessidade de emigrar. Se os irmãos já lá estavam, porque razão deveria ele continuar por cá? Demais que a madrastra estava à frente da pequena indústria que o pai havia deixado em Silvalde.

Chegou a Caracas em Dezembro de 1957. Ele julga ter sido útil nas funções que lhe atribuíram. Criou modelos que ainda existem na empresa. Concluiu que o pai necessitava da ajuda de todos os filhos. Por isso lhe deu a máxima colaboração.

(Cont. na pág. 16)

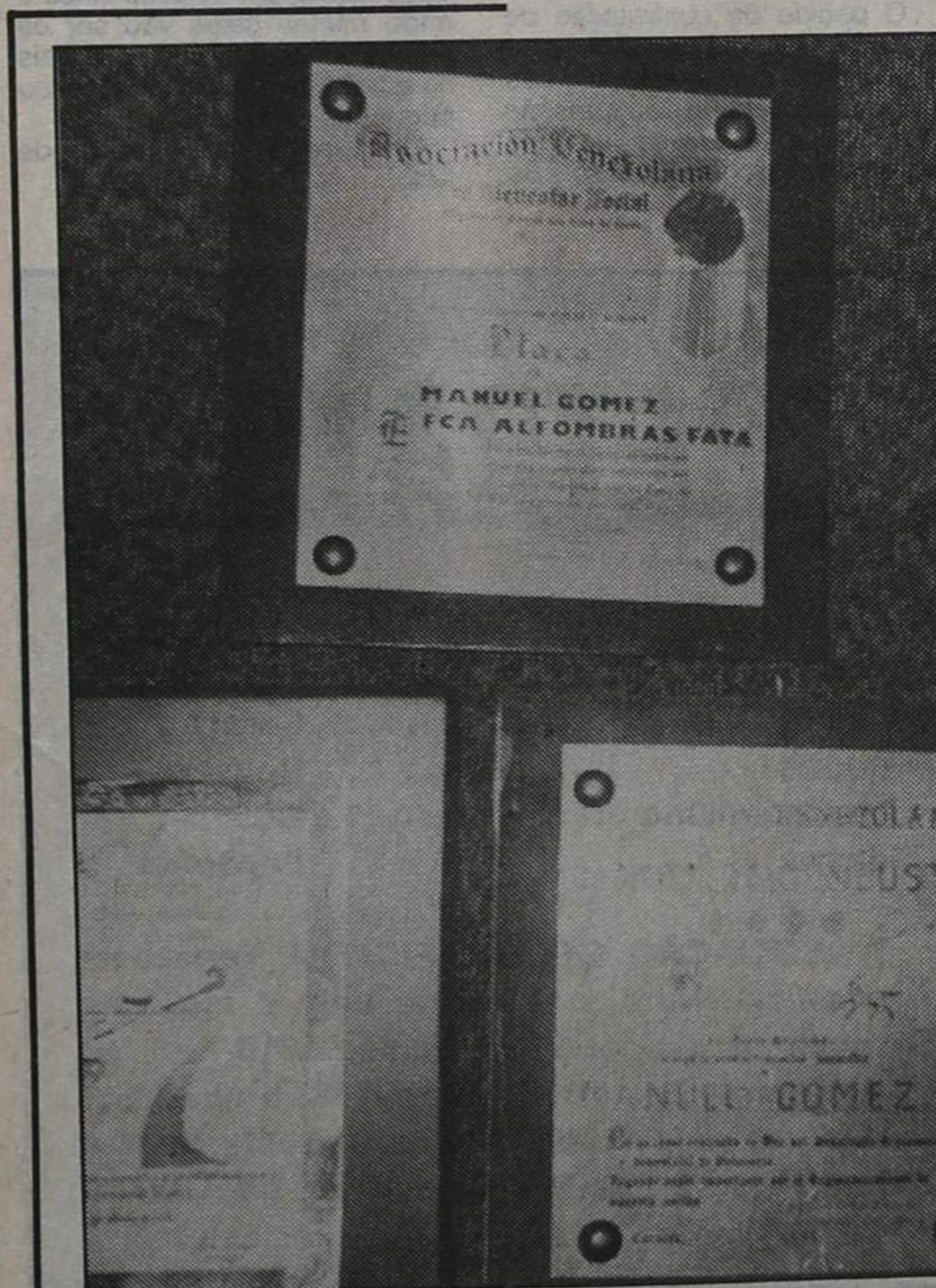


José chegou a Caracas em dia de enganos...

Guaremas, na Urbanização Industrial de El Marqués.

Os transportes colectivos passam ao largo e, de táxi, não é assim tão barato como isso.

amplas. Os sócios (que são irmãos, como dissemos) vivem ali ao pé, assim como o pai que, praticamente, já não faz nada na empresa. Com a idade que tem

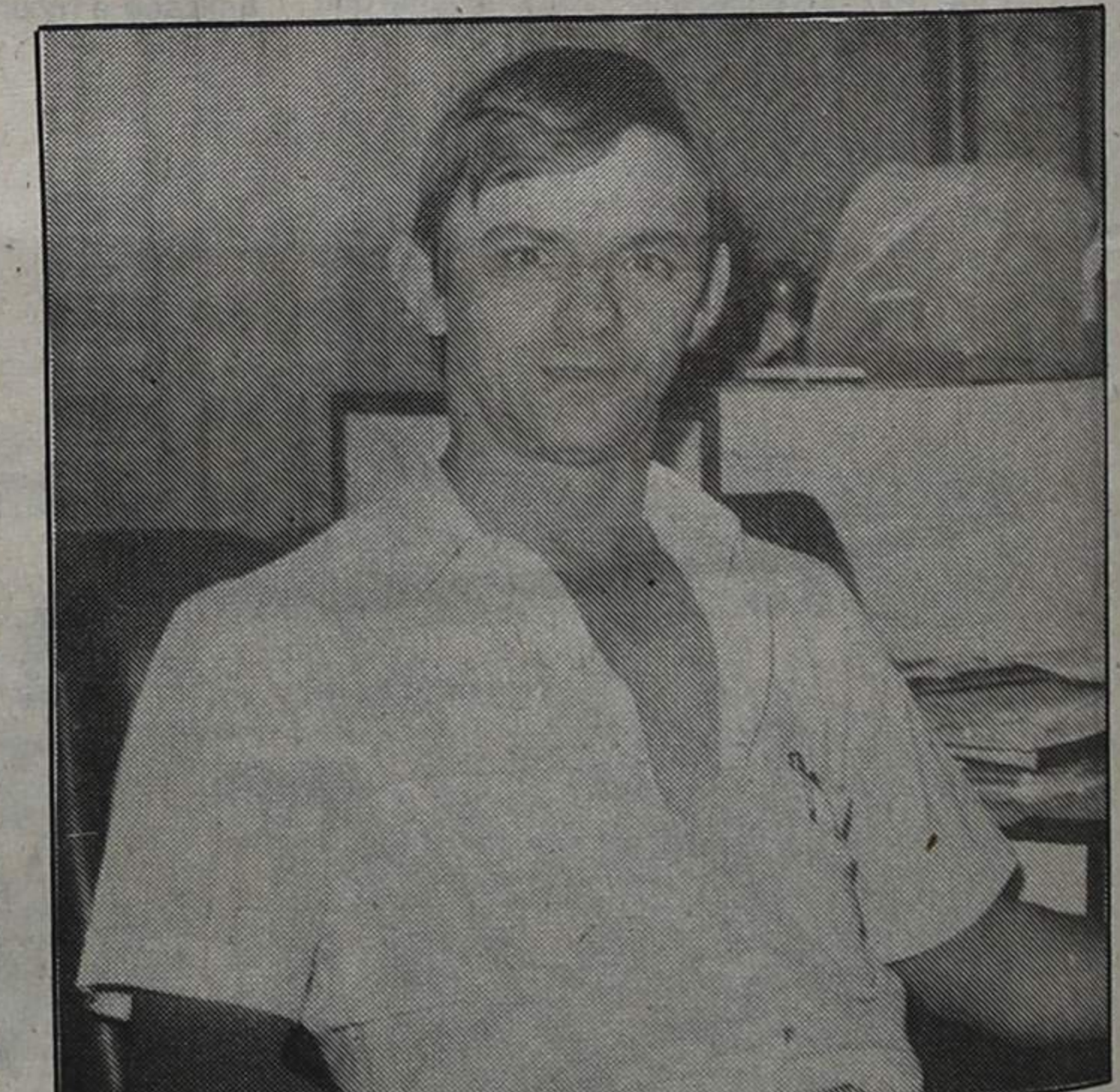


DOCUMENTOS QUE VALEM OURO

Na Venezuela como em Portugal, os governos não deixam de distinguir as empresas e os seus gestores que por isto ou por aquilo ganharam jus a essas distinções.

A FATA está, também, nesse número. Lá em cima, nos escritórios da empresa e por detrás da secretária do presidente Manuel Figueiras, há placas cujos textos gravados são a demonstração cabal do apreço em que é tida pelas autoridades venezuelanas, a actividade da Companhia constituída por três irmãos de Silvalde.

São documentos que valem mais do que dinheiro, os quais representando um estímulo para os dirigentes actuais da FATA, deverão constituir igualmente incentivo e orgulho para os vindouros.



Aires, o mais novo dos irmãos, foi o primeiro a emigrar

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

A NOSSA RÁDIO EM CARACAS

«CANTINHO DA SAUDADE» E «ONDAS DE PORTUGAL»

A Informação radifónica em Caracas, de expressão portuguesa, está confluída há muitos anos a dois «espinhenses», nas pessoas de Ernesto Couto e Fernando Santos. Um terceiro produtor, mais voltado para o desporto, é da Mala e chama-se Adelino Oliveira.

As emissões são transmitidas desde a Rádio Libertador, situada no centro da cidade, próximo do Silêncio.

Entre as 7 e as 8 da manhã, Fernando Santos produz em directo o seu programa e, à tarde, entre as 3 e as 4, é a vez de Ernesto Couto, também em directo, colocar no «ar» «Panorama Português».

Eles têm cada qual a sua história, mas que no fundo se assemelham pelas dificuldades que tiveram de enfrentar até chegarem à posição que hoje ocupam na vida venezuelana.

Fernando Santos foi criado em Argoncilhe «dentro dos princípios de pobreza resultantes das carências económicas de meus pais».

Estes, depois, viriam a descobrir um filão de volfrâmio, de modo que o Fernando pôde continuar os estudos para além da quarta classe. Assim, foi para o Colégio dos Carvalhos, até ao terceiro ano, vindo a seguir para Espinho, para o Colégio de S. Luís, cuja direcção estava confluída ao padre Costa, dr. Pinto Correia, dr. Marmelo e Silva e dr. António Neves. Completou aí o 7.º ano.

Depois, foi à tropa «e eu fui para Torres Novas, onde estive um ano, como sargento». Os últimos seis meses passou-os num quartel em Coimbra.

Tinha 21 anos quando casou com Adelaida Sousa Ribeiro, uma jovem senhora de Nogueira da Regedoura. Estávamos em 1950. Fernando contava, então, 22 anos de idade. Os r.

António Pereira dos Santos, seu pai, encontrava-se na Venezuela, onde chegara cerca de dois anos atrás e onde abria um estabelecimento de sapataria. Inesperadamente o filho

decidiu ir ter com ele. Foi como turista. «Em Caracas estava um rapaz de Argoncilhe, de nome Germano Tavares, já falecido. Dedicava-se à construção civil e foi ele que me deu trabalho. Mas o que eu passei e o que eu chorei». Ganhava, então, 600 bolívares. A passagem ficou-a a dever à mãe. Custou vinte e tal contos.

Ah! Faltava dizer que o Fernando não foi directo a Caracas. «Meteu» pelo Brasil, indo sair a Belém do Pará. Quando chegou à capital da Venezuela levava um dólar no bolso!

Esteve dois anos na construção civil, com o tal empreiteiro de Argoncilhe. Depois foi vender uma idela à Cervejaria Caracas, a qual consistia em aquela empresa vir a patrocinar um campeonato de futebol entre pensões exploradas por portugueses.

Disseram-lhe para ele passar por lá alguns dias depois. Assim fez. Algo céptico, temendo o pior (a reprovação da sua idela), Fernando Santos ficou radiante quando o convidaram a ingressar na empresa.

Finalmente, iria conseguir um emprego compatível com as suas habilitações. Não fora em vão que estudara até ao sétimo ano...

Passou a ganhar na empresa 800 bolívares, ingressando no departamento de publicidade e relações públicas. Ai meteu rapazes portugueses a trabalhar com ele.

Durante os oito anos que esteve na empresa foi também promotor de vendas e, nessa actividade voltou a ter «ideias originais» e compensadoras. Nos estabelecimentos onde eram vendidas cervejas, em especial nos bares, Fernando Santos «subornava» as funcionárias, dando-lhe boas gorjetas para que elas vendessem cervejas da sua empresa. Era líder destacado na venda do produto e, como tal, muito querido pelos responsáveis.

Nove anos depois da sua chegada à Venezuela, deu-se a grande reviravolta profissional com mudanças de actividade.

Estávamos em 1959. Camilo Tavares, «que viria a ser mais tarde o braço direito de Henrique Galvão no assalto ao Santa Maria, convidou-me a fazer programas na rádio».

E ele foi. Começou por fazer uns comentários sobre futebol e agradou. A actividade era aliciante. Por isso decidiu abandonar a empresa de cerveja para se dedicar exclusivamente à rádio. Produzia e angariava publicidade. A vida passou a correr-lhe melhor.

Em 1962 veio a Portugal, o que acontecia pela primeira vez desde que tomou o rumo da Venezuela. E não resistiu. Durante duas épocas balneares trabalhou em Espinho, no Picadello, até que em 1964 regressou em definitivo a Caracas. Recordou que «me lancei na rádio com todas as baterias. Fiz, inclusive, TV». As transmissões do 10 de Junho, dirigidas à colónia portuguesa, foram da sua responsabilidade directa. Na rádio, chegou a fazer dois programas diários e três ao domingo. Nestes últimos, dois eram de índole desportiva. Teve um programa no ar durante vinte anos que se intitulava «Assim é Portugal». Esse programa acabou em 1980, devido à emissora ter mudado de onda.

O seu programa «Cantinho da Saudade» vai fazer vinte anos. Vai para o ar todos os dias. Fernando Santos considera-o «o melhor programa da manhã». E diz: «Sou o despertador matinal da colónia».

Contou que uma vez foi ao Junquito, uma localidade a trinta quilómetros de Caracas, com 2.000 metros de altitude e, quando se dirigia a um estabeleci-

mento para comprar cigarros, alguém o identificou pela voz: «Este senhor fala na rádio. É o senhor Fernando Santos».

De facto, não se enganou. Aliás, segundo revelou, episódios semelhantes acontecem com frequência.

Em 1974 Fernando Santos passou também a dedicar-se à indústria de óptica, de que é proprietário de três estabelecimentos em Caracas. É o único português que se dedica a esse ramo de actividade. A vida corre-lhe bem.

Também é radioamador e, nessa qualidade, tem contactos frequentes com Portugal e com vários amigos.

De quando em quando vem a Espinho, onde passa algum tempo. Viaja mais vezes até aqui do que muitos de nós a Lisboa...

ERNESTO COUTO

Ernesto Couto está na Venezuela há vinte anos — completados em Novembro do último ano.

Tendo nascido em Anta, a sua infância passou-a, no entanto, em Silvalde, por conveniências familiares.

Revelou-nos que sempre teve a idela de emigrar, especialmente para Angola ou Moçambique. No entanto,



Enquanto uma locutora da Rádio Libertador atende o telefone, Fernando Santos dá «notícias frescas» aos portugueses de Caracas

tiva, esse amigo mandou-lhe a carta de chamada para Espinho. Uma vez cá na terra, Ernesto Couto deu curso à documentação necessária para poder entrar na Venezuela. Era num tempo em que tudo era mais fácil se a pessoa apresentasse um documento comprovativo de qualquer especialização profissional. E ele apresentou. Sabem de quê? De técnico de caldeiras!

Em 1 de Novembro de 1964 chegava a Caracas, indo trabalhar com um tio, na indústria metalomecânica.

como funcionário de escritório e administração. Ai, teve a seu cargo a feitura do boletim informativo da colectividade, com saída mensal. Muitos dos artigos nele inseridos eram de sua autoria. O boletim tinha todo o aspecto de revista e era impresso em óptimo papel, com capa a cores.

Mais tarde deixou de ser funcionário do Centro para passar a desempenhar o cargo de vice-presidente da direcção. E é nessa altura que começa a dedicar-se à rádio, como produtor. A sua experiência, nesse campo, não era praticamente nenhuma, mas no campo jornalístico era bastante. Isso ajudou. Em Silvalde, Ernesto Couto foi correspondente de «O Comércio do Porto», do extinto «O Século», de «O Norte Desportivo» e do «Correio da Feira». Colaborou, ainda, na «Voz de Portugal». Em Caracas dá a sua colaboração ao «Lusitano», depois de a ter dado a outras publicações de expressão portuguesa, já extintas.

A sua estreia na rádio foi na «Tropical», com um programa aos domingos, que ainda se mantém.

O seu programa «Ondas de Portugal» tem 18 anos ininterruptos e é produzido de segunda-feira a sábado.

O escritório da sua residência, situada num belo ponto da cidade, está cheio de placas, diplomas e condecorações. Recebeu, por exemplo, a Ordem Francisco Miranda (mérito ao trabalho); placas e diplomas do Centro Português, da Associação Desportiva Venezuelana, da Câmara do Comércio Luso-Venezuelano, do Governo de Caracas e tantas outras.

Recentemente foi nomeado correspondente da RDP na Venezuela.

Ernesto Couto participou em vários congressos da Imprensa portuguesa no mundo.

ERNESTO COUTO E FERNANDO SANTOS

— DOIS «ESPINHENSES» NA RÁDIO DE CARACAS

como nos tempos de Salazar se tornava difícil esse tipo de emigração, teve de afastar a idela e pensar noutros destinos.

É assim que foi parar a Frankfurt, na Alemanha, para aí tentar conseguir um curso sobre química, na Bayer. Mas não teve sorte. Nessa empresa não podia entrar sem estar devidamente legalizado. Mas já que estava no país, foi, a conselho amigo, até Hamburgo, onde visitou a Embaixada de Portugal a solicitar emprego. A resposta foi um «não» desmorlizante, como são todas as respostas negativas quando se faz qualquer pedido.

Conhecedor do seu drama, uma família alemã conseguiu-lhe uma colocação numa empresa distribuidora de filmes. Até que, poucos meses volvidos, um amigo em Caracas (Fernando Alves Pinto) lhe dirigiu a pergunta se ele estava interessado em emigrar para a Venezuela. Claro que estava e, perante a resposta afirma-

Mas sentia-se deslocado. Essa não era a sua profissão. Ao fim de três meses disse ao tio que «queria voar mais alto», acrescentando que o vencimento que ele lhe dava era superior em relação ao que produzia.

Por isso se despediu, ingressando então numa empresa de contabilidade. Era o único português na empresa onde, aliás, cedo se impôs pela sua capacidade de trabalho. Chegaram a estar sob a sua responsabilidade trinta contabilidades de outras empresas. O seu ordenado mensal era de 500 bolívares.

Um pouco mais tarde e através de um seu amigo (ex-dono do restaurante Cabana, aqui em Espinho), conseguiu colocação numa empresa de plásticos e como encarregado de armazém. Ganhava, então, 800 bolívares.

Mas sempre inconformado com a situação, foi em meados dos anos sessenta para o Centro Português,



Para Moura da Silva (e para muitos como ele) «dá» mais ser industrial do que ser jornalista

JORNALISTA «VIROU» CONSTRUTOR

All, junto da sua «oficina» (é assim que são designados os escritórios das empresas) o «nosso» Rufino Cardoso fez as apresentações: «Este (o autor destas linhas) é fulano e este (também) já foi jornalista.

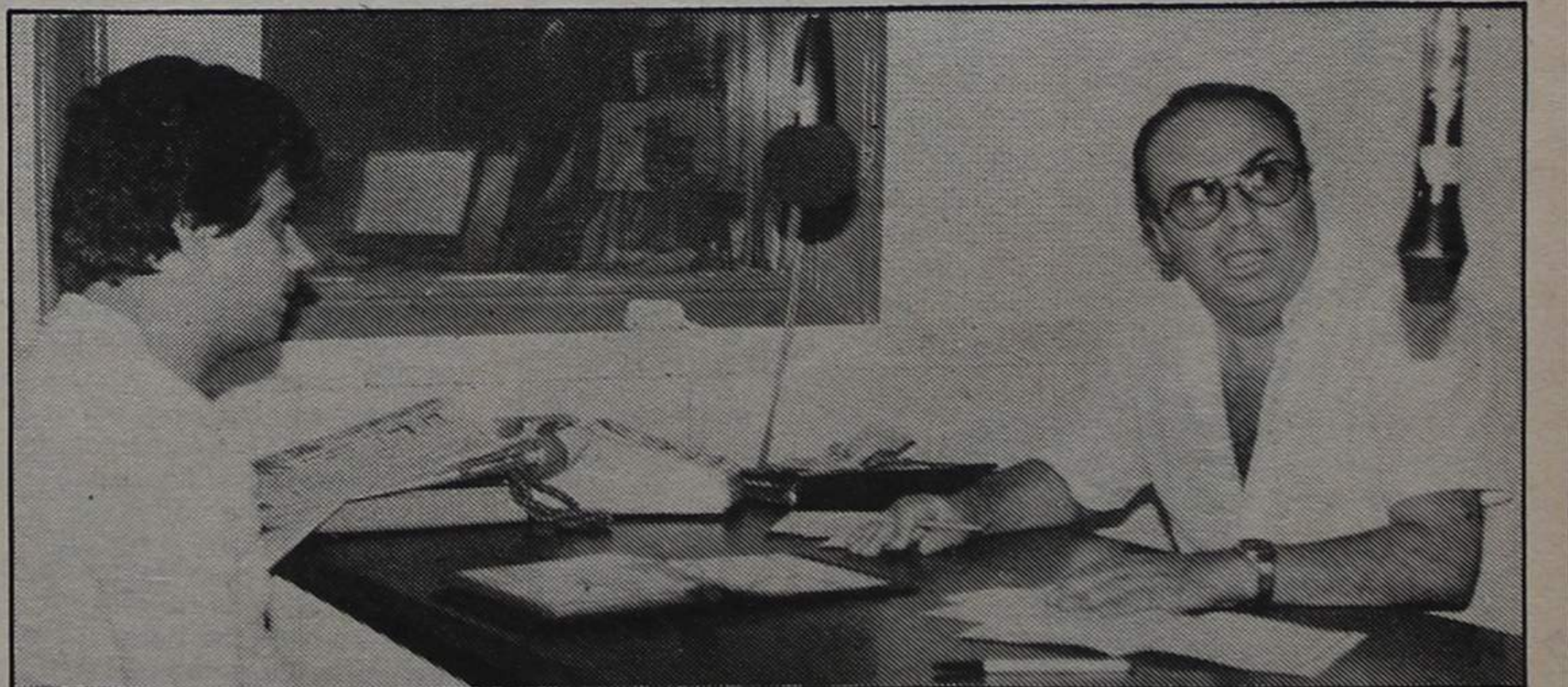
Era um homem magro, aparentando cerca de quarenta anos (tem 43), de mãos caledas, barba por fazer, vestindo modestamente. Disse chamar-se Moura da Silva e ter trabalhado na delegação do Porto do Vespertino lisboeta «A Capital».

Dissemos-lhe que também lá havíamos trabalhado, como repórter, a seguir à extinção do «Diário do Norte».

Ele sucedeu-nos, sem que alguma vez tivéssemos trabalhado juntos. Esteve em «A Capital» até 1974.

Depois... «Depois vim para a Venezuela». Aquilo não dava para eu viver. Em Nogueira da Regedoura, donde sou natural e onde tenho mulher e filhos, conhecia alguns amigos que aqui se encontram a trabalhar. Foi assim que vim parar a Caracas, onde exerce a actividade de construtor civil. Sou um pequeno industrial, mas ganho mais num mês do que ganhava num ano em Portugal, como jornalista.

Moura da Silva é pai de oito filhos, três dos quais vão passar a fazer-lhe a companhia.



Quando deixar Caracas, Ernesto Couto já tem substituto: seu filho Orlando Manuel que, como vemos, já participa em emissões

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

«SERVIR A COMUNIDADE PORTUGUESA» É A LEGENDA DA AGÊNCIA ATLAS

A Agência Atlas é uma sociedade anônima cuja legenda principal é «servir a comunidade portuguesa», o que vem fazendo desde 1960. Está prestes, portanto, a comemorar as bodas de prata da sua fundação, o que sucederá no próximo mês de Fevereiro.

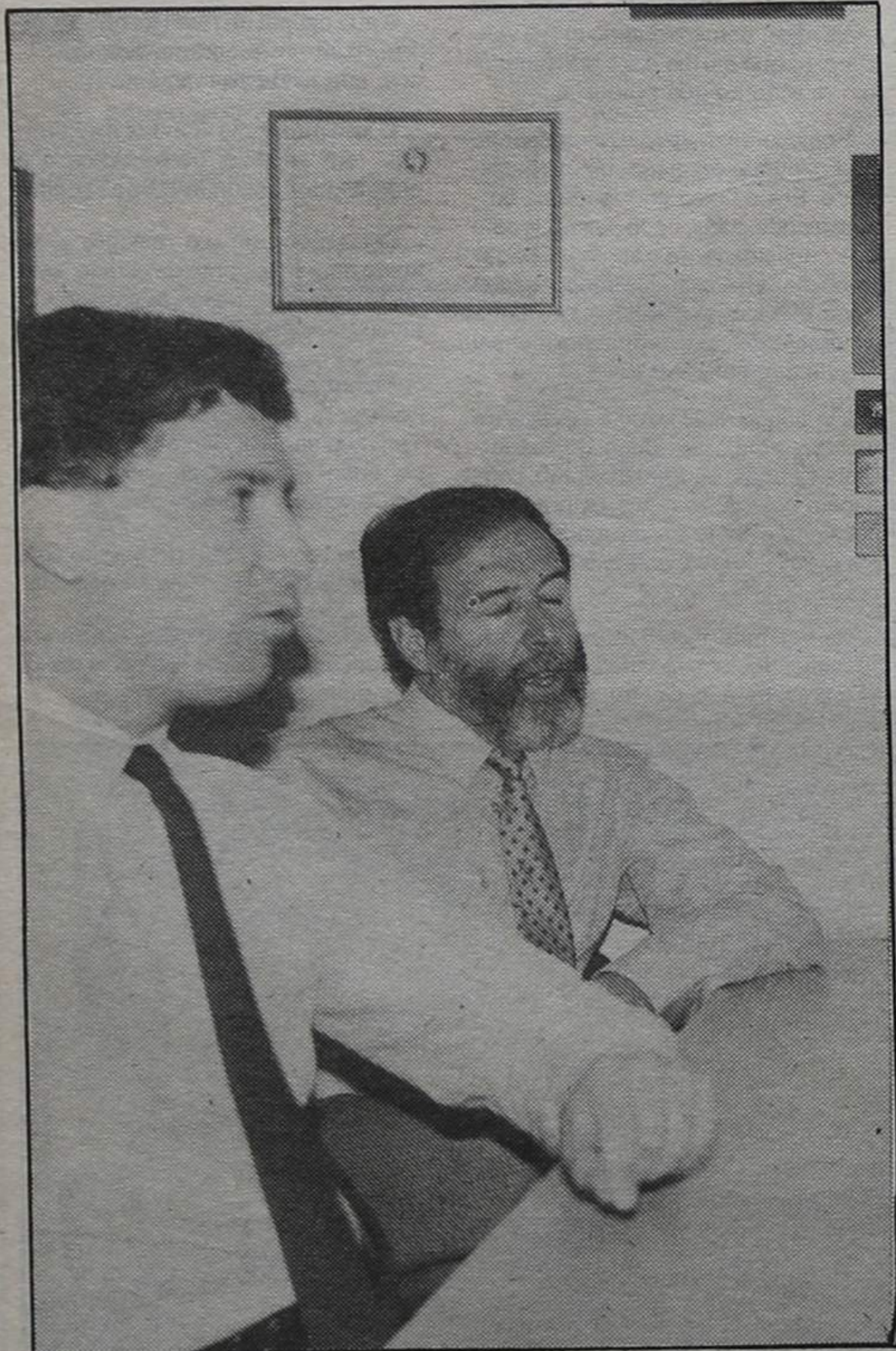
Situa-se na zona mais portuguesa de Caracas, em Calendária, no edifício Pozo Azul, construído por portugueses, na quadra que vai de Manduca e Puente Yanez.

O seu fundador foi João Neves, que a dirigiu até 1974. Era construtor, com «oficina» na mesma rua e não muito longe da agência, de que agora é cliente. Nesses tempos não se viajava tanto como agora. Os poucos que conseguiram emigrar só muitos anos mais tarde é que dispunham de dinheiro para visitar a família que ficara por cá.

Por isso, as agências viviam com sérias dificuldades. Não é que nos momentos que correm, tudo sejam rosas, mas aqueles tempos eram sem dúvida um pedaço mais difíceis.

O movimento da «Atlas» durante os primeiros catorze anos ressentiu-se, por isso mesmo, desse facto. A sua actividade era frouxa, embora tenha servido para, aos poucos, ir cimentando um nome hoje com prestígio na capital venezuelana.

Se em 1974 se registou



Moreira da Silva à direita e Avelino Silva são os líderes da Agência

um «safanão» na actividade da agência, com a constituição de uma sociedade formada por M. de Sousa, Joaquim Hernâni Moreira e José Fernando Moreira da Silva, em 1981 esse «safanão» foi ainda mais positivo.

Nessa altura foi constituída uma nova sociedade com estes elementos: José Fernando Moreira da Silva, de Grijó; Avelino Alves da Silva, de Oliveira de Azeméis; Manuel da Silva Espada, de Cantanhede; Avelino Ferreira Faria, venezuelano, mas filho de pais portugueses do Funchal; e Fernando Gonçalves Rodrigues, de Lisboa.

Os dois Avelinos entraram para a agência, como empregados, em Janeiro de 1978 e Fernando Rodrigues, em Abril de 1980.

Segundo opinião manifestada pelos responsáveis, a «Atlas» superou em resultados, tudo quanto se podia esperar da sua actividade.

Assim, o seu movimento durante o ano que agora chegou ao fim, ultrapassou (calculem!) os oitocentos mil contos!

Quais as empresas em Portugal, com movimentos de tão elevado nível financeiro? Nas épocas chamadas de ponta, entre Julho e Agosto e, mais tarde pelo Natal, não há mãos a medir. A sala torna-se pequena para atender tanta gente ao mesmo tempo. Os telefones não deixam de tocar.

TAP, Viasa e Ibéria são,

por esta ordem, as companhias de aviação que mais clientes recebem da Agência Atlas. Sucadem-se a Varig (no mercado brasileiro), Pan America e KLM. A assistência que lhes é dada, muitos dias antes do embarque, é eficiente, para que no momento da partida esteja tudo em ordem.

Quem está à frente da «Atlas», tem de fazer por vezes o papel de conselheiro. Não poucas vezes são solicitados para darem opiniões e conselhos sobre as questões mais diversas, incluindo até de ordem sentimental!

Sem saber com quem devem resolver determinados problemas, clientes da agência, que são simultaneamente amigos de quem exerce a sua actividade, vão ali, muitas vezes, não tratar de uma viagem, mas aconselhar-se sobre os passos que devem dar em determinadas situações. E eles, os da Agência Atlas, têm tido remédio para tudo!

Filho de uma espinhense (que era vareira e está na Venezuela), José Fernando Moreira da Silva tem também uma pequena história de emigrante.

O pai trabalhava nos Móveis Reis, aqui em Espinho. De Grijó veio morar para a Mata, pelo que o José Fernando, na altura própria, passou a frequentar a escola situada próximo da Tourada. Ainda na instrução primária, passou-se para a escola da Feira, tendo a ensinã-lo o professor Henrique. Terminou

aqui os seus estudos no Colégio S. Luís, situado nas esquinas das ruas 28 e 31, de que era director o padre Costa.

O pai, que pretendia dar ao filho, um bom futuro, meteu-o no Seminário da Formiga, em Ermesinde, mas viria a sofrer a decepção de o rapaz não ter vocação para «aquilo». Dai que o José Fernando não esteve no seminário mais do que nove meses.

A sua etapa a seguir foi a Venezuela. Partiu na companhia da mãe, ao encontro do pai. Porém, a sua vida em Caracas, não foi nada fácil. Ele apanhou, ainda, todo o período negro da transição da chamada ditadura para a chamada democracia. Nem nessa altura havia efectivamente ditadura, nem agora existe democracia, segundo opiniões generalizadas durante os vinte e tal dias que estivemos de novo em Caracas. De qualquer modo, José Fernando foi uma das vítimas dessa situação política. Ele e muitos outros portugueses e venezuelanos. Até entrar para a Agência Atlas, ele esteve como empregado de padaria, de um supermercado e de uma

fábrica de camisas. Foi, ainda, vendedor de discos, ao serviço do ovarense já falecido, Arlindo Silva. Em todas essas actividades ele sentia que estava deslocado. Não havia acertado com nenhuma em tantos anos!

Até que um dia ingressou na Agência de Viagens Pirineus, situada na Avenida da Universidade, em Caracas. E, então, sentiu que tinha acertado. Finalmente! Ai ganhara o traquejo suficiente para vir a ingressar na empresa de que é gerente e onde existe um excelente ambiente de trabalho. José Fernando Moreira da Silva tem 43 anos de idade, é casado com Maria Fernanda da Silva e Sousa, de Nogueira da Regedoura e tem cinco filhos, todos venezuelanos: Ulisses José (18 anos), Vítor Manuel (17), Raul (14), José Fernando (7) e Rui Fortunato (3). O seu sócio Avelino Ferreira Faria de 24 anos, sendo, como dissemos, venezuelano, está no entanto casado com uma portuguesa de Pardilhó, Estarreja, de nome Maria Celeste Matos Tavares. Do casal não há filhos.

UMA AGÊNCIA EM ESPINHO

Nas esquinas das ruas 26 e 23, vai ser inaugurada, em data a anunciar oportunamente, uma nova agência de viagens denominada «Aerosoltur», propriedade da agência Atlas, em Caracas, que receberá a colaboração de agentes portugueses, com os quais mantém contactos de há longo tempo.

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

ALFOVENCA «GIGANTE» EM ALCATIFAS

A excepção do seu vice-presidente, António Pereira Ramos que, entretanto, se passou para Silvalde, todos os elementos que constituem o Conselho de Administração da ALFOVENCA - Fábrica de Alfombras Venezuela, C. A., são de Espinho.

Trata-se de uma prestigiosa empresa, cujas instalações ocupam uma vasta área de terreno, em Caucaiguita, a pouco mais de uma dezena de quilómetros do centro de Caracas.

Foi fundada naquele local há vinte e quatro anos por elementos que pertencem à sua administração. Entretanto, outros já abandonaram, tendo vendido as suas cotas a actuais dirigentes.

António Pereira Trovisco, figura bem conhecida em Espinho, donde como dissemos é natural e que nos deixou há bem poucos dias para regressar à Venezuela, foi um dos fundadores da Alfovenca.

A sua infância passou-a em Silvalde. Na escola da freguesia fez toda a instrução primária, tendo como «mestre» o professor Castro.

Recorda, com saudade, que quando regressou da Venezuela, já casado, ele «me reconheceu». Contou que lhe deu muita pan-

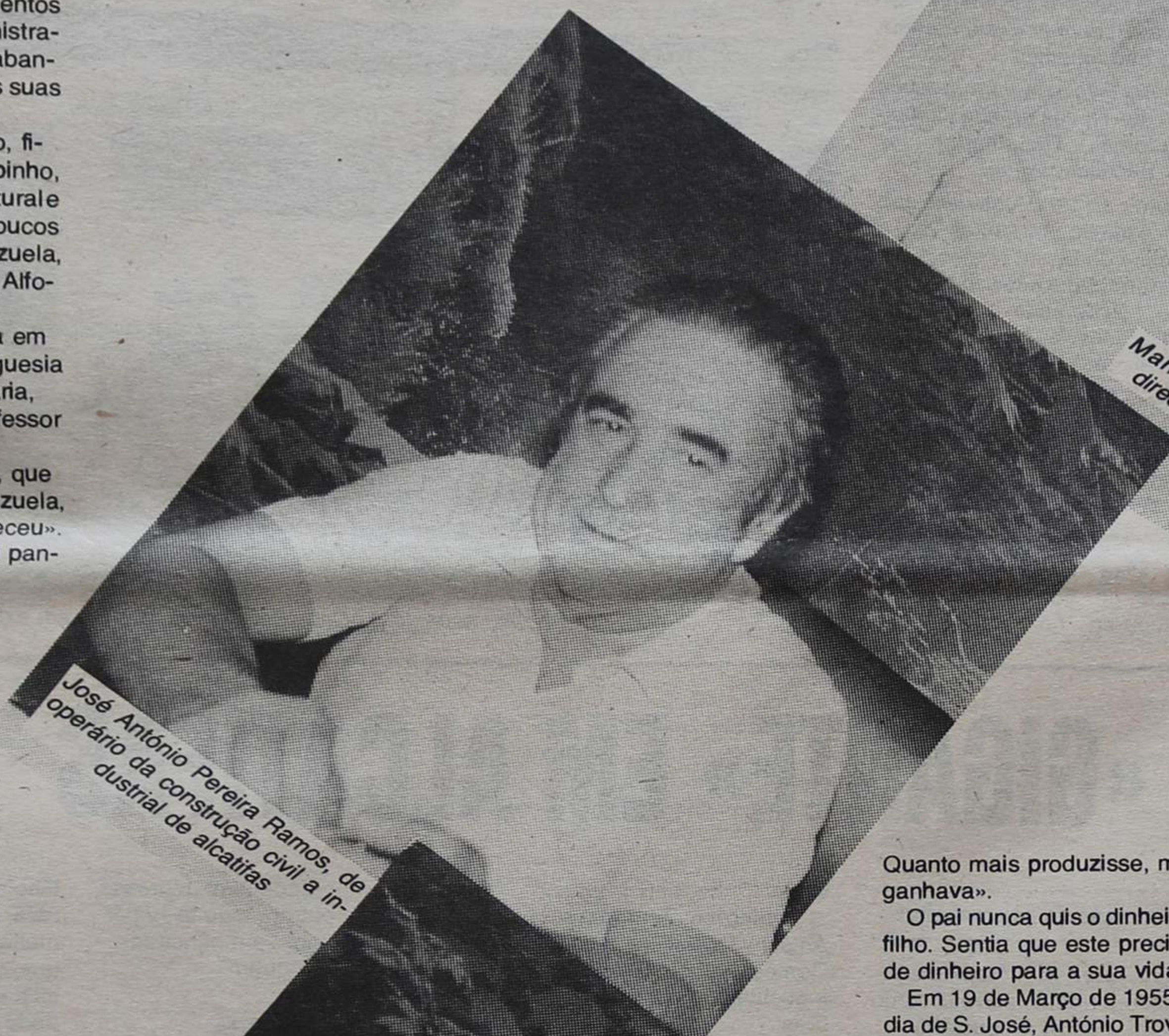
cada, na escola, mas no seu íntimo não há ressentimento algum.

António Trovisco gostava tanto de música que ajudou a formar na sua terra uma tuna que depois se transformou numa banda. Essa banda ainda existe e dá pelo nome de S. Tiago de Silvalde.

Embarcou para a Venezuela com pouco mais de 29 anos de idade. Até então, trabalhou, primeiro com o pai numa pequena cordoaria que este possuía no

Souto de Silvalde. Diz que o sr. Álvaro Pereira Trovisco, seu progenitor, «tinha um feitio difícil» e que de vez em quando lhe dava uns dinheiritos.

Um dia encheu-se de coragem e disse ao pai: «Tenho de mudar de vida». E foi para capacheiro. «Não tive problemas nenhuns, já que vinha das cordas». O serviço era quase similar. Ganhava bem. Fui para um tear de madeira, «que era o que existia na época. Trabalhava por minha conta.



José António Pereira Ramos, de operário da construção civil a industrial de alcatifas



Manuel Francisco da Silva é director-gerente da Alfovenca

Quando mais produzisse, mais ganhava».

O pai nunca quis o dinheiro do filho. Sentia que este precisava de dinheiro para a sua vida.

Em 19 de Março de 1955, em dia de S. José, António Trovisco chegava à Venezuela. Foi para ajudante de trolha. O patrão era espinhense (Joaquim Lancha), pagava-lhe 16 bolívares, mas re-

conheceu ao fim de três semanas que aquela vida não era para o novo empregado. E disse-lhe: «Isto não serve para si».

Sem desmoralizar, o recém-chegado procurou arranjar novo emprego, decidindo-se dias depois por um bar, como empregado. «Ai - diz ele - tratei com gente da alta. Criei boas relações, que foram óptimas para a minha vida».

Foi então que poucos anos depois montou um restaurante em Santa Mónica, mesmo no centro de Caracas, que teve de abandonar em 1958, quando da queda do general Jimenes. O seu res-

taurante situava-se na zona militar, a trezentos metros da Escola Militar. Logo, foi muito afectado pelos acontecimentos.

Foi então trabalhar para a fábrica de alfombras de um vizinho de cá, em Espinho, o sr. Manuel Figueiras, que viria a fundar a FATA, de que nos ocupámos noutra página.

Mas segundo António Trovisco, «a fábrica situava-se num deserto» e ele acabou por desistir, vindo então a fundar a Alfovenca juntamente com António Ramos Pereira. Na sua qualidade de arrendatário, seria obrigado a abandonar tempos depois a empresa, por exigência de um equatoriano «muito esperto», que preparou à sociedade uma verdadeira cilada.

Os dois (Trovisco e Ramos) sem se deixarem vencer pelo desânimo, montariam outra fábrica de alcatifas, agora em Guaremas, mas quando mais tarde chegou ao seu conhecimento de que o terreno onde se situava a anterior empresa (a mesma de agora) estava à venda, eles acabariam por a adquirir, vindo a afastar o tal equatoriano.

Em 1963 renasce, portanto, a Alfovenca, em Caucaiguita, sendo transformada em companhia anónima.

Para o equipamento da empresa, foi contraído um empréstimo ao Governo de Betencourt.

Com parte desse dinheiro adquiriu-se na Alemanha um tear mecânico, «podendo assim desfazermo-nos de todos os teares de madeira que possuíamos». Referiu que foram utilizados 60.000 dos 90.000 bolívares pedidos ao Governo, mas um ano e meio depois, todo esse dinheiro foi devolvido!

Aconteceu que certo dia apareceu na empresa uma fiscalização «que se quis meter em tudo». A sua actividade tornou-se chantageira. Por isso, a empresa, depois de assegurar créditos americanos, devolveu todo o dinheiro pedido aos venezuelanos. E nunca mais quis nada com créditos da Venezuela! Bem se consumiram os responsáveis para demoverem desses propósitos os da Alfovenca, mas nada conseguiram. A área onde se situa a Alfovenca mede aproximadamente 14.000 metros quadrados.

Além da fábrica, existem estabelecimentos de venda em Caracas, com o nome de «Decoralfa»; em Valência («Alfombras Merluven») e em Maracaibo («Alfombras Dalvença»).

Com ironia, António Trovisco diz que hoje em Portugal «não há miséria. Estão todos ricos!».

A miséria, segundo ele, «está na administração pública». Lamenta que os portugueses continuem a encher os cafés e restaurantes. Recorda que num país riquíssimo, como é a América do Norte, as pessoas comem de pé. As refeições são servidas nos balcões».

Referiu que tem muita admiração por Manuel Violas, com o qual já esteve em Venezuela e

(Continua na pág. seguinte)



Joaquim da Rocha Trovisco está «lá» há vinte anos

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

CASA DEL CORCHO... DE CORTIÇA, PARA NÓS

Em Boleita, na Avenida Las Palmas, fica a Casa del Corcho, fundada por um espinhense (Joaquim Neves) e administrada agora por um outro espinhense (Joaquim Alves Marinheiro, primo do fundador).

Corcho, em castelhano, quer dizer cortiça na nossa língua. Logo, é disso que trata essa empresa situada em Boleita.

Alves Marinheiro nasceu em Silvalde há 43 anos. O pai tinha

uma pequena lavoura e eles eram cinco irmãos, sendo quatro rapazes e uma rapariga.

A instrução primária fê-la na escola da sua terra, mas o exame da quarta classe ocorreu em Espinho, como era hábito no seu tempo. Depois, o pai, que entretanto fora para a Venezuela, mandou-o para o Mosteiro de Singeverga, naturalmente com a ideia de fazer dele padre. Mas o Joaquim provou bem cedo a sua falta de vocação, e como em Caracas o pai começava a organizar a sua vida, não levou muito tempo que aquele lhe passasse a fazer companhia.

A chegada à Venezuela de Joaquim Alves Marinheiro data dos princípios de 1956. A mãe também lá estava. Aliás, toda a família se passou para Caracas, donde regressaram pouco depois os dois irmãos mais novos para terminarem em Portugal a instrução primária.

Joaquim começou a sua actividade numa indústria de madeira. Trabalhou em várias empresas. Em princípios de 1959 foi para o interior, mais precisamente para Carupana, no Estado de Sucre. Foi sozinho. Tinha completado 17 anos dias antes. Recorda que lhe fizeram uma despedida como se fosse para África. Houve lágrimas...

Ali esteve cerca de um ano como mecânico de serração. Já

com 18 anos trabalhou noutra empresa e noutra Estado. A actividade era a mesma. Foram três anos de presença nessa firma.

A sua permanência mais prolongada numa firma, foi a partir dessa altura, no Estado de Bolívar. Este nada menos de 15 anos. Trabalhou como encarregado de várias serrações. Por fim, esteve cerca de ano e meio associado com árabes numa indústria de madeiras.

O seu regresso a Caracas deu-se em 1978, entrando para a Casa del Corcho. Era a primeira vez que passava a trabalhar com cortiça. Reconhece que a adaptação não foi difícil.

A firma teve nele e em Joaquim Alves das Neves grandes impulsores. Trabalharam no duro. Sacrificaram-se.

A partir de 1980 juntou-se aos dois, Oldemiro Fernandes, que é de Paços de Brandão e está em Portugal embora não deixe de dar a sua colaboração à Casa del Corcho sempre que a mesma dela careça.

Joaquim Alves Marinheiro considera Oldemiro Fernandes um homem muito experiente na actividade da cortiça em Portugal.

Alves Marinheiro é casado com Alice Dias de Oliveira, desde Agosto de 65 (o casamento efectuou-se no Mosteiro de

Grijó), de quem tem dois filhos: Joaquim Júlio, de 18 anos e Vitor Manuel, de 17. São ambos venezuelanos, mas lá em casa fala-se o português.

Eles mesmos se exprimem na nossa língua quando em diálogo com portugueses, mas por in-

fluência dos seus contactos profissionais, falam bastante mais o castelhano durante o dia.

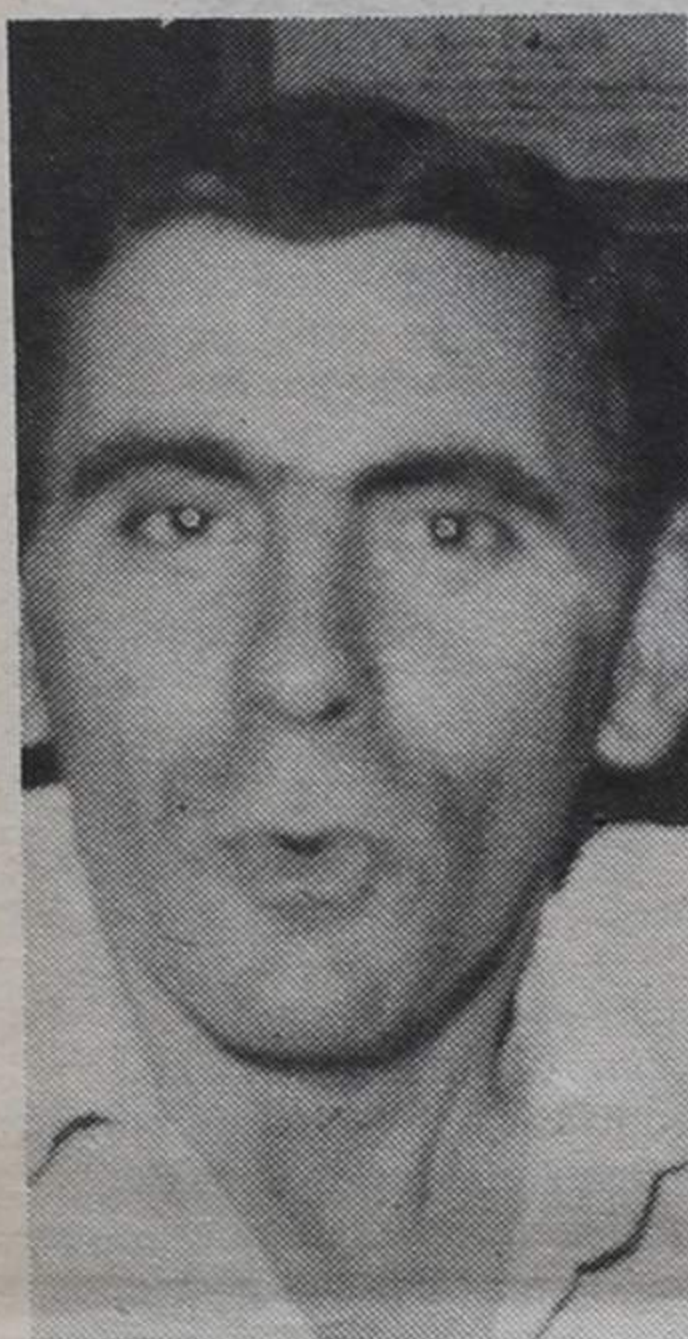
Todos (casal e filhos) trabalham para a Casa del Corcho, em ambiente que se detecta facilmente como fraterno.

Longe da pátria, nós fomos en-

contrar aqui e além, quadros de rara beleza espiritual que muito nos impressionaram. Talvez que nesse ambiente de paz e amor em que vivem, felizmente, muitos dos nossos emigrantes, se encontre a explicação para sucessos na profissão e na vida.

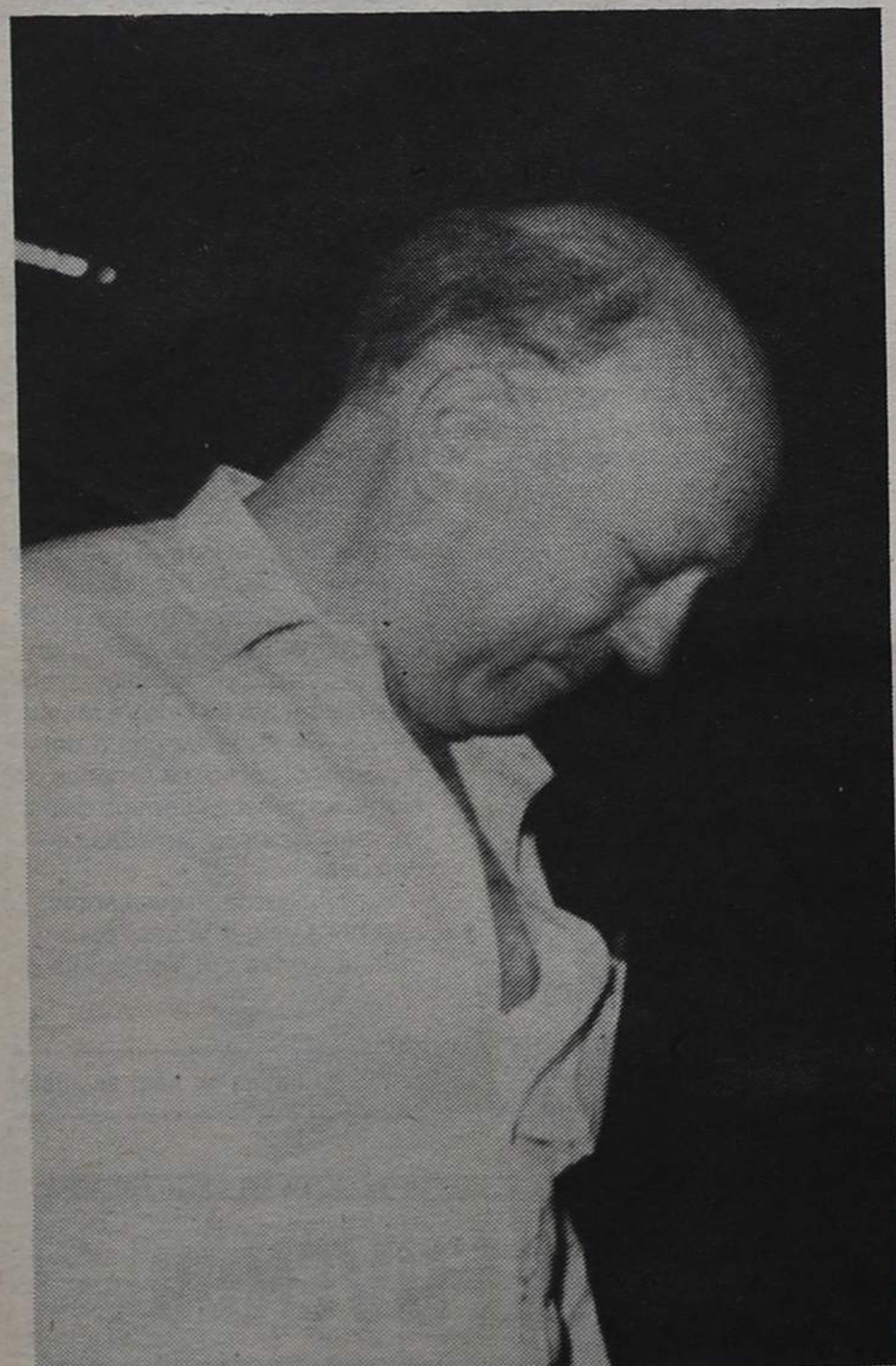


Um bonito aspecto da Casa del Corcho, quando em exposição



Joaquim Alves Marinheiro tem 29 anos de emigrante

ALFOVENCA «GIGANTE» EM ALCATIFAS



Adriano Pereira Marinheiro quase não conheceu o pai

(Continuação da pág. anterior)

lamenta que não tenha sido reconhecido, ainda, o seu valor como homem e como empresário».

JOSÉ ANTÓNIO PEREIRA RAMOS

José António Pereira Ramos (Pereira para os venezuelanos e Ramos para nós portugueses) chegou à Venezuela em princípios de Dezembro de 1955 ou seja, no mesmo ano de António Trovisco, mas nove meses mais tarde.

Nasceu em S. João de Ver, mas aos cinco anos veio para Silvalde. Os pais eram empregados dos caminhos-de-ferro, da Linha do Vale de Vouga. Ele trabalhava na via e ela na passagem de nível de Bulhe. Fez a instrução primária na escola de Silvalde, no tempo do falecido José Carvalho.

Aos 11 anos foi trabalhar para a fábrica de tapetes de Pinto & Fontes, hoje pertença da viúva de Ferreira de Sá, que está no Souto.

Antes que viesse o tempo da tropa, aos dezanove anos, seu irmão Vitor levou-o para a Venezuela, iniciando-se então na construção civil, no Ângelo Cardoso, irmão de Rufino Cardoso. Ganhava, então, 14 bolívares.

Ao fim de dois anos abandonou a construção e foi para a fábrica Nacional de Alfombras do aqui já citado Manuel Figueiras, de Sil-

valde. Tinha, então, 23 anos.

Um ano mais tarde fundou com António Trovisco e Valdemar Gomes (este de Grijó) a Fábrica Industrial Venezuela de Alfombras.

Já na Alfovenca, a sociedade era constituída por António Trovisco, António Ramos Pereira, Manuel Francisco da Silva e José Pereira da Rocha, de Paramos.

Este viria a sair da empresa algum tempo depois, vendendo as acções.

MANUEL FRANCISCO DA SILVA

O director-gerente da Alfovenca, Manuel Francisco da Silva é natural de Paramos, onde nasceu há perto de meio século. Chegou à Venezuela num dos períodos mais difíceis da sua história, em 1958.

Os pais eram agricultores. Manuel fez toda a «primária» na escola próximo do apeadeiro. Recordou que D. Florentina fora a sua professora. No exame da quarta classe, feito em Espinho, ficou aprovado com distinção.

Com 12 anos de idade, foi trabalhar para a União Fabril, em Vila Nova de Gaia, como capacheiro. Fez a tropa, primeiro no Bom Pastor e depois em Engenharia 2.

Trabalhou naquela empresa até aos 23 anos, após o que foi para a Venezuela, através de seu cunhado, Alfredo Gomes de Oliveira, de Silvalde.

De empregado bem depressa chegou a patrão. Mas fê-lo por mérito próprio, sem nunca ter atropelado ninguém.

ADRIANO PEREIRA MARINHEIRO

Adriano Pereira Marinheiro é de Silvalde e completa 55 anos dentro de poucos dias.

Quase não conheceu o pai, de nome Manuel Alves Marinheiro, já que se ausentou para o Brasil quando ele era, ainda, muito pequeno. Só o viu mais tarde, através de fotografias.

Adriano trabalhou até aos 28 anos na firma Reis e C.ª, onde está a «Vigorosa». Asua era uma fábrica de botões, que se identifica, ainda, na própria fachada daquela serralharia.

Tinha 28 anos quando embarcou para Caracas. Foi trabalhar como carpinteiro para a firma J. Neves (outro espinhense de boa cepa), de quem já era cunhado. Passou, aliás, a viver em sua casa.

Cerca de treze anos depois, a esposa foi-lhe fazer companhia, quando a vida melhorou consideravelmente com a sua entrada na sociedade que viria a anteceder a que dirige neste momento a Alfovenca.

JOAQUIM DA ROCHA TROVISCO

Joaquim da Rocha Trovisco, administrador da Alfovenca, é

filho do presidente da Companhia, António Trovisco. A primeira vista poder-se-á pensar que, quando jovem, não teve dificuldades. Mas isso não é verdade. Sua mãe trabalhava na fábrica de alcatifas de Joaquim Ferreira de Sá, hoje da viúva, e o pai era técnico no ramo. Já depois de casado é que conseguiu concluir o ciclo preparatório, em Espinho.

A sua chegada à Venezuela deu-se há pouco mais de vinte anos, tinha ele cerca de dezasseis anos de idade. O pai já lá estava. Alfovenca já lhe pertencia.

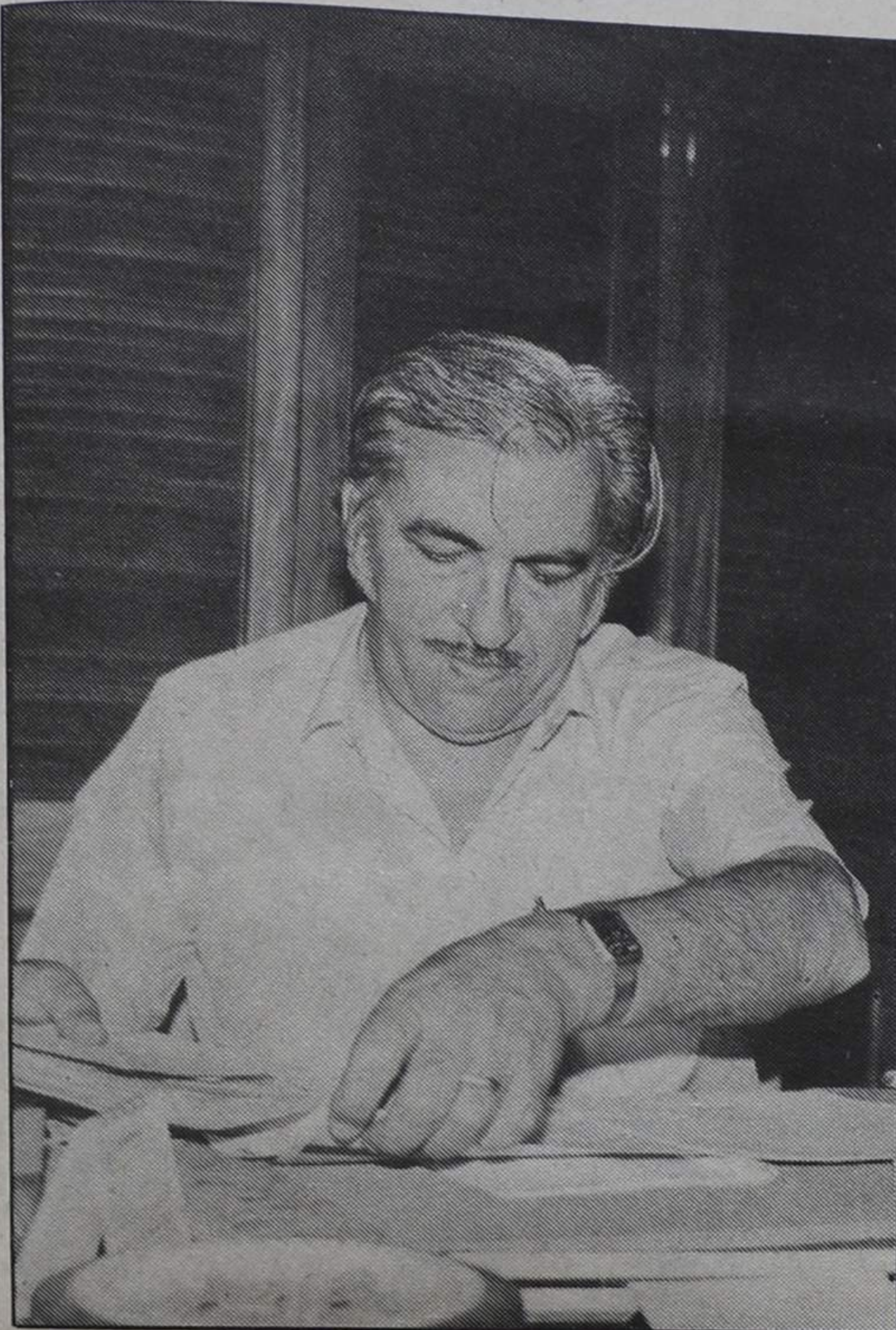
Depois de uma breve passagem por uma actividade diferente, «de que possuía certas noções», fundou em Chacaito a «Decoralfa, juntamente com vários dos elementos que constituem a Alfovenca.

Depois ingressou na Companhia de Trovisco y Hermanos, em Quinta Piquio, na Urbanização de la Campiña, Calle de la Floresta, Planta Baixa. Fez parte dessa empresa até aos 32 anos, após o que o pai o convidou a participar na gerência da Alfovenca. Completam-se agora três anos que isso aconteceu.

LEIA E ASSINE DEFESA DE ESPINHO

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

JOAQUIM ALVES DAS NEVES — O INDUSTRIAL E O CIDADÃO



Uma das figuras mais gradas de Caracas, é Joaquim Alves das Neves

Que dizer de Joaquim Alves das Neves e da sua obra na Venezuela? Como cidadão e como industrial, o espinhense de Silvalde goza de grande prestígio. Vimo-lo e sentimo-lo durante muitos dias em contacto directo com ele próprio e com os amigos, na sua presença e na sua ausência.

É uma figura respeitável e respeitada. Não é dos que entram em «grupos» divisionistas. É amigo de todos e todos são meus amigos.

Está na Venezuela há trinta e quatro anos — uma vida! Chegou ali em Janeiro de 1951.

Não foi fácil a sua infância. Ele considera que começou por ser

infeliz na vida em consequência de ser o mais velho dos irmãos. Sensível como é, não é sem uma certa comoção que recorda factos da sua meninice em casa, com a família. Sentiu muitas vezes a falta de pão e do resto. «Quantas vezes me lembro disso!».

Frequentou em Espinho uma escola pré-primária do falecido professor José da Costa Carvalho, «pai da minha amiga Esmeralda Couto, esposa do Ernesto Couto. Foi ele quem me ensinou as primeiras letras».

Aos sete anos foi para a velha escola oficial do Cruzeiro de Silvalde, que ainda existe. «Quantas gerações por lá passaram!» Foi no tempo do professor Ca-

etano de Castro. Aos 10 anos fez a quarta classe e ficou aprovado.

Terminada a escola, o pai deu-lhe a escolher: ou ia para um seminário, no Porto, ou ia trabalhar. Optou pela segunda hipótese e foi trabalhar com o pai, «que tinha uma carpintaria artesanal, sem máquinas. Tudo era feito à mão».

O pai não lhe dava nada, porque ele, «o Joaquim, também pouco fazia. Era filho do mestre...»

Anos depois o pai cedeu a carpintaria, e o filho passou a trabalhar com António Catarino, na época mestre de obras no Matadouro de Espinho. Tinha então quinze anos e ganhava 2\$50, que entregava à mãe. Esta depois, «dava-me qualquer coisa para tremoços».

Terminados os trabalhos no Matadouro, em começos de 1939, foi, «sempre como ajudante de carpintaria», para trabalhos de construção na Câmara Municipal de Espinho.

Já em finais de 1941 o pai foi contratado por um industrial de Santarém para encarregado de uma fábrica de carpintaria e seriação. O filho acompanhou-o, assim como «o meu amigo, já falecido, Ilídio Pinto Loureiro, também carpinteiro». «Para aí — esclarece — já fui como carpinteiro».

Em consequência de Pinto Loureiro ter regressado a Silvalde, em 1944, emigrando um ano depois para a Venezuela, Joaquim Neves passou a exercer em Santarém as funções de chefe de produção, com apenas 22 anos de idade».

Revelou que passou aí os melhores anos da sua vida. «No Ribatejo o povo é hospitaleiro, é mesmo um povo são e pelo qual tenho grande carinho».

Aí se casou em 1948 com Maria da Conceição Vicente Alves das

Neves, uma senhora extraordinária pela sua bondade, educação e generosidade. A esposa era (e é) doméstica. O casal passou sérias dificuldades.

Com a vinda do pai para Ovar, para a fábrica de carpintaria Mateiro, «da qual era gerente o falecido Joaquim Mateiro, que foi meu padrinho de baptismo», regressou a Espinho. Mas por pouco tempo. As saudades do Ribatejo eram tantas, que seis meses depois regressou a Santarém, indo então para a fábrica de carpintaria de Joaquim Louro & C.ª, L.L.d.ª, como chefe do departamento de acabamentos. «Lá, tinha muita consideração por mim. Ainda hoje me fazem festas quando me vêem».

Alli trabalhou até emigrar para a Venezuela, em Janeiro de 1951. A viagem, de avião, foi muito acidentada e morosa. Saiu num domingo, de Lisboa e chegou a Caracas na terça-feira, depois de ter feito escala nos Açores. «Jurei não andar mais de avião, mas ando. Nunca viajei de barco».

Na Venezuela já tinha o pai e um irmão (o José António). Recorda que nessa época os emigrantes «eram despejados em La Guaira. Era muita gente. Havia excesso de mão-de-obra. Estive sete semanas sem meter um prego».

A viagem havia-lhe custado 10 contos, «que tive de pedir emprestados». E perante as dificuldades que sentiu, «se houvesse uma estrada entre Venezuela e Portugal teria regressado a pé».

Disse que teve um grande espírito de superação para se adaptar e integrar na vida venezuelana. Foi mercê dessa força de vontade que passados dois anos já trabalhava por conta própria e com operários ao seu serviço. Começou por fazer uma grande obra na Escola Militar, em El Valle, na época em que se realizaram os Jogos Bolivianos (Simon Bolívar).

Em 1952 mandou ir a esposa e a filha, a Aldita, que contava, então, pouco mais de dois anos. Joaquim Neves já não suportava mais as saudades. Os três foram para uma casa modesta, «coberta de zinco». Passaram a viver juntos «as coisas boas e as coisas más».

Prestou homenagem à esposa, dizendo que ela «fora uma grande colaboradora». Na casa viviam vários amigos, para os quais a senhora preparava a comida e a roupa. Hoje não deixa de se ressentir desse esforço.

Em 1953 passou a trabalhar nas Torres do Centro Simon Bolívar, como contratista. Foi quando Perez Jimenez subiu ao poder e do qual diz que «foi o homem que deu o grande impulso à Venezuela, pelo seu dinamismo de acção. Acompanhava de perto as grandes obras. Aparecia a qualquer hora e em qualquer parte».

Um grupo de cinco elementos, de que fazia parte, comprou

nessa época a indústria «Madeirasca», de que Joaquim Neves, «por motivos alheios à minha vontade», se retirou em 1961.

Data dessa altura a compra da casa onde vive, um recanto sossegado de Boleíta, identificado como «Ribatejo» em homenagem à região de que o casal e a filha guardam excelentes recordações.

Data de 1961 a criação da firma J. Neves C.A. Outras empresas nasceram a seguir, como Aruca C.A. (Máquinas para a indústria de madeira), Casa del Corcho (Cortiça), Aldimport C.A. (Importações), Imobiliária Jacaranda C.A. (Compra e venda de propriedades), etc..

Joaquim Neves sente-se orgulhoso de tudo o que fez e está fazendo na Venezuela. Sente-se, ainda, satisfeito pelo contributo dado às colectividades portuguesas naquele país, como o União Ciclista de Portugal, Clube Desportivo Português, Centro Português, Associação Desportiva Luso-Venezuelana «Espinho-Viva» (de que é presidente) e outras.

Pensa regressar a Portugal definitivamente. Mas não sabe como, «já que gosto muito de estar aqui e, quando estou no nosso país, apetece-me voltar para Caracas».

Joaquim Alves das Neves recebeu em 1980, em cerimónia presidida pelo então presidente da República, Luís Herrera Campins, a condecoração «Don Francisco de Miranda», a qual premeia o mérito ao trabalho.

DAVID ALVES DA SILVA, OUTRO BOM ESPINHENSE

Em 1982, passou a fazer parte da empresa de que Joaquim Neves é presidente (J. Neves C.N.) e como administrador, o espinhense de Anta, David Alves da Silva, que completou no penúltimo dia do ano que findou a idade de 43 anos.

É um homem simples, educado e trabalhador. De resto, segundo revelou, «sou descendente de família humilde, mas da qual muito me orgulho. A minha melhor carta de apresentação era o nome do pai, Manuel Loureiro da Silva».

Sem possibilidades de continuar os estudos e após ter feito o exame de admissão ao liceu, foi para uma oficina que fazia esquina entre a avenida 8 e a rua 21, aprender a arte de marceneiro.

Ganhava, então, 5\$00, que entregava à mãe, a qual lhe dava depois 1\$00. Andou ali dois anos. Depois, «fui para a casa do sr. Alberto de Sousa Reis, que era pai do arquitecto Jerónimo, do Paulo e do Carlos».

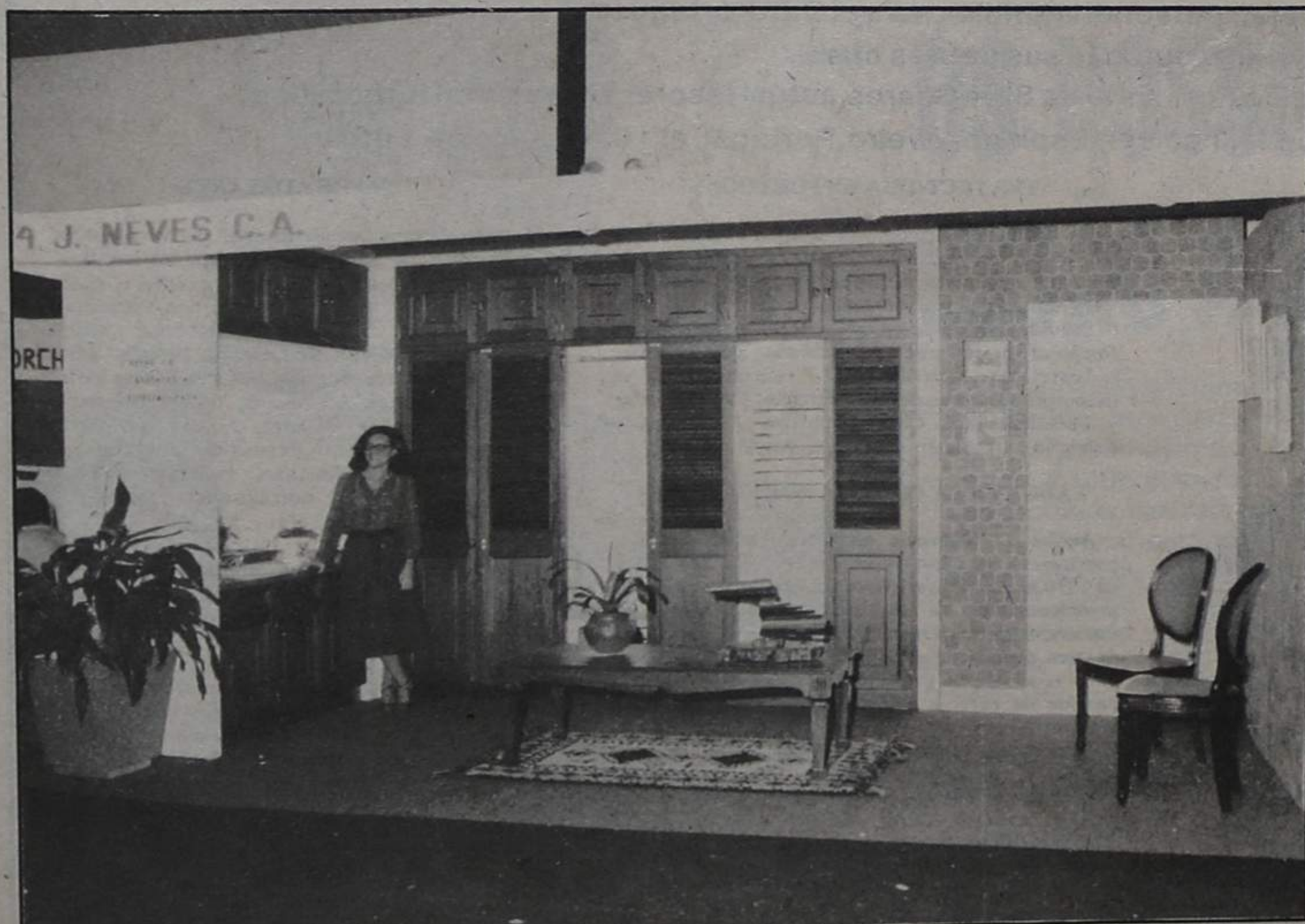
«Um dia puseram-me a carregar madeira. Era um sábado de tarde e em dia de festa. Recusei-me e fui castigado uma semana. Nunca mais lá apareci».

Foi, então, trabalhar para a firma Madeiras & Móveis, na Granja. «Ficava da parte de baixo do caminho-de-ferro. Não sei se ainda existe».

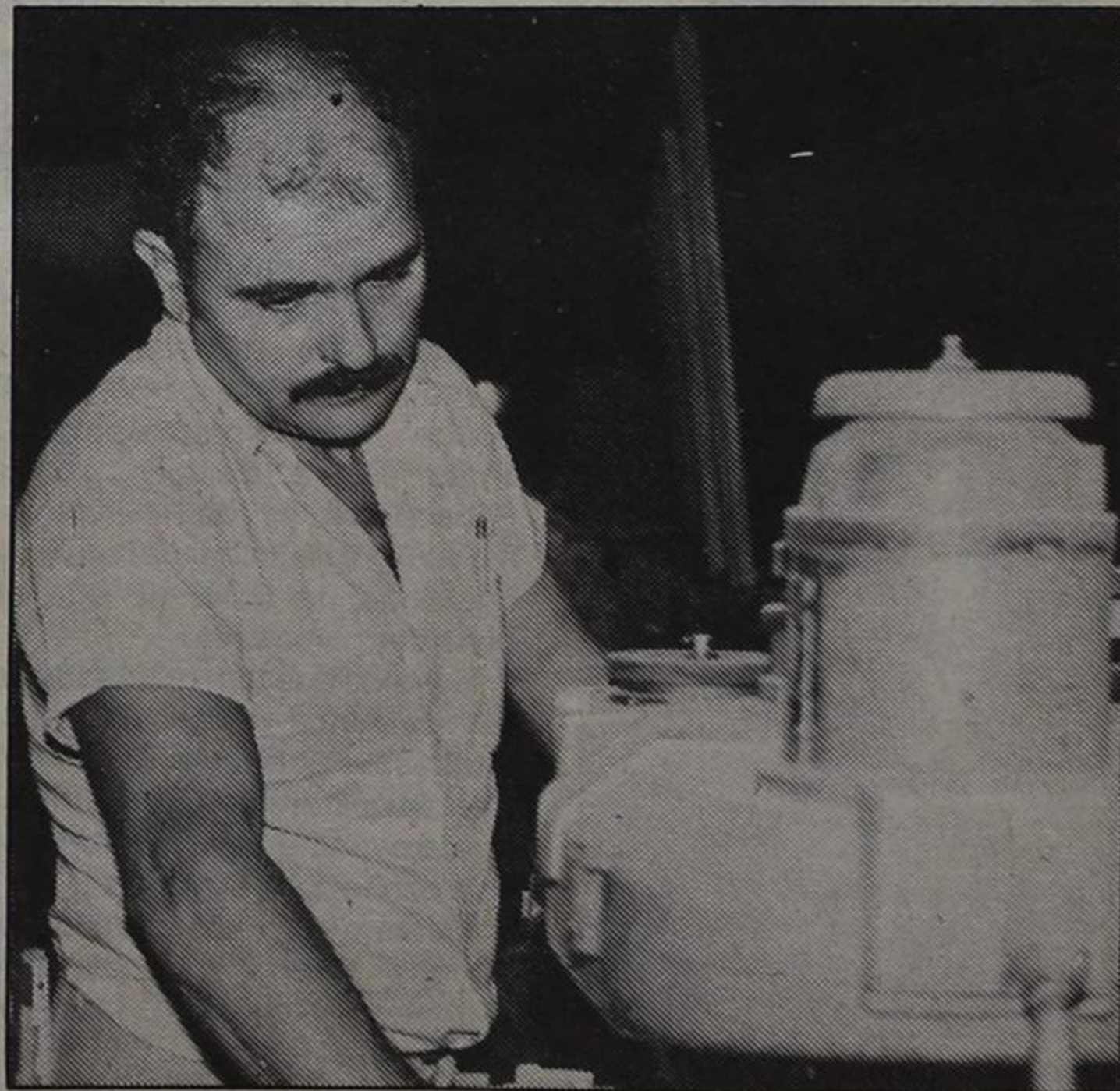
Tinha 18 anos quando foi para a Venezuela, levado pela mão de seu pai. Passou a viver na Pensão Venâncio, «que era de uns vizinhos, de Esmojães. Viviam ao lado do falecido sr. Viseu».

Foi para uma firma de carpintaria situada na Calle de Santana, em Boleíta. Era de espanhóis. Esteve ali dois anos. Em 1961 ganhava 26 bolívares. O bolívar estava a 8\$50. Depois foi ganhar 30 bolívares para uma fábrica de aparatos de som, onde esteve vinte anos. Entrou como obreiro e chegou a chefe geral da companhia.

Data de 1982, como dissemos, a sua entrada para «J. Neves», mercê, de um amigo comum (António Sá Oliveira) que o indicou a Joaquim Neves. Como as referências eram boas, entrou ao fim de seis meses de «namoro» com o fundador e presidente da empresa.



Stand de «J. Neves» numa exposição. Alda Maria, a Aldita, filha do fundador, era quem recebia os visitantes



David Alves da Silva dá o exemplo...

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

FERNANDO DA SILVA SOARES LEVOU PARA «LÁ» A ARTE DE CÁ

A amizade com Fernando da Silva Soares tem uns meses — estava ele em Portugal em gozo de férias. Surgiu por intermédio de um amigo comum, o espinhense António Alves Moreira — «Moreirita» para os mais íntimos.

A simplicidade aqui evidenciada durante a visita que fizemos ao seu luxuoso apartamento, na Granja, confirmou-a agora em Caracas, quando na companhia de Rufino Cardoso visitámos inesperadamente a sua empresa.

Fernando Soares surgiu-nos com «mãos e cara de trabalho». Não havia feito a barba e revelava um certo cansaço. No entanto, quando lhe foi apontada a máquina fotográfica, sorriu para a objectiva, numa demonstração (ainda que momentânea...) de boa disposição.

Deu-nos depois uma foto, tipo passe, «bem equipado», com gravata e tudo. Trouxemo-la connosco por optar por aquela que fora feita no interior da sua empresa. Ela revela o verdadeiro Fernando Soares, tal qual ele é, sem artifícios criados pela indumentária.

A sua infância foi marcada pela morte trágica de seu pai, quando tinha apenas onze anos de idade.

Nascido em Semade do Vouga, veio para Espinho aos seis anos. Seu pai, Júlio Soares Pereira, trabalhava na Linha Vale do Vouga, como maquinista. Foi, aliás, o primeiro maquinista da Companhia.

A família foi ocupar uma casa da rua 39, que «ainda existe». Ficava próximo do depósito daquela empresa.

Aí por volta de 1935, o sr. Júlio Soares Pereira sofreu um acidente na via férrea, provocado por uma máquina do comboio. O infeliz durou oito dias.

Ficava assim viúva uma jovem senhora, já falecida (Rosa da Silva Dias) e sem pai, dois rapazes e uma rapariga: o Fernando, o Domingos (o da Serralharia Vigorosa, aqui em Espinho) e a irmã, que se encontra na Venezuela.

Concluída a quarta classe de instrução primária, em Espinho, na escola do professor Domingos («ainda vivo»), Fernando Soares foi trabalhar para a Serralharia de José Tapo, situada na rua 4, mas já extinta. Era, para ele, «a melhor serralharia na altura». Começou a ganhar 2\$00 por semana. «Estava bem pago» — disse. Esteve ali dois anos que passaram a morar na rua 4. A serralharia ficava em frente.

A seguir foi para a serralharia de Narciso Bastos Maia. Pertencia aos filhos dos Camarões. Já acabou. Ficava na rua 2, perto do campo de futebol.

Tempos depois passou-se para a firma Brandão Gomes, como serralheiro. «Foi o Narciso que me levou para lá. Estive na serralharia e na litografia».

Com 17 anos começou a trabalhar por conta própria, em cabos de buris e baldes, na rua 4, «em minha casa». Ganhava algo mais. O Domingos estava na «Vigorosa».

Em 1939, nova etapa na sua vida, com a ida para Arouca, como serralheiro, mas para o volfrâmio. «Poderia ter roubado muito, mas não quis».

Esteve dezoito anos à espera de poder ingressar no caminho-de-ferro, a fim de seguir as pisadas do pai. Essa oportunidade surgiu em 1942. Começou por ser chegador de lenha, depois limpador de máquinas e, por fim, serviços de fogueiro.

Até que veio a tropa e ele foi para o Entroncamento, para os Sapadores dos Caminhos-de-Ferro. No regresso a Espinho ainda chegou a trabalhar na «VALE DE Vouga», mas por pouco tempo. O irmão estava estabelecido na Fábrica Ália, na rua 24 e ele começou ali a trabalhar na feitura de coquilhas de ferro, de que se considera «mestre».

Revelou que tem recebido cartas de África a solicitar esses moldes. «Fui grande». Fez moldes de colheres e outros artigos que provocaram sensação. Poucos conheciam o sistema.

Quando em 1947 o irmão Domingos fundou a «Vigorosa», Fernando passou a fazer-lhe companhia.

Meses depois passou a trabalhar por sua conta, com uma fun-

dição situada nas traseiras da Fosforeira.

Sublinhou que chegou a resolver esta última firma um problema difícil de fundição, relativo à máquina contínua. «Em Portugal ninguém havia conseguido resolver esse problema».

Por fim, na rua 33, em frente aos armazéns de vinhos Balona, montou a Fundação Luminarte, que se manteve em actividade até 1955. «Dava trabalho a 30 pessoas».

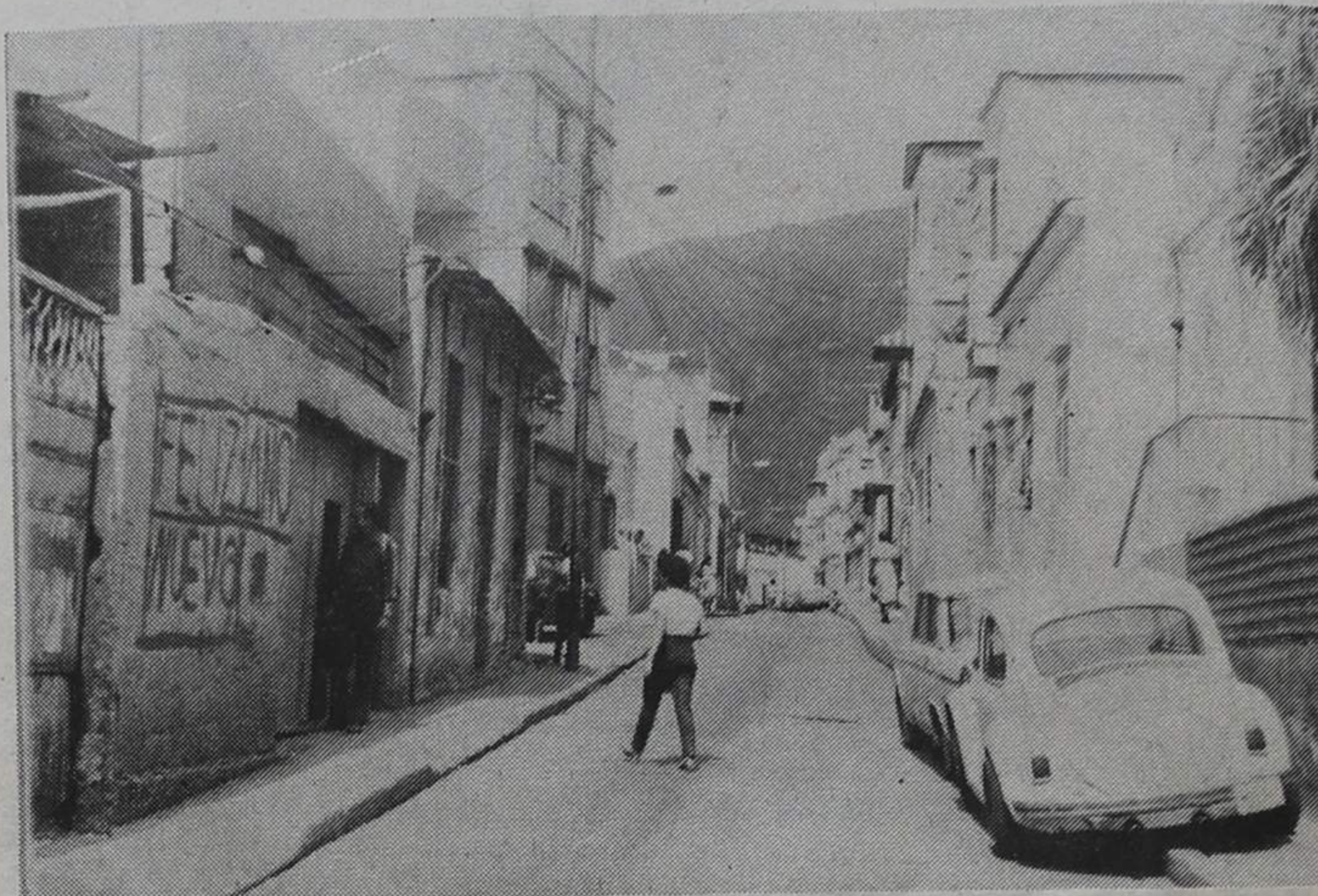
Foi então que se deslocou à Venezuela no intuito de «apalpar terreno». Gostou e ficou. Tudo quanto existia em Espinho, acabou.

Está em Catia desde 1957, depois de ter aberto pequenas empresas em San Martín e na Quinta Crespo.

Fernando da Silva Soares é um homem muito ligado ao desporto português, além do Sporting de Espinho, aqui na sua terra adoptiva.

Nos «tigres» fez um jogo de futebol pela categoria de reservas, quando era funcionário da «Vale do Vouga». Em 1983, já na presidência de Américo Padrão, foi o tesoureiro do clube.

Em Caracas fez parte da «directiva» do Desportivo Português, a que está ligado desde 1964. Foi vice-presidente em



Fernando Soares, à esquerda, quando saía da sua empresa

1969 e presidente nos dois anos seguintes, além de acumular esse cargo com o de tesoureiro da liga Maior de Futebol.

Até 1983 ocupou vários lugares no clube, incluindo o de presidente, vindo então a deslocar-se a Portugal para aí vir a ser o responsável pela tesouraria do Sporting de Espinho.

Fez questão de sublinhar, no entanto, que nessa altura dissera

a Américo Padrão que não podia dar ao clube a melhor colaboração. Sabe-se, no entanto, que essa colaboração foi preciosa, sobretudo na construção da bancada do estádio.

Foi com Américo Padrão, Joaquim Neves e Ernesto Couto, fundador do «Espinho-Viva» em 1972.

Fez parte da comissão que fez erguer em Pateira de Ferment-

los o monumento ao emigrante, trabalhando activamente ao lado do dr. Fernando Alves. Não pensa estar muito mais tempo em Caracas. Com 61 anos, sente-se cansado. Não é natural de Espinho, mas sente-se tão espinhense como os seus naturais. Foi aqui que passou a maior parte da sua vida e é aqui que desejava acabar os seus dias.

DIRECTIVOS DEL DEP. PORTUGUES

- Fundador y presidente del Club Deportivo Alea en Portugal
- Obtuvo por vez primera, personería jurídica para el C.D. Português
- Benefactor del plantel luso durante sus peores crisis
- El industrial metalúrgico Fernando da Silva Soares, actual tesorero del plantel futbolístico de la colonia portuguesa, nació en Espinho, Aveiro, Portugal, el 16 de Junio de 1924.

TRAYECTORIA EN PORTUGAL

Su iniciación al balompié se hizo efectiva en el transcurso de 1941 a los 17 años de edad, con el Sporting Club de Espinho, jugando desde la posición de defensa derecho.

Seguidamente participó en el Campeonato Corporativo — certamen patrocinado por los entes industriales — durante 7 temporadas se desempeñaba como defensa derecho. Fue fundador y Presidente del Club Deportivo Alea, donde defendía la posición de lateral derecho.

LABOR EN LA COLONIA PORTUGUESA

Arribó a Venezuela en 1955, obtuvo la vicepresidencia del Club Deportivo Português en 1969; en 1970 es electo presidente del plantel. Alcanza la presidencia de la comisión administrativa de nuestra organización en 1971; retorna a la posición de vice presidente en 1973, en la temporada de 1974 re-assume la presidencia del club; y para el período de 1976 le es confiada la tesorería de la oncena.

Amerita reconocimiento el hecho de que cuando ejercía su segundo período presidencial durante 1974, hubo de obtener por vez primera, personería jurídica para el C.D.P. cosa que jamás había ostentado esta institución deportiva, desde su fundación.

SIEMPRE ADELANTE

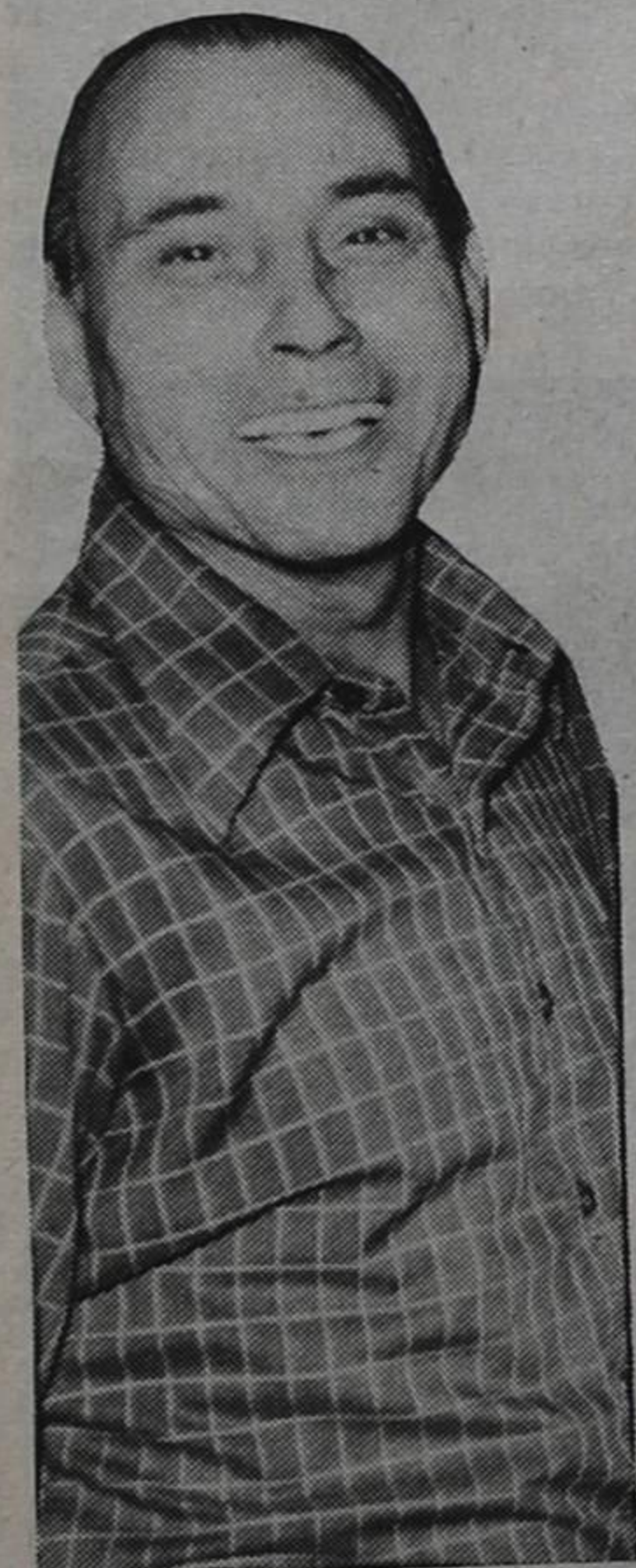
Todos sabemos que Fernando da Silva Soares, es el hombre que ha soportado sobre sus hombros las peores crisis, que ha sufrido el plantel luso. En esta lucha contra la adversidad le han secundado compañeros tales como: José de Nóbrega Antonio Alves Moreira, Moisés de Oliveira, Moisés Alves da Silva, Marqués Moreira, José dos Santos Malta (actual presidente), Adelino de Oliveira, Ernesto Couto, Orlando de Oliveira, Fernando Nolasco (presidente saliente), Fernando dos Santos, Antonio Mendes y otros tantos benefactores de la divisa representativa portuguesa, además de instituciones las cuales han colaborado grandemente, entre ellas se destaca el Centro Português actualmente presidido por Daniel Moraes.

Es de esperar que el agotador trabajo que está realizando ahora el Sr. Soares como tesorero, rendirá apreciables frutos en beneficio de la actividad de la representación deportiva lusitana.

Fernando también quiere dejar patente su reconocimiento, en nombre de la afición y de los socios del Club Deportivo Português, al actual presidente del plantel Sr. José dos Santos. La razón es que ha sido quien tomó cuenta de la directiva, cuando aún no había terminado la temporada pasada (cosa que no se había visto desde hace 10 años), deséandole mucha suerte.



FERNANDO SOARES (TESORERO)



Embora cansado ao fim de um dia de trabalho, Fernando Soares não deixou de sorrir...

«DE»

CENTRO
PORTUGUÊS

CIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

ÍMPAR NO MUNDO

Numa colina situada a pouco mais de uma dezena de quilómetros do centro de Caracas, em Macaracuay, abrangendo uma área de terreno na ordem dos 25.000 metros quadrados, fica o Centro Português, sem dúvida a mais importante e mais rica instituição de colónias portuguesas no mundo.

A avenida que lhe passa em frente tem o nome de Luis de Camões, cujo busto se encontra a escassos metros de uma capela, à direita da rampa que dá acesso ao Centro.

Visitámo-lo, de novo, três anos volvidos. A ideia recolhida é de que se operou ali verdadeiro milagre. Onde havia montes e vales, vegetação e lodo, começou por nascer um esqueleto formado por ferro e cimento. Depois, surgiu a tal obra imponente, que se divisa ao longe, mas que não se detecta nos pormenores. O milagre está aí — na velocidade com que se atingiu o fim da obra, mesmo que um ou outro inconformado declare que falta algo para que a mesma fique completa.

Por incrível que pareça, a revolução de Abril serviu de incentivo aos emigrantes lusos ligados ao Centro Português. Muitos deles preparavam-se para regressar a Portugal, quando foi deposto o regime anterior.

Um deles deu-nos esta imagem:

— Daqui, de Caracas, nós

vimos tudo vermelho na nossa terra. Regressar nessa altura, era um risco, como de facto viria a confirmar-se. Daí que tomámos a decisão de continuar por cá a dar, a partir de então, um impulso decisivo nas obras do Centro Português.

Em menos de três anos, como dissemos, a obra fez-se. Alguns materiais, como granitos, foram de Portugal. O próprio Cristo, que está na capela, «nasceu» em Portugal, e sobre o qual temos uma história curiosa para contar em separado.

Nos baixos do edifício há espaço para o estacionamento de centenas de automóveis. Tudo o mais, constitui um complexo riquíssimo e variado: há um belo e amplo salão, bar, restaurante, cozinha, salão de máquinas de diversão, salão de jogos, esplanada, sauna, sala de massagens, balneários, piscinas, «courts» de ténis, biblioteca, local especial para venda de periódicos e revistas portuguesas, consultórios médicos, etc.

Há em tudo isso o maior requinte e limpeza. O granito e os chãos de todos os compartimentos interiores, parecem espelhos. Há disciplina e há convívio.

Mas sendo, embora, um Centro Português para portugueses, o idioma que ali se escuta não é apenas o nosso. Diremos, até, que o castelano (já) abafa o nosso, o que aliás é natural.

Muito dos nossos emigrantes têm filhos venezuelanos. Uma boa percentagem deles casou com senhoras da Venezuela. Logo, é natural, que a língua castelhana comece a dominar a nossa. Obviamente, o Centro Português não podia escapar a essa influência.

Certa manhã juntamos

meia-dúzia de jovens, a quem foi feita uma foto. Só uma delas, de origem madeirense, entendia o português. As restantes, não iam além do castelhano e do italiano.

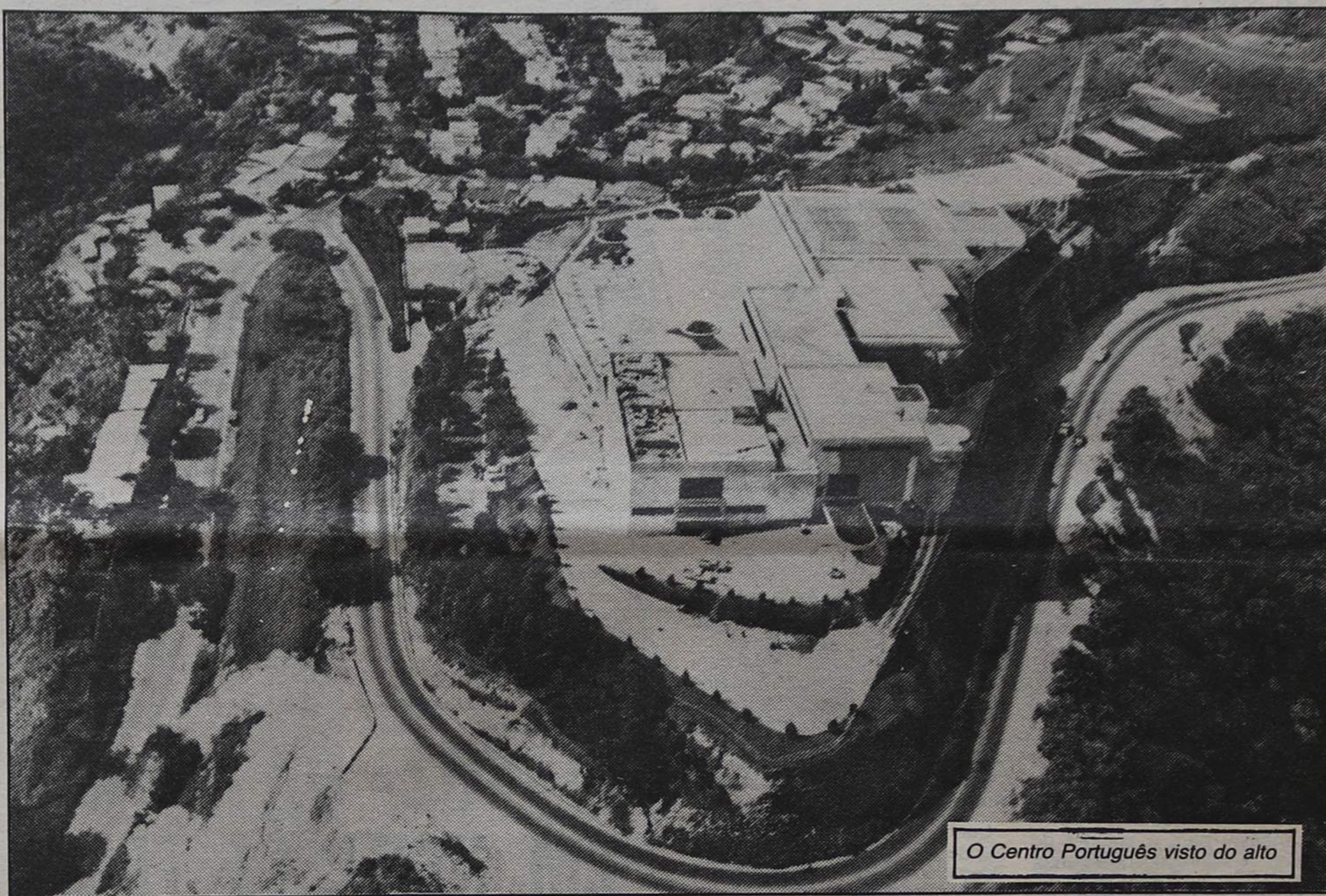
Como sucedeu com o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro e a Portuguesa dos Desportos, de S. Paulo, uma e outra, obra de portugueses,

também o Centro Português de Caracas deixará, em pouco tempo, de pertencer às origens. O importante é que, como sucedeu no Brasil, os sucessores saibam dar continuidade, enriquecendo, se possível, a obra criada pelos seus antepassados.

Refira-se, a concluir este introito, que dentre os acio-

nistas e familiares que constituem o Centro Português, muitas dezenas, talvez centenas, são naturais de Espinho e seus subúrbios. Alguns deles foram fundadores e exerceram cargos directivos de responsabilidade.

Registe-se, com pesar, que muitos desses espinhenses já não pertencem ao número dos vivos.



O Centro Português visto do alto

A MÁGOA DO SÓCIO N.º 1

OS NOSSOS DESCENDENTES ESTÃO A ESQUECER O IDIOMA DE SEUS PAIS

Como (e porquê) nasceu o Centro Português de Caracas, foi tema de uma conversa com o seu fundador e sócio número 1, sr. Daniel Moraes, um lisboeta que há 36 anos emigrou para a Venezuela e completou recentemente 60 anos de idade. A presidência da colectividade pertenceu-lhe por várias vezes ao longo dos tempos, a última das quais em 83/84. Daniel Moraes está considerado um dos portugueses mais cultos na pátria de Simon Bolívar.

Remontando a 1958, ano da fundação da colectividade, Daniel Moraes sublinhou que o preocupava muito «a vida dos portugueses no aspecto cultural», já que havia sobre eles «uma noção

depreciativa nesse campo».

No comércio, na construção e no parque industrial, os nossos compatriotas já haviam dado provas cabais da sua capacidade. Havia que completar esses atributos no aspecto cultural. Repetiu Daniel Moraes que o chocava «a vida da colónia», recordando que entre 1948 e 1958 (os dez primeiros anos da sua presença na Venezuela) os portugueses haviam tido uma actividade essencialmente desportiva, «demasiado modesta, de trazer por casa». Adiantou que esses portugueses «traziam os velhos hábitos das suas aldeias e das suas vilas».

Contou que nessa altura foi conseguido reunir um grupo de

oitenta portugueses, dos quais saiu uma «comissão promotora».

Depois, na Avenida Pais do Paraíso, «num palacete, de aspecto imponente», ficou sendo a primeira sede do Centro Português. Era um imóvel de 4.000 metros quadrados, com jardins. Para a sua reparação foram necessários 80.000 bolívares. Foi feito um salão de festas, restaurante, jardim infantil e sala de aulas. «Começamos logo por dar uma certa dignidade».

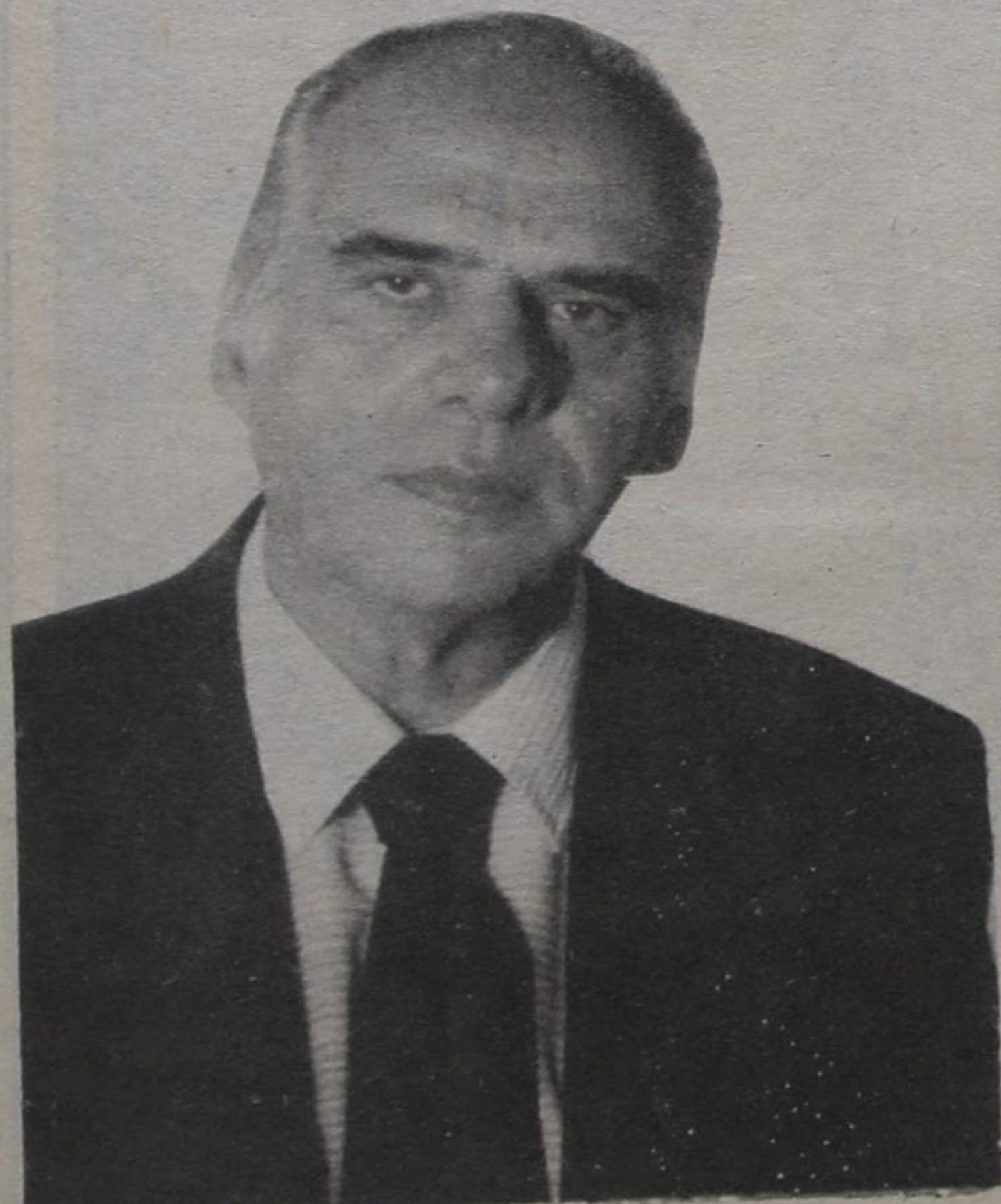
O União Ciclista de Portugal e o Grupo Desportivo Português fizeram do palacete a sua sede. «Era, como lhe chamavam, a Casa dos Portugueses, aliás com todo o mérito».

Daniel Moraes, ao recordar o

União Ciclista de Portugal, disse que se tratava da associação mais antiga da colónia. Os troféus encontram-se numa sala do Centro Português, no que ele sente «muita satisfação».

Disse que estiveram cerca de três anos no Paraíso. «Foi num período difícil», quando da queda do Governo de Peres Jimenes. «A vida económica dos emigrantes não deixou de ser afectada por essa transição na vida política da Venezuela. Daí que o Centro Português nunca houvesse tido a oportunidade de adquirir o imóvel. Houve dispersão, perda de entusiasmo. Houve, inclusive,

(Cont. na pág. 16)



Para Daniel Moraes, sócio número 1, o Centro dispõe de meios suficientes para ser ministrada aos jovens a preparação indispensável sobre as bases do nosso idioma

«DE»

CENTRO PORTUGUÊS

SADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

«MOREIRITA» CONTA COMO SE DEU O «MILAGRE»

NÃO HAVIA DINHEIRO MAS A OBRA FEZ-SE!

O depoimento de «Moreirita» (António Moreira) para incluir nesta reportagem sobre o Centro Português, era importante. A opinião não é apenas nossa: o trabalho ficaria incompleto sem a sua palavra.

Do espinhense de Silvalde, onde tem os pais, falaremos um dia em pormenor, recordando a sua ida para a Venezuela nos anos cinquenta, as dificuldades que ali enfrentou e venceu, as iniciativas que levou a cabo no campo desportivo, em especial no ciclismo, de que foi praticante, e muitos outros aspectos de uma vida sacrificada e digna, de que muito se poderá orgulhar. Para além disso, um homem extraordinário, em bondade, em simplicidade e em dignidade.

António Moreira começou por recuar uns anos no tempo para recordar o lançamento da primeira pedra da sede do Centro Português, em 25 de Novembro de 1971. Aqui, interveio o seu sócio António Pinto (um familiar também muito ligado às instituições portuguesas) para dizer que havia sido a Construtora Antalmo, a que ambos pertenciam como responsáveis, a autora do bloco simbólico onde foi introduzido o pergaminho relativo à colectividade. Esse bloco, algo dispendioso, foi oferecido por aquela empresa. Tinha o peso aproximado de 120 quilos.

Recordou, ainda António Moreira, que «o Centro viveu pobremente em três casas, antes de começar a construir sede própria. Todos se recusavam a dirigi-lo. Atingira-se o caos e as carências eram muitas».

Explicou, depois, como se deu o arranque: «Foi constituída uma comissão, denominada «pró-sede», cuja tarefa inicial foi assegurar a aquisição da verba indispensável para a compra do terreno». Esclareceu, no entanto, «que no caso de a obra não ir por diante, todo o dinheiro seria restituído aos contribuintes, na sua totalidade, associados do Centro».

Acentuou que na altura «foram conseguidos quatro mil bolívares

para a aquisição do terreno» e que essa contribuição de elementos da colónia «se ficou a dever à confiança inspirada pelas pessoas que aceitaram formar a já referida comissão».

Outras áreas foram mais tarde adquiridas com o reforço das contribuições em mais dois mil bolívares, e é a partir de então, já na posse de uma boa propriedade, que o Centro Português cria a modalidade das acções, em número de duas mil.

«As estruturas — disse António Moreira — iniciaram-se sem que o Centro tivesse em seu poder um real, sequer, visto que havia gasto todo o dinheiro com a compra do terreno, sua remoção e nivelamento».

Reconheceu que foi difícil, ao Centro, «passar as acções que colocou à venda, aliás em condições acessíveis ou seja, 300 bolívares cada uma, acrescidas de mais cem cada mês».

E isto porque «nem todos acreditavam no futuro da obra». Contou que «o Daniel Morais, o António Araújo e o António Moreira, ele, chegaram a ficar por fiadores, junto dos bancos, sobre empréstimos destinados ao custeamento das obras de construção». Repetiu que «foi um período assás difícil para o Centro», dificuldades que só foi possível vencer à custa de muito trabalho e espírito de luta.

Como que interpretando o sentir de todos quantos viveram esses momentos históricos da colectividade lusa, referiu com satisfação que nunca os terrenos foram hipotecados. «Mas uma vez concluída a estrutura e levantadas algumas paredes, a obra paralizou. Se alguma coisa se fez, foi a ritmo muito frouxo».

Recordou que já nessa altura o Centro fazia ali toda a sua vida, após a realização de uma assembleia geral que autorizou a transferência das anteriores instalações, em Castellana, a tal «mansão ajardinada» de que nos fala na sua entrevista, Daniel Morais.

Dentro daquelas paredes, ao alto ou pouco mais, o Centro limi-

tava a sua acção aos aspectos sociais. Houve uma única excepção em termos desportivos, com a realização de futebol de salão

no Centro o impulso mais vigoroso. Por cá, em Portugal, vivia-se num clima de instabilidade. Segundo a linguagem usada por

compatriotas em Caracas, tudo o que nos rodeava era vermelho. Entre o virem para o «inferno» e ficarem por lá, preparando uma casa espaçosa, airósa e digna, que favorecesse o convívio fraterno, não houve que hesitar. É assim que as obras do Centro passam a caminhar a um passo mais lento, mas com os seus responsáveis a terem de inventar soluções para os milhentos problemas que dia-a-dia foram surgindo. Eles contavam, agora, com um apoio mais entusiástico por parte da colónia, sem dúvida mais sensibilizada para a valorização do Centro Português, dada a impossibilidade de regresso à mãe-pátria, em condições favoráveis.

«Mas, para isso — segundo António Moreira — houve que transmitir confiança aos sócios, escolhendo um novo elenco. Três elementos, todos de Espinho, incumbiram-se dessa escolha: eu, o António Sá Oliveira e o António Santos Bernardes».

Mas logo esclareceu que «não desejava ficar a governar», mas que as pessoas a quem haviam falado para fazerem parte da lista, os contrariaram nesses propósitos, dizendo: «Nós aceitamos candidatar-nos, mas vocês têm de nos acompanhar».

Não chegou a haver luta eleitoral visto que a Junta Directiva em exercício não apresentou qualquer lista. No entanto, alguns dos seus elementos ficaram melindrados embora de forma passageira.

Sublinhou António Moreira que a obra não se restringe ao que se vê do exterior — e muito é. Há que

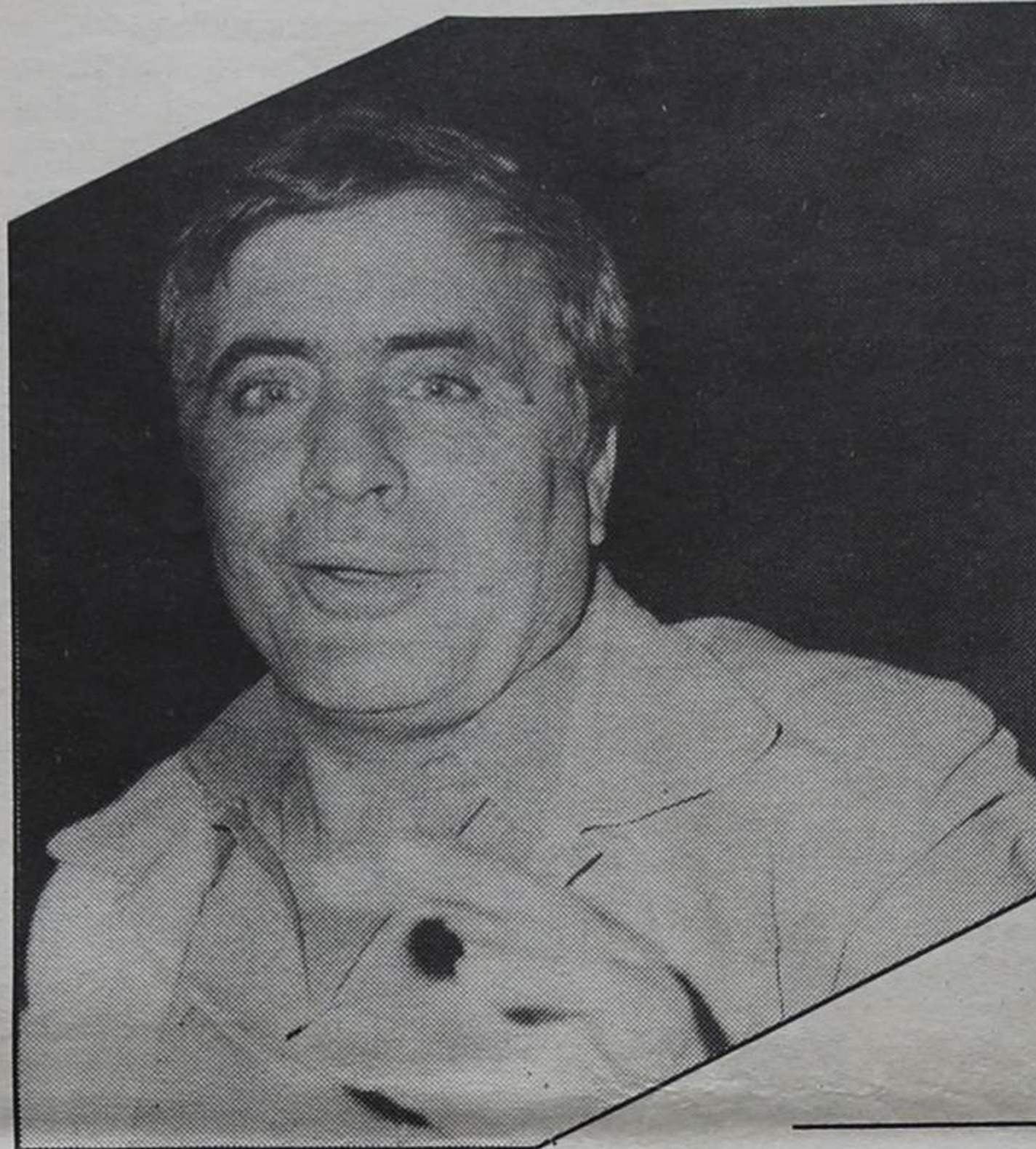
contar com um recheio fabuloso, adornos e acabamentos não menos ricos».

Tudo isso só foi possível com o contributo notável dos sócios, que se traduzira em oito mil bolívares cada. A Junta Directiva só se sentia satisfeita com o seu trabalho depois deste concluído e, para isso, faltava ainda a capela e um ou outro pormenor.

A Portugal foram solicitadas facilidades para a importação de materiais destinados ao Centro, mas que foram negadas. O mesmo comportamento teve-o também a Venezuela. Boas ajudas foram dadas pela Cooperativa dos Pedreiros, na cidade do Porto, no fornecimento do granito. O que existe na colectividade, foi ali preparado.

António Moreira prestou homenagens ao dr. Darciano da Costa, que chegou a fazer um projecto muito completo da obra. No entanto, como se tratava de um português em Lisboa, iriam surgir naturais dificuldades de contacto resultantes da distância. No entanto, o gesto do dr. Darciano foi muito apreciado.

Insistiu «Moreirita» em dizer que não quer louros pessoais. As pessoas que o conhecem de perto não deixam de reconhecer o quanto ele trabalhou para a construção das obras, mas da sua parte há uma recusa firme em aceitar elogios. «Peço que escreva que o Centro se deve exclusivamente aos sócios, ao seu trabalho, ao seu estímulo, ao seu dinheiro e à confiança depositada na Junta Directiva por eles eleita. Acho que não devo ser eu a conduzir uma bandeira, que não é minha, mas de muitos».



«Moreirita»: o seu nome não pode ser dissociado da história do Centro, pelo trabalho relevante e digno que ali desenvolveu

entre associados e seus familiares. «A «malta» banhava-se nos balneários reservados aos trabalhadores no final dos treinos e dos jogos».

Foi a partir de 1978 que se deu

A «VOZ» DA AMÁLIA EM NOITE DE FESTA

Naquela noite de festa, no Centro Português, levados pela mão de Fernando Santos, nós ouvimos a «Amália» e o Fado de Coimbra. A seis ou a sete mil quilómetros de distância, nós sentíamos-nos como em Portugal, junto de tantos portugueses, comendo o «nosso» bacalhau, bebendo do nosso vinho (esse era mesmo de cá) e ouvindo as nossas canções.

No palco do belo e amplo salão de festas, Fernando Santos fez as apresentações. Disse à numerosa assistência, quem eram os artistas — os das vozes e os das guitarras — na maioria portugueses e alguns deles de aqui ao pé da porta; referiu-se a «Defesa de Espinho» e ao seu director; numa manifestação de cultura, citou factos da história e falou, como não podia deixar de ser, do nosso Portugal distante.

Através de um dos intérpretes, a canção «É Natal», ouviu-se mais do que uma vez. Foi bonito, sem dúvida. Houve lágrimas nos rostos de alguns. O Natal estava à porta e as saudades da pátria e da família ajudavam à comoção...

A caminho do Centro, Fernando Santos avisara-nos: «vals ouviu uma voz parecida com a de Amália».

E é, de facto, Irene Rocha, de seu nome, natural de Esmoriz, imita bem a rainha do nosso fado. Os aplausos que ouviu nessa noite de festa foram o justo prémio para a sua actuação.

Falámos com a cantadeira vizinha de Espinho. Tem 25 anos de idade, é casada e há seis que se encontra na Venezuela. Desde muito jovem que canta o fado. Era amadora teatral, participando, entre outras, na revista «Ó Zé não vás em cantigas», levada à cena em Portugal.

O marido trabalha na construção civil, depois de ter estado no ultramar. Ela, a Irene, de voz e rosto bonito, gosta muito da sua terra, mas desde que está em Caracas nunca mais cá veio. Os bolívares que o casal ganha por mês não dão para custear uma deslocação tão dispendiosa, demais que já existe um rebento (uma menina) de quatro anos.

Diga-se que a Irene não faz profissão da sua actividade artística. Olha pelo prédio onde vive, de que recebe um pequeno ordenado, mas não paga renda, nem água, nem luz. O telefone (chamadas locais) também não custa dinheiro.



Fernando Santos fez a apresentação de Irene Rocha que, a cantar, se parece com a grande Amália

Nessa mesma noite, no Centro, actuou um outro nosso vizinho (de Nogueira da Regedoura) de nome Rogério Alves. Problemas na garganta não impediram que brilhasse e recebesse quentes aplausos. Um terceiro artista (Rogério) impôs-se pelos Fados de Coimbra que cantou, levantando a assistência. Fechou com chave de ouro um espectáculo memorável, cantando, numa imitação quase perfeita, o «Fado Hilário».

A HISTÓRIA DE (UM) CRISTO QUE «NASCEU» EM PORTUGAL...

Como o referimos, já, a imagem de Cristo existente na capela do Centro, «nasceu» em Portugal. Foi executada numa oficina de Vila Nova de Gaia. O seu peso ultrapassa os trezentos quilos. Viajou para Caracas num avião da TAP.

Coube ao «nosso» António Capela (casado com a filha do «Capela dos Violinos») a sua colocação no pequeno templo, como serralheiro que é. Aliás, toda a obra de serralharia levada a cabo no Centro Português foi por ele executada.

Ao recordar, agora, a colocação de Cristo no templozinho, António Capela ri, mas logo dá conta dos trabalhos que passou para ligar a imagem à parede de fundo, por detrás do altar. É que, ao tentar equilibrar Cristo este caiu por terra e «fracturou» um braço — que viera, aliás, desligado do Porto, desde Portugal. Capela ficou atrapalhado e não revelou a ninguém o sucedido. Ninguém soube do acidente. Remover uma peça com mais de trezentos quilos, não foi assim tão fácil. Dai que António Capela tenha suado a bom suor para «curar» o «paciente». Mas não chegou a haver problemas já que Capela é um excelente artista. A imagem lá está, expressiva, sem a menor mazela. Assim fossem muitos ortopedistas-cirurgiões da nossa praça quando alguém fractura um braço ou uma perna!...

Comenta António Capela, em jeito de desabafo, que «foi mais pesada a sua cruz, ao ter de «curar» o braço de Cristo, que a própria cruz arrastada por Este no Jardim das Oliveiras ou quando O enforcaram no Monte de Gólgota»...

«DE»

CENTRO
PORTUGUÊS

CIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

NA OPINIÃO DO PRESIDENTE

A LUTA ELEITORAL FOI ÚTIL À COLECTIVIDADE

Humberto Ferreira é o presidente da direcção em exercício do Centro Português. Está há 25 anos em Caracas, ido de Santa Maria Maior, no Funchal, onde nasceu. Exerce ali a actividade de comerciante.

A sua eleição (e da sua lista) foi

multo disputada. Para a campanha eleitoral até «meteu» entrevistas na rádio de expressão portuguesa. Foi uma campanha das mais vivas na história, já longa (tem 26 anos) do Centro Português.

Sobre a sua acção, como pre-

sidente, pluralizou a questão ao responder que «estamos a tentar cumprir dentro do possível». Disse que os encargos são elevados, «e ficarem da direcção anterior, referentes a obras no sector desportivo».

Especificou tratar-se de tribu-

nas no campo do futebol de salão, que custaram cerca de milhão e meio de bolívares, «metade das quais ficaram por pagar».

Disse que a colectividade depara ainda com algumas carências quanto a instalações, mas que ele e os colegas estão fazendo um esforço no sentido de virem a corresponder à vontade dos associados. Em causa estão os aspectos social e desportivo. «Estão no programa. Vamos tentar concretizar na oportunidade possível».

Com evidente satisfação, referiu que «já iniciámos com êxito e concorrência de damas, os trabalhos manuais, como bordados e outros, com a colaboração de senhoras associadas».

Ajuntou que «temos tido também classes de culinária, nas quais foram incluídos motivos de Natal».

Fez elogio da Comissão feminina do Centro, que disse vir desenvolvendo excelente trabalho, não só nos aspectos já referidos, como também na recreação dos mais novos, levando-os a visitar locais históricos, parques, etc.

Gabou, igualmente, a acção da comissão juvenil, que considerou importante. Contam com professores de natação, de ténis, voleibol, basquetebol, ginástica, karaté e futebol de salão. «Esta última modalidade — disse — é a que mais se pratica».

Todos os professores são remunerados e, para além destes, há mais trinta empregados, incluindo secretária, vigilante, jardineiros e pessoal de manutenção. Ao todo são cerca de 2.000 sócios que produzem uma receita na ordem dos 400.000 bolívares.

Informou-nos que o Centro não tem acções para vender, cujo valor rondam os 800 contos. «Só tem algumas em carteira, como reserva. A Junta Directiva conserva umas trinta. Não as vende».

Falou dos possíveis efeitos da campanha eleitoral, dizendo que ela havia decorrido «com sentido totalmente democrático e, como tal, não ficaram rancores».

Prometeu que «da nossa parte» tentaremos ser o mais possível acessíveis, em pensar qual foi a tendência de cada qual na votação eleitoral».

É de opinião que «a luta registada foi útil à colectividade». Quanto às críticas que possam surgir, diz que elas se tomam benéficas, quando construtivas».

Manifestamos a Humberto Ferreira as nossas preocupações de português pelo facto de no Centro se ouvir falar com mais frequência a língua castelhana.

Respondeu o presidente que «embora haja a preocupação de manter tradições, conservando a divulgação do nosso idioma, não podemos fugir à realidade que se avizinha», concretizando que a emigração portuguesa radicada na Venezuela já tem uns anos e que os seus filhos sofrem hoje da influência profissional e universitária».

E acrescentou:

«Ainda que em nossas casas lhes seja ensinado o nosso idioma, não é fácil a sua manutenção pelos motivos expostos».

«O importante — disse, ainda,

JAIME OLIVEIRA ELOGIA A «DIRECTIVA»

SÃO TUDO HOMENS
RESPEITÁVEIS E RESPONSÁVEIS

É de Oliveira de Azeméis o vice-presidente da Junta Directiva e responsável pelo pelouro das obras. Chama-se Jaime Oliveira, conta 61 anos de idade e há 37 que se encontra na Venezuela como construtor civil.

Referiu que fora director durante dois anos, nos começos dos anos sessenta. «Gastei dinheiro. Sofri desgostos. Abandonei isto» e deixou de cá vir durante muito tempo. Depois, recomecei a vir por cá. Eu vivia e vivo aqui próximo. Vinha cá almoçar e fugia logo. Sabia que se pudesse, me agarrariam e me faziam voltar a ser director. E eu não queria».

As suas surpeitas viriam a ser confirmadas quando certo dia lhe disseram que «terias de ser director». Referiu que não pôde dizer «não». Ficou.

Jaime Oliveira não trabalha. Já deu o seu contributo. «Vivo regular».

Sustenta que «só tenho deveres. Não tenho direitos. Quem vem para uma colectividade, só conhece deveres».

Elogiou os colegas dizendo que «existe a maior cordialidade. Tivemos sorte. É uma equipa muito unida. São todos homens respeitáveis e responsáveis».

Diz que o Centro «é uma grande empresa». Os «directivos» administram 70 milhões de bolívares. Para isso teremos de estar aqui. De viver aqui. Não podemos vir aqui apenas uma noite por semana.

De facto, Jaime Oliveira quase vive no Centro. Quem o quiser encontrar é no Centro. Telefona-se para lá e ele atende normalmente a todas as horas. Não passa quase nenhum tempo em casa.

Ele é de opinião que o Centro tem de ter um gerente em «full-time», devidamente remunerado. E diz: «Os meus colegas têm de ser consciencializados para a criação desse lugar. A esse gerente caberá administrar esta casa, apresentando aos «directivos» os problemas que depois de estudados, serão solucionados ou não. Quem tem as suas ocupações, não pode estar aqui o dia inteiro».

Referiu que «temos um encarregado geral, mas que este terá de ser vigiado. Temos de inspirar confiança aos 2.000 accionistas. Dispomos de autonomia em tomar decisões, mas não podemos contrariar os estatutos».

Referiu que entre os colegas «não tem havido problemas. Poderão existir diferenças de ponto de vista sobre esta ou aquela questão, mas logo surge o consenso, após explicações mútuas».

Também em relação aos sócios não temos razões de queixa. Reconheço que por vezes há reclamações justas e, como tal, serão atendidas. Eu sou dos que aceito o erro. Todos nós temos o direito de nos equivocar. O importante é que tenhamos a hombridade de reconhecer isso».

Jaime Oliveira falou de um desgosto. «O único que sofri desde que regresssei ao Centro».

E contou:

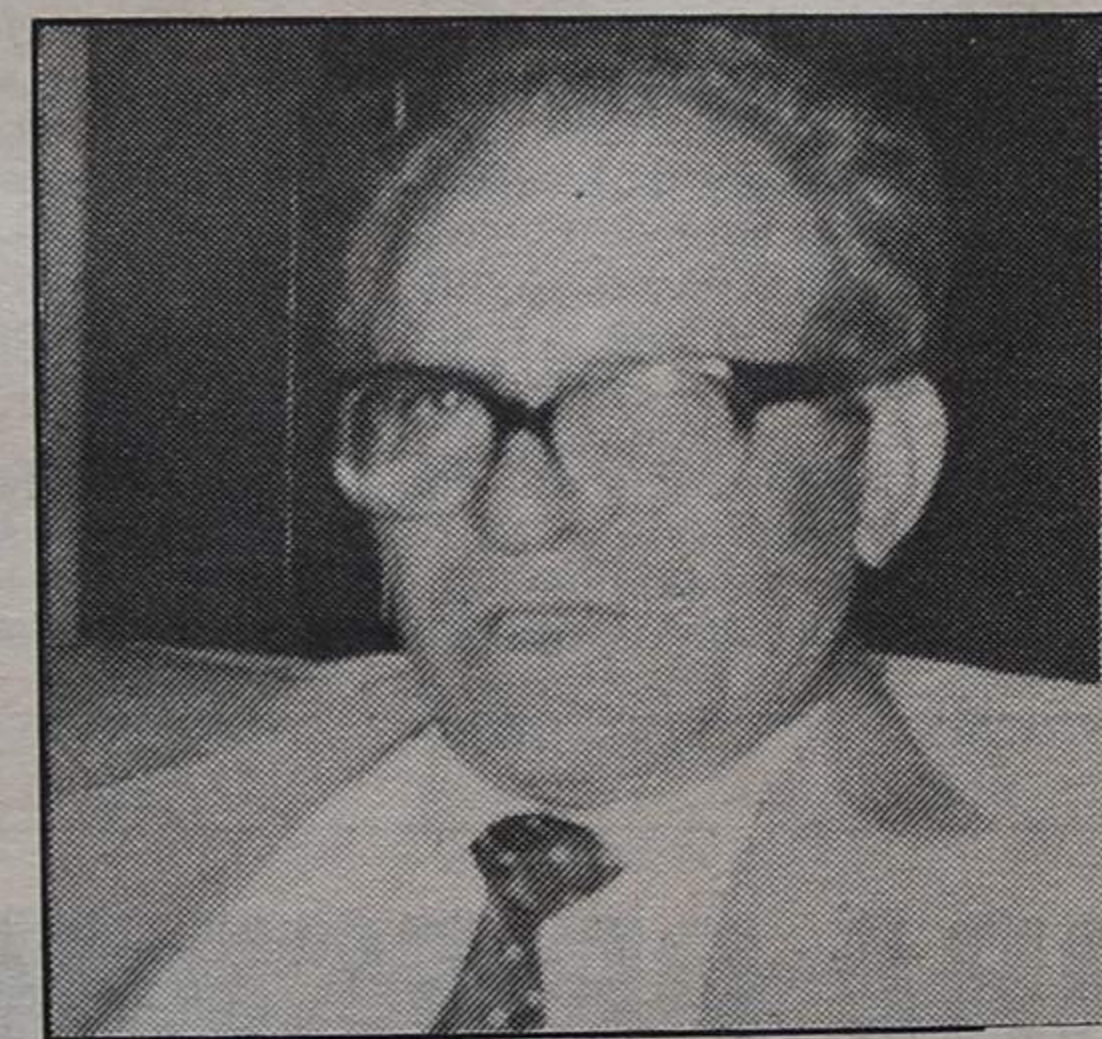
«Foi o caso de eu ter mandado pintar as letras da colectividade com as cores da bandeira portuguesa. O Centro foi pintado a verde e o Português a vermelho».

A crítica passou a ser grande. Falou-se de carnavalesco. O meu trabalho, inspirado num sentimento patriótico, foi ridicularizado. Daí que me senti obrigado a alterar o que fizera com tão boas intenções».

Falou a seguir da juventude e da sua afluência às

instalações do Centro. Ele entende que se deve incrementar a actividade desportiva, embora considere que não se deve secundarizar outras actividades. O «bowling», por exemplo, é um dos grandes atractivos. Todas as noites e em especial ao fim-de-semana, tem muitos interessados, incluindo senhoras. Entretém e ajuda ao exercício físico. «Seis caixas valem cinco milhões de bolívares. Há ali um técnico permanente para resolver os problemas de funcionamento. O rendimento mensal dessa actividade é de cerca de 30.000 bolívares».

Os mais jovens pretendem ver no Centro uma discoteca e a verdade é que os «directivos estão mesmo dispostos a instalá-la. Mas há que fazer um



Jaime Oliveira passa muito do seu tempo a trabalhar no Centro

grande esforço, já que são precisos qualquer coisa como 170.000 bolívares — à volta de dois mil contos».

«Não temos dívidas» — disse. E ajuntou:

«Temos aqui directores de grande iniciativa, sobretudo os naturais da Ilha da Madeira. São, aliás, os que mais têm trabalhado para que haja unidade entre eles e os continentais. Não querem divisionismo e muito menos rivalidades. Todos nós somos portugueses ou de origem portuguesa. E é curioso que dois deles, nascidos em Caracas, são formados. Um é engenheiro e outro economista».

Fez uma outra referência pessoal, ao dirigir-se ao espinhense António Moreira: «Considero o «Moreirita» o «pai» de toda esta obra, que é o Centro. Sem ele não existiam estas instalações. E, entretanto, acabou por ser alvo de críticas nada lisonjeiras e injustas. É, aliás, a sorte que me espera quando deixar o meu lugar».

A terminar, fez este comentário:

«O Centro terá de ter directores que queiram trabalhar. Os outros não interessam. Estar aqui só para preencher lugares, é situação que devemos contestar e eliminar. Felizmente que no presente elenco não há muito que dizer. Cada um tem procurado corresponder às exigências do cargo, e com isso me congratulo».

Humberto Ferreira — é que na educação a ministrar aos nossos filhos, lhes falamos do amor à pátria onde nasceram seus pais. Devemos educá-los dentro dos princípios da nossa formação e da nossa cultura».

Manifestou preocupações pelo facto de não haver em Caracas professores que pudessem ministrar ensinamentos técnicos a ensaiadores de folclore. Disse que as autoridades portuguesas poderiam dar a sua ajuda, subsidiando a deslocação e estadia desses técnicos no Centro. Comentários recentemente feitos à actuação de um grupo folclórico, deixaram-no desolado e preocupado. No Centro não há ensaiador de folclore, mas apenas um

professor de dança, que é venezuelano e remunerado.

Referiu-se por fim, ao «clima de bom entendimento existente no elenco directivo», acrescentando que «o companheirismo é excelente» e que se sentia «muito honrado pelo facto de me terem confiado a presidência da Junta Directiva».

Garantiu que a massa associativa «não será defraudada nessa confiança», e espera que «no futuro haja sempre associados que se sintam capazes de assumir a responsabilidade de formarem um elenco, já que, como rezam os estatutos, todos nós temos direitos e deveres e, entre estes, o de elegermos e sermos eleitos».



Pela sua formação e temperamento, Humberto Ferreira tem todas as condições para vir a ser o «presidente ideal»

ALÔ LISBOA!
— À ATENÇÃO DA RTP

Ninguém nos encomendou o sermão. A ideia é exclusivamente nossa, e não perdemos tempo em exteriorizá-la: pensamos que a obra, imponente, erguida em Caracas pelos nossos emigrantes, deve ser conhecida de todos os portugueses.

Mas não bastam as reportagens dos jornais, por mais extensas e expressivas que elas sejam. A descrição, mesmo ilustrada, de uma obra, feita na Imprensa, sempre se tornou insuficiente e incapaz.

Não há palavras que cheguem para traduzir a grandiosidade das instalações do Centro Português. Não há no mundo, outra coisa assim, feita por portugueses.

Mostrar com fidelidade o que isso é, só a TV. Só através de um filme desenvolvido, se poderá ficar com uma ideia mais aproximada do que é, a nível mundial, a instituição mais importante, erguida pelos nossos compatriotas.

Aos responsáveis pela nossa TV, deixamos aqui a sugestão de que façam incluir na agenda de trabalhos a deslocação a Caracas de uma equipa de reportagem, que mostre mais tarde ao país, através da imagem e da palavra, o que é o Centro Português.

Essa equipa poderá incluir, ainda no seu programa, uma visita às instalações da Associação Luso-Venezuelana, em Turumo, igualmente dignas de serem vistas cá, nos nossos «écrans».

É importante que os portugueses, em Portugal, saibam e vejam o que os portugueses, na Venezuela fizeram de muito válido no campo social, cultural e recreativo e industrial. Por muito que nos custe a nós, que não emigramos, temos muito que aprender com aqueles que um dia nos deixaram e foram para bem longe daqui tentar a sua sorte.

Esses estão dando grandes exemplos de trabalho, de sacrifício, de patriotismo e de dignidade. Não encham os cafés, nem os restaurantes, nem os cinemas. Têm liberdade mas não abusam dela. Não dispõem de horas livres. Não sabem o que é ociosidade.

A obra por eles realizada na Venezuela, em diversos campos, deve ser mostrada aos portugueses de cá. E só a TV tem possibilidades de o fazer, ainda que parcialmente.

A sugestão, que é um pedido, aqui fica.

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

A MÁGOA DO SÓCIO N.º 1

(Continuação da pág. 13)

deserções. Ficamos muito poucos. A actividade da Colectividade estagnou».

Três anos depois, em 1961, foi conseguido outro imóvel, desta feita em Sebucan. «Tinha melhores condições do que o outro. Era uma verdadeira mansão. Foi a consolidação da vida associativa do Centro e ao mesmo tempo de unidade entre inúmeras famílias portuguesas. O ambiente tornou-se propício para que os nossos descendentes se passassem a conhecer melhor. Foi a partir daí que começaram a formar-se novos lares».

Antes de se fixar onde está (em definitivo) o Centro Português ocupou durante quatro anos, em Castelhaña «uma mansão ajardinada, com espaço interno

amplo, para nele instalar (como instalou), salão de festas, sala de jantar, etc.»

Daniel Morais recordou com emoção «a vinda do Orfeão Universitário do Porto», cujos componentes ficaram ali alojados. Constituiu-se um grupo de portugueses que «os trataram como filhos. Tiveram para todos eles uma atenção muito familiar».

Foi, entretanto, criada uma comissão pró-sede, «que partiu do zero e logo pensou reunir dinheiro que possibilitasse a compra dos 25.000 metros quadrados onde se situa a sede do Centro».

As dificuldades foram muitas. «Tínhamos visto desaparecer muitos portugueses. Não se pode contar apenas com dinheiro. Mas eu contava com a tenacidade de

todos os que se mantiveram na trincheira remando contra a maré».

Sobre a vida do Centro Português, Daniel Morais diz que esteve cinco anos ausente e que no regresso verificou que todos os que ali se encontram ligados, «precisam de apertuguesar-se muito mais». Ao regressar, verificou com mágoa, que «os nossos descendentes vão-se esquecendo aos poucos do idioma de seus pais. Vão-se desinteressando por tudo quanto representa o património cultural dos seus progenitores».

Ele considera que o Centro Português dispõe de condições ideais para ser ministrada aos jovens a preparação indispensável sobre as bases do nosso idioma.



De todas estas jovens, só uma fala e entende o português...

PERGUNTA (A EANES) QUE NÃO CHEGOU A SER FEITA

O Presidente da República já esteve no Centro Português, onde foi, aliás, carinhosamente recebido por centenas de compatriotas.

Segundo o espinhense Alfredo Amorim, industrial em Caracas, quando da campanha eleitoral que o levaria ao lugar que hoje ocupa no mais alto cargo da magistratura da nação, Ramalho Eanes teria prometido que se chegasse a ser eleito, acabaria com os parasitas deste país, que enchem os cafés, não trabalham e vivem aparentemente sem problemas.

Ora, quando da visita do Presidente da República ao Centro Português, aquele emigrante tentou abeirar-se de Eanes para lhe perguntar se ele, efectivamente, havia cumprido a promessa. Só que a segurança não o permitiu e, assim, a interrogação não chegou a ser feita.

É evidente que Alfredo Amorim sabe bem que os parasitas continuam a ser «praga» em Portugal não trabalhando e enchendo cafés, cinemas e estabelecimentos afins. E sabe, também (ou deve saber), que a sua aniquilação da sociedade não depende, apenas, da vontade e da influência do Presidente da República...

«EL UNIVERSAL» CONFIRMA O NOME

«El Universal» é o título de um jornal diário que se publica em Caracas. É, em tiragem, o maior da Venezuela e um dos maiores do mundo. A sua tiragem normal atinge os cento e setenta mil exemplares, mas aos domingos esse número é largamente excedido.

No próprio dia em que deixámos Caracas a caminho de Portugal, visitámos a sua sede, em pleno centro da cidade, na zona da Candelária. Era a visita que não poderíamos deixar de fazer. Mas isso só foi possível graças ao espinhense e nosso bom amigo Joaquim Alves das Neves que, no «Universal» goza de muita simpatia, mesmo a nível de cúpulas.

Fomos a todas as secções, incluindo à redacção que, nessa manhã, estava praticamente vazia, o que aliás se compreende, visto tratar-se de um matutino.

Nas amplas oficinas, uma rotativa-gigante «atirava» cá para fora o suplemento dominical de «El Universal», que é a cores e contém dezenas de páginas. Juntando essa bela revista ao jornal, em si, temos aos domingos, em Caracas, uma publicação pesando muito para além de um quilo!

Quanto aos métodos de composição do jornal, são os mesmos utilizados pelos principais diários portugueses.

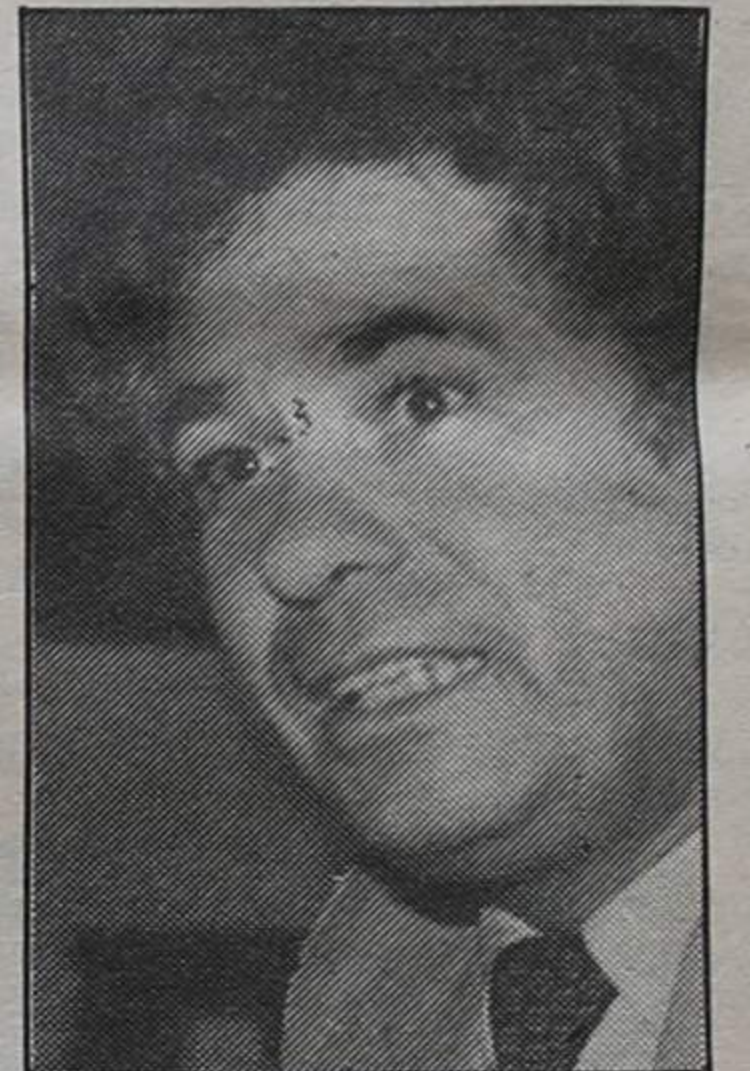
MANUEL MOREIRA UM EMIGRANTE ESPECIAL...

Manuel Moreira é um emigrante (português, claro!) muito especial. Sabe, como poucos, seleccionar as companhias. Nem todos os ambientes lhe servem. Não é que seja esquisito. Marcado por uma infância difícil, na sua terra de Fornelo, concelho de Vila do Conde, tanto acompanha o pé descalço como o engravatado. Mas como tem uma actividade exigente, como vice-presidente de uma grande empresa, terá de ter os cuidados necessários para evitar ser prejudicado na sua ima-

gem e nos seus negócios.

Bom amigo e avisado da nossa chegada, lá estava com outro Moreira (o António), no aeroporto, à nossa espera, mas tendo junto de si figuras relevantes de determinado sector da vida de Caracas. Ficámos sem saber se esse encontro foi casual, se preparado, pelo facto de chegar a Caracas «um perodista amigo».

Em Espinho ele tem grandes amigos. Não é assim, Joaquim Neves? Não é assim «Moreirita»?



Manuel Moreira raramente deixa a gravata em casa...

ALFOMBRAS FATA É OBRA DE ESPINHENSES

(Continuação da pág. 6)

Antes de ser o que é hoje, a FATA passou por períodos difíceis. A empresa que a antecedeu, fora absorvida por um banco. Tinha um nome diferente — Fábrica Nacional de Alfombras.

A actual Companhia entre os três irmãos, foi fundada em 29 de Julho de 1969. Foi a partir de então que melhores ventos passaram a soprar para aquelas bandas. Mas para isso houve que se impor uma certa austeridade nos gastos. Nada de excessos.

Manuel e os irmãos sustentam uma certa filosofia quanto à forma de estarem na vida. Não são umas unhas de fome, e pensam muito no amanhã e em especial nos filhos. Em Portugal dispõem, já de um bom património, mas não se sentem satisfeitos. Não são como muitos que, quando têm

meia-dúzia de tostões, julgam-se reis.

Segundo eles, o pai sente um certo desgosto de não ter tido sorte na vida. Mas há a contrabalançar essa mágoa, a circunstância agradável e feliz de verificar que seus filhos acabaram por realizar uma obra com resultados altamente positivos.

A morte da esposa do sr. Figueiras, teve a maior influência no futuro empresarial deste. Com filhos tão novos para educar, ele sentiu naturalmente sérias dificuldades em poder ministrar essa educação.

Com a senhora viva, de certo teria sido outra bem diferente. Nenhum deles teria passado os trabalhos que passou. Casado com Maria Vitória Gofinhos, o sr. Manuel Gomes Dias de Oliveira é pai de dois filhos: Marco António, de 12 anos e Paulo Alexandre, de 10. A



«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

SOBRINHO E GENRO DO «MESTRE» DOS VIOLINOS

ANTÓNIO CAPELA É «REI» EM SERRALHARIA

Afinal (nós já há muito que sabemos disso...) o mundo é mais pequeno do que muita gente pensa. Vejam só (mais) este exemplo: em Caracas, a tantos milhares de quilómetros de Portugal, vive uma filha do «nosso» António Capela, o dos violinos célebres, que estão espalhados pelos cinco continentes, obra desse genial espinhense.

Arinda do Couto Capela está casada com um primo, portanto também Capela e por sinal também António como aquele que viria a ser sogro.

Um António Capela, prestigioso serralheiro em Caracas, a falar de outro António Capela, que foi famoso construtor de violinos. Aliás, deste não vale a pena falar. A sua obra e de seus méritos de artista, que a morte roubou aos 72 anos de idade, têm sido assás divulgadas pela Imprensa de todo o mundo.

António Capela esteve por cá até aos 17 anos. Fez a quarta classe em Esmojães. Teve vários professores mas não se recorda quais.

Trabalhou como serralheiro em Espinho e no Porto. Cá na terra a oficina era de António Tibúrcio. Não ganhava nada. Trabalhava das 8

da manhã às sete da tarde e «ainda levava pancada».

No Porto, esteve no «Ar Líquido», em Justino Teixeira, próximo de Campanhã. Também não ganhava nada. O seu objectivo era conseguir um

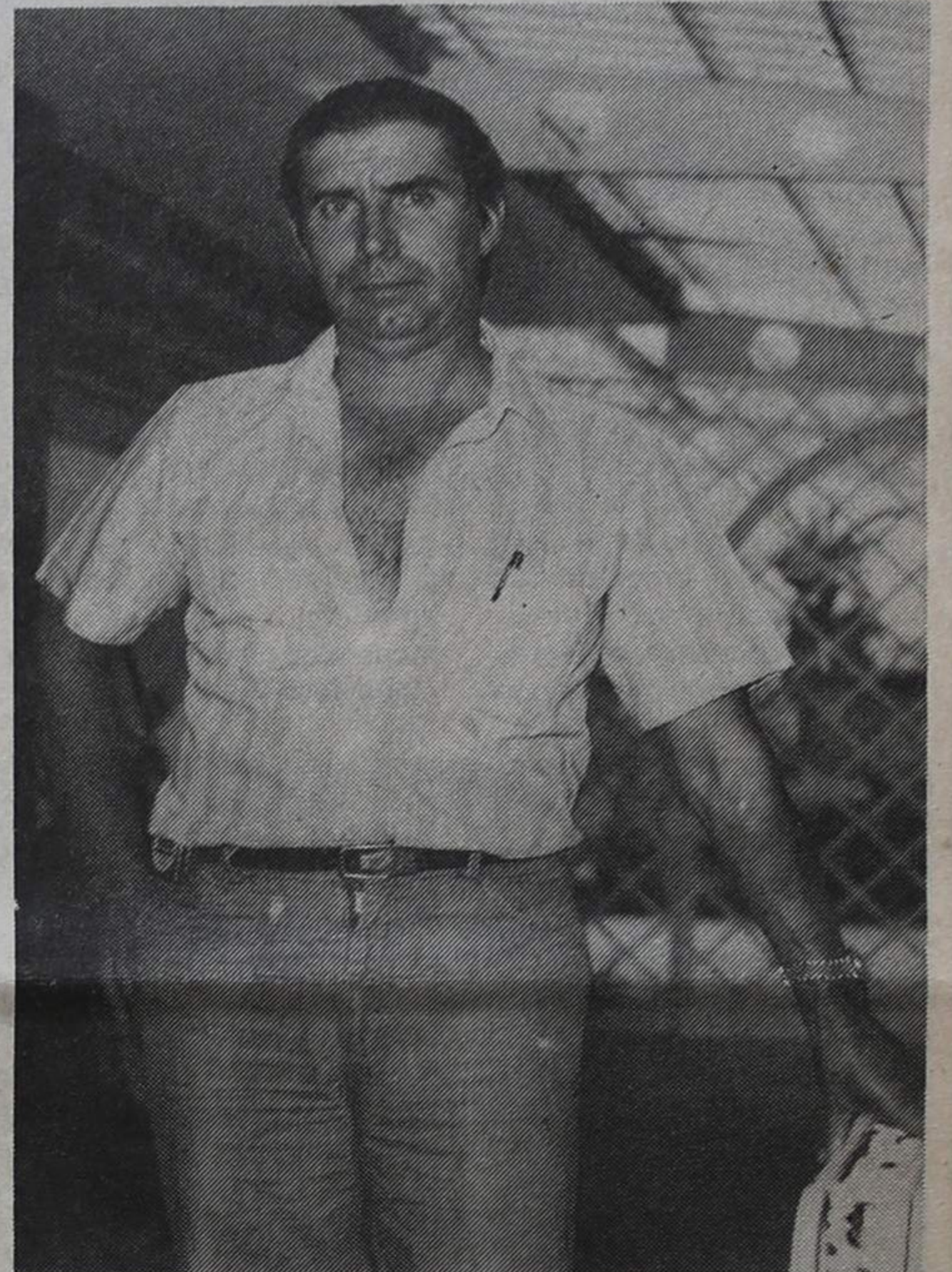
pedaço. E, entretanto, ia ao encontro de dois irmãos e um tio. Fora este quem viria a dar-lhe trabalho numa serralharia situada em Prado Maria, que ainda existe. Chama-se Herreria el Arte. No entanto, foi vendida

Presidência da República. A serralharia (que já não existe), tinha o mesmo nome de hoje – Herreria Popular. Ficava em Boleita. Estavam ao seu serviço 11 homens. Para montar o negócio teve de pedir a um irmão 6.000 bolívares que foi pagando com sacrifício. Cerca de quatro anos e pico depois deixou Boleita e foi para onde está, em Llanito, Petare. A oficina era de um espanhol de nome Francisco Paz, que já morreu. Capela adquiriu ali um terreno que lhe custou 50.000 bolívares.

Com esse terreno mandou construir a oficina e apartamentos. Estes últimos foram alugados.

Em períodos de instabilidade, António Capela tentou outros negócios. Montou, por exemplo, um restaurante em Pallos Grandes. Era uma casa típica. Recordou que chegou a lá ir cantar Deolinda Rodrigues. Mas esse negócio fracassou. Comprou-o uma espanhola que viria a trocar o nome ao restaurante. De «Alfama» passou para «Scholt», mas sem resultado.

Um outro negócio foi uma quinta, com agricultura, gado, porcos e galinhas. «Chegámos a ter 60.000 bicos!» Mas também esse fracassou. António Capela via-se impossibilitado de dar a qualquer um desses



Sobrinho e genro do «mestre» dos violinos, António Capela também é «mestre»

PERTENCE-LHE TODA A OBRA NESSE SECTOR NO CENTRO PORTUGUÊS

O PRIMEIRO EMIGRANTE LUSO A «DESCOBRIR» E A CONSTRUIR EM LHANITO!

curso de soldador, que lhe viria a ser muito útil no futuro.

Afirmou que António Tibúrcio reconhecia nele qualidades e sabia do seu interesse em ir para a Venezuela. Diz que lhe facilitou a vida e lamenta que hoje se encontre em situação precária, em Caracas.

O seu 18.º aniversário passou-o sobre o mar a caminho da Venezuela, no mês de Janeiro de 1955. Chorou durante a viagem. Queria voltar para trás mas não podia. Ter deixado a família tão longe, custou um grande

pelo tio em 1966 e, após isso, este regressou a Portugal.

Ganhava 10 bolívares em 12 horas de trabalho. Não foi difícil a adaptação.

Depois foi trabalhar para o Talher Luso-Venezuelano. Esteve lá uns meses. «Era de uns senhores de Aveiro – os irmãos Trovões». Ganhava então 22 bolívares.

Catorze anos depois, contando então 22 anos de idade, estabeleceu-se. Foi no período mais crítico da história da Venezuela, quando se deu a queda de Perez Jimenes, na

negócios a melhor assistência. A serralharia absorvia-lhe todo o tempo. Daí que se tenha desligado, sem o menor custo, do restaurante e da «fazenda».

De resto, num e noutro lado ele terá perdido muito dinheiro.

Como serralheiro, ele tem feito as maiores obras de Caracas. Referiu com certo orgulho que já tem trabalhado para o «Moreirita», para o Sá Oliveira, para o Jorge Ferreira Pinto e tantos mais.

Em Llanito, onde vive com a esposa e três filhas (Rosa Maria Alves do Couto Capela, de 21 anos, nascida na Venezuela; Cristina Fernanda, de 18, portuguesa e Jone Alves do Couto, de 15, venezuelana), António Capela tem uma boa empresa e tem propriedades. Diz que foi «o primeiro português a construir e a vir morar» para aquela zona de Caracas.

A sua casa está rodeada de todo o conforto. Não diz por fora o que é por dentro.

Conversamos demoradamente com o casal Capela. Vimos felicidade estampada no rosto de ambos. A senhora falou-nos de seus pais com muita emoção. Recordou que o pai, antes de ser internado de urgência, lhe escreveu uma carta impressionante, documento que é para ela um tesouro.

Recordou, ainda, o violino que o pai lhe ofereceu, assim como aos três outros irmãos – António, Joaquim e Avelino. A nosso pedido, foi buscar o seu violino para que ficasse com ele, na foto.

Para ela, não há dinheiro que pague esse objecto. Os pais representam muito para ela. Não representam tudo, porque tem junto de si, e a quem muito quer, o marido e as filhas.

Arinda do Couto Capela diz acreditar nos continuadores da obra de seu pai na arte de fazer violinos, citando especialmente o irmão António e o sobrinho Joaquim António, «um moço de 18 anos, cheio de valor».



Nas mãos de D. Arinda o violino que seu pai lhe deixou

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

RUFINO DE SÁ CARDOSO

— DEPOIS DA QUEDA A SUBIDA

É generalizada a opinião de que Rufino de Sá Cardoso é dos elementos mais prestáveis da colónia portuguesa, em Caracas. Não há iniciativa lusa para a qual ele não seja chamado a colaborar. E a todas diz sempre «sim».

Não é de Espinho, mas é como se tivesse aqui nascido. Sua terra é Sanfins, no concelho da Feira, mas desde há muito que tem casa nesta cidade, onde vem passar férias. Não apenas ele, como também seu irmão Ângelo Ferreira Cardoso, que reside na rua 26.

Na Candelária, onde tem escritório da empresa de construções, de que é presidente, Rufino Cardoso é uma figura muito popular e respei-

tada. Goza na colónia de grande prestígio. Não tem inimigos. Faz parte de todos os «grupos» e não faz parte de nenhum. Repudia a intrigante fácil que possa vir a originar divisionismos na colónia.

Quando em Fevereiro de 1953 chegou à Venezuela, já lá se encontravam três irmãos mais velhos, que haviam feito a viagem anos antes — o primeiro em 1944 (Ângelo), o segundo em 48 (Manuel) e o terceiro em 50 (Américo).

Com os irmãos trabalhou cerca de quatro anos incompletos, após o que se separou.

Durante esse período aprendeu a «andar» em Caracas. Diz que chegou ali de olhos fechados, mas a sua

força de vontade levou-o a superar todas as dificuldades que se lhe depararam.

Quando da queda de Peres Jimenes, afirma que sofreu um prejuízo na ordem dos 500.000 bolívares. «Fiquei na miséria».

Executou trabalhos que nunca mais conseguiu cobrar. Começou de novo mas foi difícil a recuperação. Em qualquer circunstância, não é fácil recuperar meio milhão de bolívares o que, traduzido para a nossa moeda, representava uma grande fortuna.

Sem desânimos, com a mesma determinação com que iniciara a sua caminhada, depois de se relacionar em Caracas e de se familiarizar com os processos de traba-

lho, Rufino Cardoso partiu firme para a sua vitória profissional.

Teve, naturalmente, boas companhias e boas ajudas. Sem umas e outras, como ele próprio reconhece, não teria chegado tão longe.

Fez parte de várias sociedades, a primeira das quais com seu irmão Ângelo e, ainda, com Serafim Ribeiro; a segunda com seu primo, Delfim Alves da Silva, construindo com esta sociedade o prédio onde está instalada a Rolmeta, e um outro no Largo Tito Fontes, onde a EDP tem um dos seus departamentos, ambos no Porto.

Na Venezuela, a firma de que é presidente (Cardoso & Leite), construiu inúmeros prédios.

Ao passar em determinadas ruas de Caracas, não é sem uma pontinha de vaidade que aponta para alguns prédios e diz: «este edifício foi construído pela nossa companhia».

Não sendo, como dissemos, espinhense, Rufino Cardoso tem dado a melhor colaboração ao Sporting de Espinho, ao qual afirma ter oferecido, já, «cerca de quatrocentos contos». Da última vez que esteve cá ofereceu 10.000\$. Por isso não gostou nada quando lhe foram bater à porta em novo peditório. «Então, recusei-me a receber as pessoas».

Está também ligado ao Centro Português, de que é fundador e prestamista. Dedicou a essa obra «o maior carinho».

Sobre o seu salão de festas diz que houve erro de cálculo na sua construção. Considerado demasiado grande, na altura, tomou-se, agora, muito pequeno.

E exemplificou:

— Se multiplicarmos os 2.000 sócios que efectivamente existem, por quatro, teremos oito mil pessoas.

Perguntou:

— Onde caber tanta gente? Acrescentou que a obra terá de morrer assim, tanto mais que no segundo piso nada será possível fazer.

Quanto ao resto, considerou «tudo normal». O Centro dispõe de instalações dignas e excepcionais.

Rufino Cardoso manifestou, ainda, um queixume:

— Nós, os emigrantes, investimos em Portugal. Temos prédios de rendimento. No entanto, os impostos aumentam e nós não podemos au-



Um dos prédios construídos pela empresa de Rufino Cardoso

mentar às rendas. Posso dar como exemplo os prédios onde estão instalados a Rolmeta e a EDP.

Falou, finalmente, da sua sucessão como empresário na Venezuela:

— Regressar a Portugal logo que estejam reunidas as condições para isso. Quando vim para cá não tive praticamente ninguém a quem recorrer, para resolver os meus problemas. No entanto, não deixarei de dar a melhor ajuda a meu filho mais velho que, aliás, já me representa em todos os actos, na minha ausência.

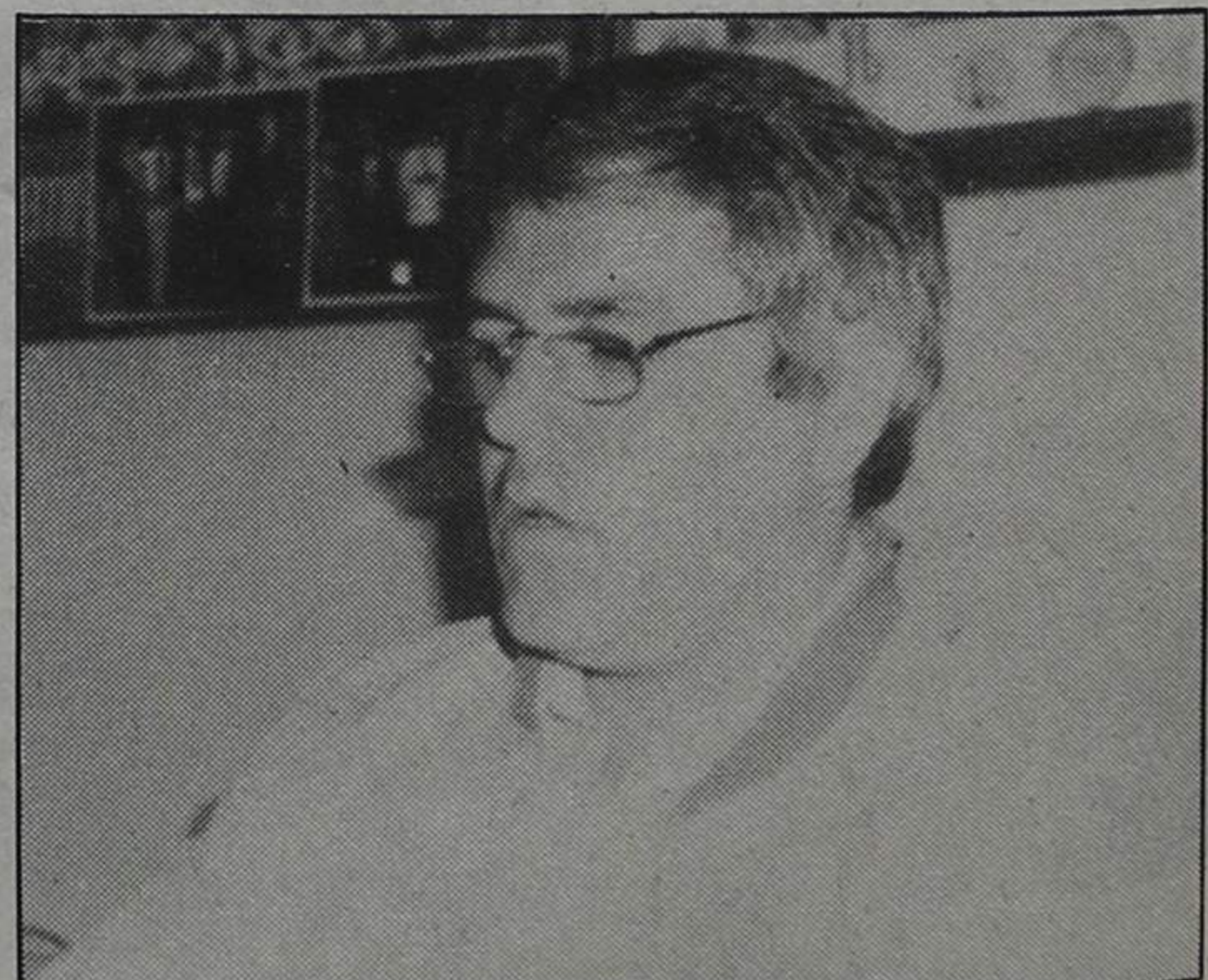
De facto, Rufino de Sá Otero, filho mais velho de Rufino Cardoso, de 26 anos,

nascido na Venezuela, vem representando o pai quando este se encontra fora daquele país.

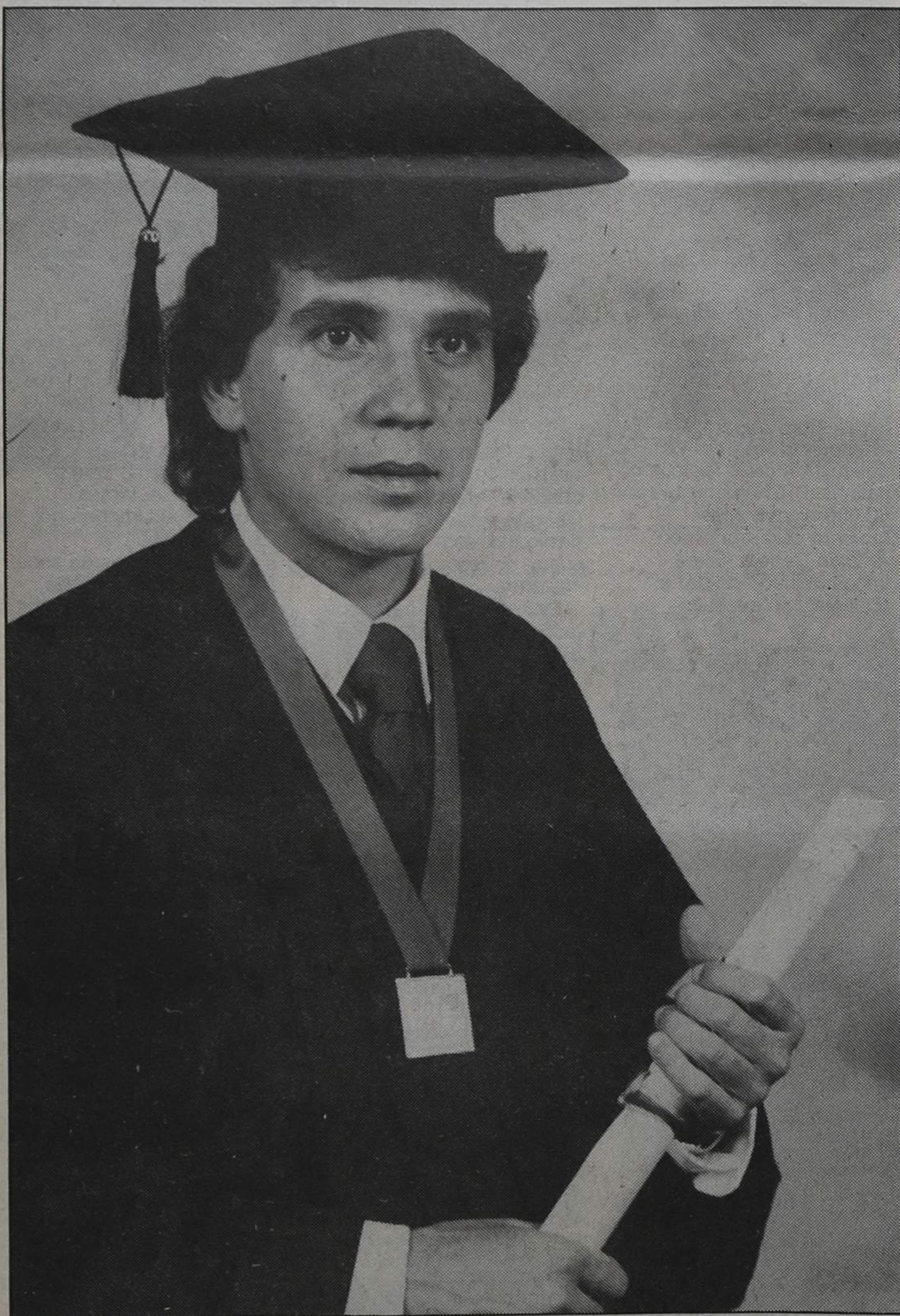
Rufino, filho, concluiu com êxito um curso de arquitectura que lhe permite resolver todos os problemas relacionados com a construção civil. É um jovem de qualidades, muito responsável que, pelos seus actos, revela ter mais idade do que aquela que efectivamente tem.

Refira-se, finalmente, que Rufino Cardoso tem uma casa em Espinho e outra em Orense, terra da esposa.

«Fica ao lado do rio Minho». É um cunhado que está cuidando dela durante a nossa ausência».



Rufino Cardoso, um grande empresário



O futuro das empresas do pai está nas mãos de seu filho, também Rufino

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

MÉRITO DE ANTÓNIO SÁ OLIVEIRA

DE AJUDANTE DE MISSA E DEPOIS CICLISTA A DIRECTOR PRINCIPAL DE UM BANCO!

Naquela noite, o homem que dá pelo nome de António Sá Oliveira, de que tanto nos haviam falado desde que chegámos a Caracas, estava ali, numa roda de amigos, no Centro Português. Joaquim Neves, amigo comum, encarregou-se das apresentações.

Aquela cara não nos era estranha. Conheciamos-a, não sabíamos de onde, se de há muito ou há pouco tempo. Quando mais tarde nos sentámos no seu gabinete de trabalho para a recolha de dados biográficos, e ele nos declarou que havia sido ciclista do Salgueiros, tudo ficou esclarecido.

Havia apenas um pormenor a estabelecer a confusão, relativo ao nome que usava na altura. Ele não era conhecido por Sá Oliveira (como agora) mas por Sá Gomes.

Pois por incrível que pareça, o jornalista que agora, volvidos 26 anos, se sentava à sua frente para dele poder falar como espinhense e como empresário, havia sido o mesmo que em 1958 fizera a cobertura jornalística da Volta a Portugal em que participou Sá Oliveira (com o nome de Sá Gomes).

Dos seus tempos difíceis de rapaz pobre, no Lugar da Quinta, em Anta, ao momento actual, em que atingiu por mérito próprio o lugar cimeiro de director principal de um banco venezuelano, há uma

boa distância no tempo e no espaço — de mais de quatro dezenas de anos e de milhares de quilómetros.

Do Sá Gomes há uma história por contar e merece ser contada, pelos exemplos tão bonitos que encerra; do Sá Oliveira idem, aspas, precisamente porque não é muito fácil a imitação dos seus feitos.

Comecemos pelo primeiro: eles, os filhos do sr. Fernando de Oliveira Gomes e de sua esposa Palmira Sá, eram seis ao todo. O António era o quarto a partir do mais velho. «Felizmente estão todos vivos».

O pai era pedreiro e a mãe trabalhava (trabalhou durante 47 anos!) na Fábrica de Brandão Gomes. Saía muitas vezes às duas horas da manhã. Naturalmente que os filhos sofriam com isso. Eram eles quem tinham de cozinhar. Menino António esteve até à quarta classe na escola situada ao lado da Câmara. D. Carmen era a sua professora. «Vivia à beira da loja do Quintas».

Desses tempos ele recorda-se do Domingos da Mana, «meio poeta e meio escritor»; do advogado Fernando Dias Guimarães, do Joaquim Beka, «que foi para Portugal em definitivo»; do Joaquim Toupeira, «meu ex-companheiro da comunhão solene»; do Alves Ferreira, «que está no casino»; e de tantos outros.

Referiu que ainda hoje,

«quando vou à «boite», me encontro com todos eles».

Ajudou à missa durante cinco anos, no tempo do falecido padre Pinho. Andou na tuna mas nunca teve instrumento. «Meu pai não o pode comprar».

Depois da quarta classe foi para a loja do Sebastião, na Rua 19. Foi o seu primeiro emprego. Não ganhava nada. «Eram só gorjetas que eu recebia dos recados que então fazia». Esteve aí cerca de ano e meio.

Com 13 anos foi para a Garagem do Martins, para moço de pintor de carros, «onde estive até vir para a Venezuela».

Tinha pouco mais de 16 anos quando isso aconteceu. Foi em Maio de 1954. «Meu pai tinha vindo em 1950 e tivera a grandeza de nos trazer a todos para cá». António foi o segundo a ir. Quando chegou, passou a trabalhar na construção civil, como aliás todos os irmãos e o próprio pai. Em 1958 completara ele 20 anos de idade, e o «vício» pela bicicleta trouxe-o até cá. Em representação do Salgueiros, participou no Porto-Lisboa, de que Carlos Carvalho foi o vencedor. Sá Gomes (o Sá Oliveira de agora) foi o melhor salgueirista, recebendo como prémio, do técnico e jornalista Franquelim Cardoso, já falecido, um fato. Na Volta a Portugal, ganha por Alves Barbosa (foi a terceira e última Volta ganha pelo sanga-lhense), Sá Gomes, já sem companheiros de equipa, acabou por desistir na 11.ª etapa. Foi na Volta em que morreram os espanhóis Raul Motos e Joaquim Polo.

Esteve em Portugal dez meses e, quando regressou a Caracas, continuou ligado ao ciclismo como corredor do União Ciclista. «Era nosso trabalhador o meu grande amigo Fernando Moreira de Sá».

Depois, representou a Venezuela, uma vez que já estava nacionalizado. Assim, em 1960, representou o país na Volta à Guatemala, de que foi 9.º classificado. Venezuela ficou em 2.º lugar.

Acumulava o trabalho com os estudos. Revalidou a «primária», feita em Espinho e «fez» o liceu à noite. «Só com esse sacrifício é que consegui tudo o que desejava».

A partir de 1966 abandonou a construção e passou a dedicar-se ao ramo de exploração de madeiras venezuelanas. Ao completarem-se vinte anos sobre essa actividade, o Governo de Caracas deu à empresa de que António Sá Oliveira fazia parte, uma área de terreno com 60



Quando foi eleito director principal de um banco, Sá Oliveira teve nas homenagens de que foi alvo, a presença, entre outros, do embaixador de Portugal em Caracas

hectares a troco de um contrato administrativo de trinta anos.

Considera ele que esse «foi o prémio da minha actividade ao longo de duas décadas».

Referiu que desde muito jovem se vem dedicando à política do país, filiando-se a partir dos 21 anos no Partido da Acção Democrática.

Ainda recentemente, durante a visita feita a Portugal, pelo ministro do Fomento da Venezuela, integrou a comitiva. Foi, aliás, o motor da iniciativa. Conheceu vários industriais portugueses, entre eles Jeremias Neves, da Jomare e João Rocha, que é o presidente do Sporting e vai de quando em quando a Caracas.

Sá Oliveira justifica a sua

promoção social, política e profissional pelo comportamento que tem tido ao longo dos tempos, pela sua lealdade e espírito de sacrifício.

Como estava ligado ao ramo das madeiras, tornou-se num grande empreendedor no Brasil onde viria a conhecer sua esposa.

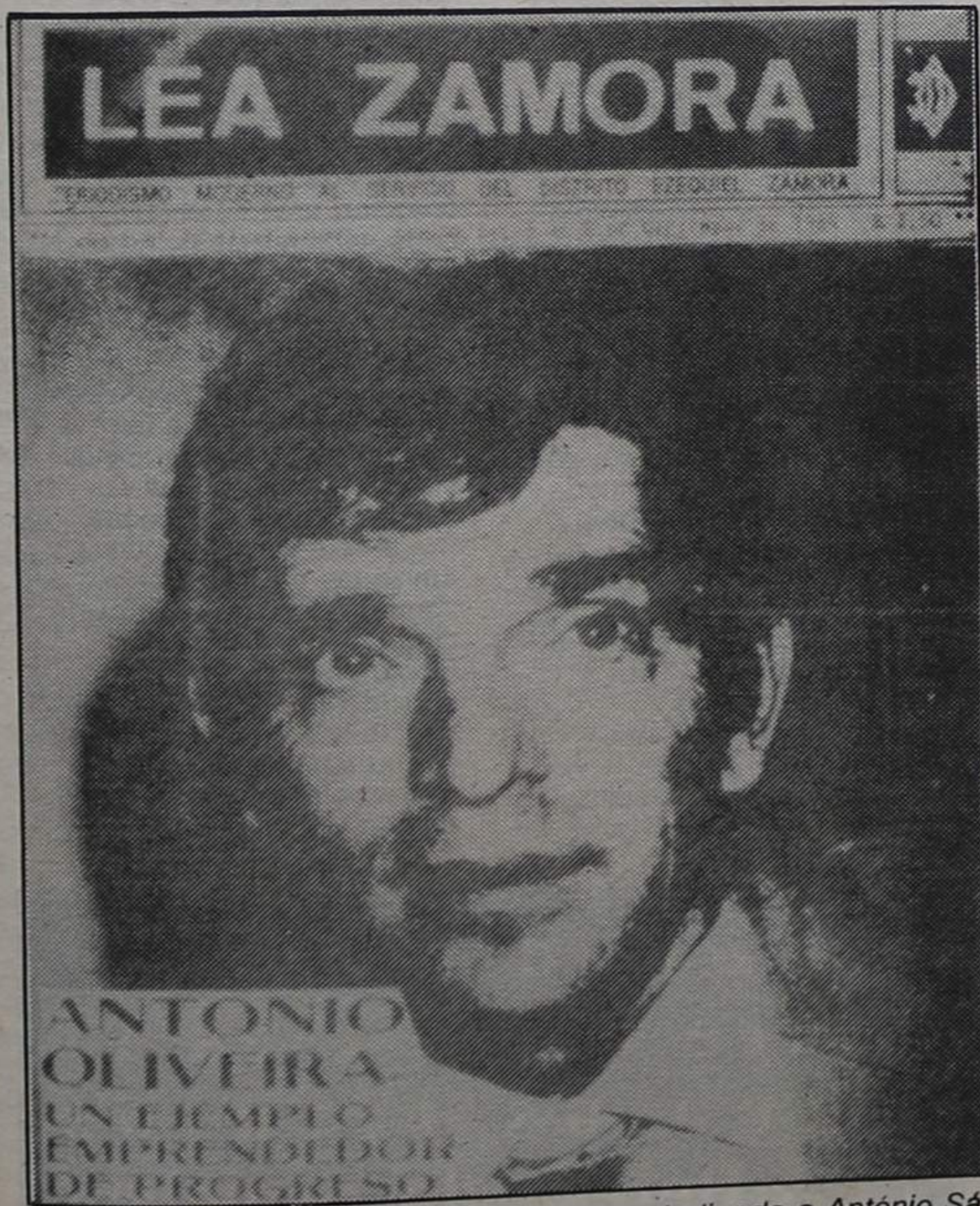
O Grupo de Santa Bárbara, de que é presidente, nasceu do facto de existir onde está instalada uma serração, a cidade Santa Bárbara de Barinas e de àquele ter sido associada uma empresa de construção que se dedica exclusivamente aos trabalhos de estradas.

Simultaneamente, Sá Oliveira passou a desempenhar as elevadas funções de director principal do Banco Agro-

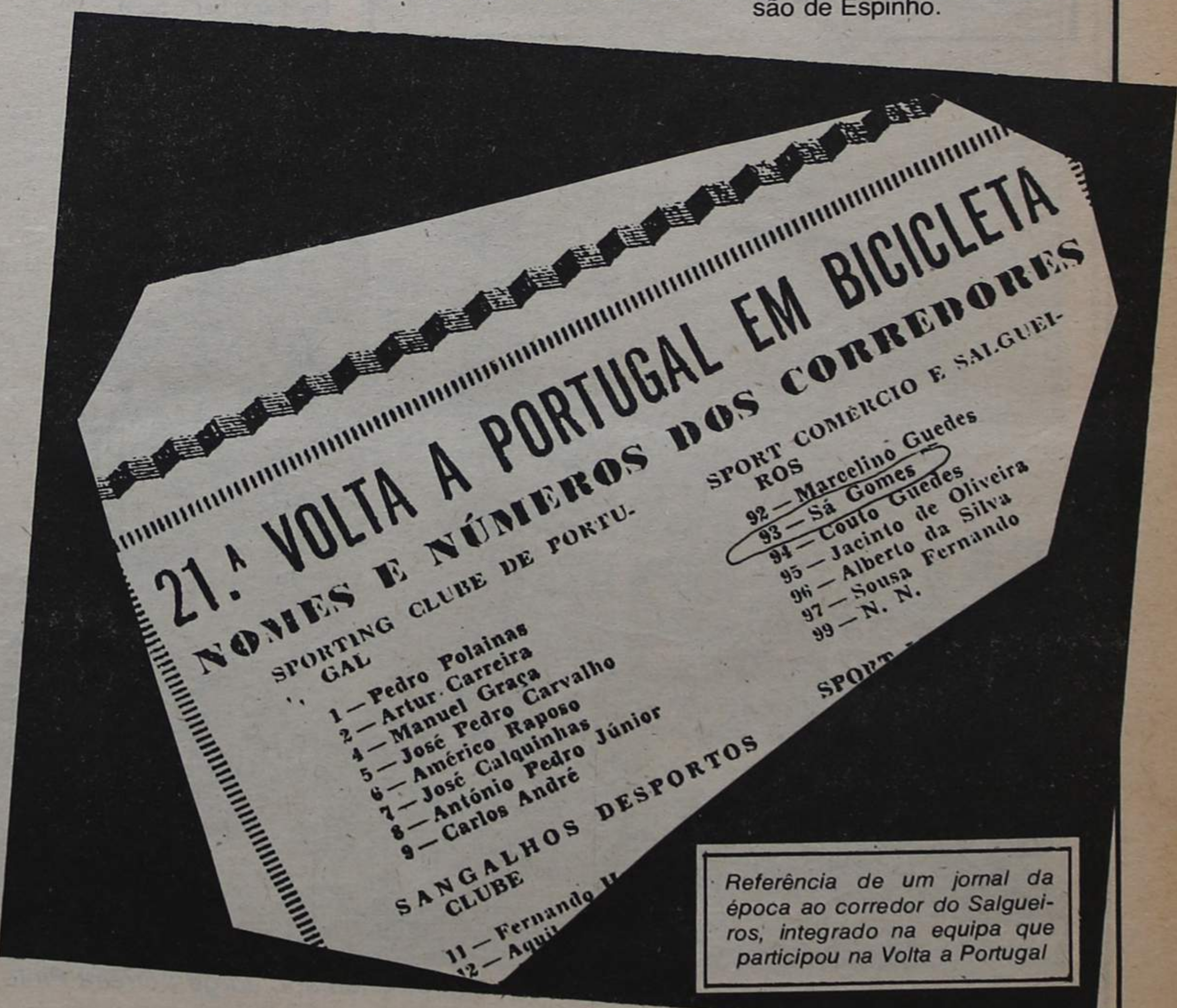
-Industrial Venezuelano e que está ligado o Grupo de Santa Bárbara.

Por via dessa promoção, Sá Oliveira foi alvo de grandiosa homenagem no Centro Português, em que estiveram presentes destacadas personalidades da vida social e política da Venezuela e de Portugal.

No seu discurso, o homenageado considerou o dr. Venceslau Mantilla, assessor político do Grupo de Santa Bárbara, como seu segundo pai. Regozijou-se pelo facto de ser o primeiro português a fazer parte do banco, para mais na sua qualidade de director principal. Hoje, o banco tem ao seu serviço 22 portugueses, a maioria dos quais são de Espinho.



Primeira página de um jornal inteiramente dedicada a António Sá Oliveira



Referência de um jornal da época ao corredor do Salgueiros, integrado na equipa que participou na Volta a Portugal

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

JORGE FERREIRA PINTO O «MAIOR» NO ESTADO MIRANDA

Sobre Jorge Ferreira Pinto, de Lobão, no concelho da Feira, mas com muitas amizades em Espinho (foram essas amizades que proporcionaram o contacto) há uma definição que corresponde rigorosamente à sua personalidade: é um homem bastante popular e, por isso mesmo, bem integrado na colónia, onde goza de muito prestígio. No dia em que o visitámos, o seu escritório encheu-se de amigos, idos de Caracas, ao seu encontro. Do centro da cidade ao local onde exerce a sua actividade de construtor são, de carro, uns bons trinta minutos. Muitos dos edifícios-gigantes,

ali levantados ao longo dos anos, foram obra das suas empresas. É dos que mais tem construído em Los Altos. Jorge Pinto vai a caminho dos cinquenta e três anos. Os primeiros vinte e poucos passou-os na sua terra do Lobão. Com 16 anos já se dedicava à actividade da construção civil, de parceria com um mestre, naturalmente mais velho. Sanguedo, Vila Maior e Argoncilhe foram as terras onde mais construiu no início. Recordou que a primeira padaria existente, na Vergada, foi construída por ele, em 1952, assim como o forno. Essa padaria fica na chamada estrada velha. Diz que foi para a Venezuela

por acidente. O pai morrera quando era ainda muito jovem. Foi no barco Italiano «Castelo Verde». Saiu de Lisboa no dia 9 de Maio de 1955 e chegou a Caracas nove dias depois, no dia 18.

Na Venezuela já lá tinha um irmão mais novo, o David, que o foi esperar. David fora avisado da viagem do Jorge através de carta.

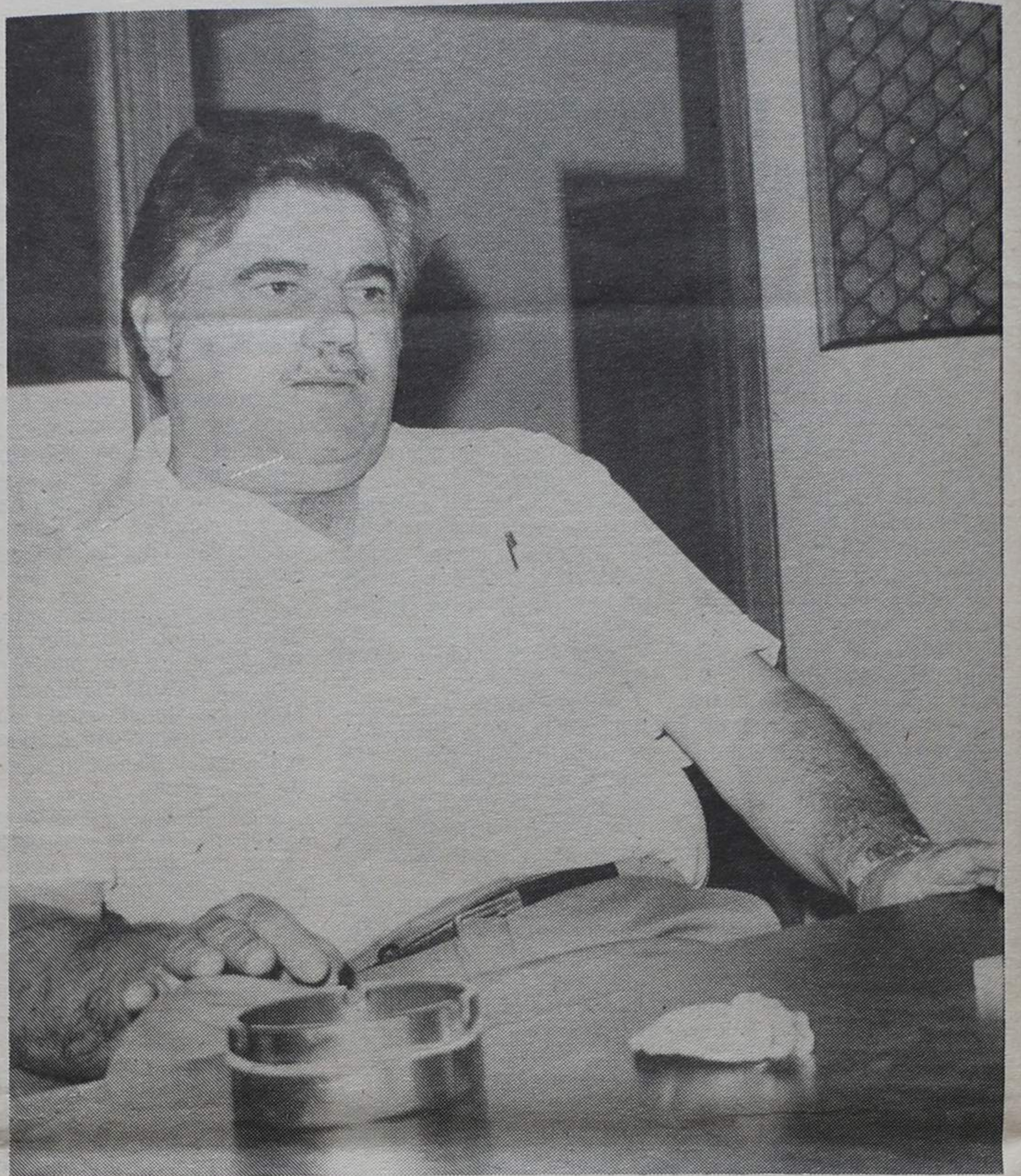
Uma vez juntos, os dois irmãos fizeram entre eles uma sociedade, comprando de imediato em Miguelacho, próximo da Candelária, o Hotel «Oporto» pela

importância de 30.000 bolívares. Nessa altura cada bolívar valia cerca de 4\$50. O dinheiro fora emprestado aos dois. Mas o negócio não deu resultado. Foi num período de crise, a anteceder uma crise mais grave, ainda, quando em 1958 se deu a queda do presidente Perez Jimenes. O trabalho escasseava. E as pessoas que ocupavam o hotel não podiam pagar. Jorge Pinto reconhece que foi «o primeiro pontapé» que ele e o irmão levaram na sua vida ainda curta, em Caracas.

Curioso é que venderam o hotel ao mesmo indivíduo a quem o haviam comprado e, para isso, tiveram de vender mais barato. Um negócio para esquecer, mas que ambos não esquecem...

A sociedade desfez-se, então. «Meu irmão foi para um lado e eu para o outro».

Ele, o Jorge, comprou um bar. Como já tinha alguma experiência do hotel, entrou para um negócio quase similar. Chamava-se Bar Champanhe e ficava na que é hoje Avenida Barault. Esteve lá pouco tempo (até 58) por culpa da revolução. Perdeu o bar e ficou praticamente sem nada.



Jorge Ferreira Pinto, o semblante de um homem bom

COISA RARA

SINDICATO DOS TRABALHADORES RECONHECIDO AO INDUSTRIAL

Não é fácil, nos dias que correm, incluindo em países democráticos, os sindicatos renderem homenagens ao patronato. Mas acontece na Venezuela, especialmente em relação a Jorge Ferreira Pinto.

Assim, não há ainda muito tempo, ele foi condecorado pelo Sindicato dos Obreros (dos trabalhadores) com a medalha de «Reconhecimento» pela forma como tem tratado ao longo dos anos os seus servidores.

Também, em princípios de Dezembro último, recebeu o «Botão de Ouro» da Polícia Metropolitana do estado de Miranda, como prémio pelo seu comportamento como cidadão e como industrial.

Em Santo António de Los Altos, onde se situam os seus escritórios, ele é, efectivamente, uma figura respeitada por todos.



Obra de um português chamado Jorge Ferreira Pinto

Referiu que «a coisa esteve feia».

Outro qualquer teria desanimado e não reagiria. Tentaria, mesmo, o regresso a Portugal. Mas Jorge Pinto foi sempre um homem de rija tempera. Não é qualquer tempestade que faz tombar o barco que o tem ao leme. Agarrou-se a algo que fizesse minorar as suas dificuldades. Como levava de Portugal a «arte» de construtor, passou

a fazer reformas em prédios carecidos delas. O seu objectivo primordial era trabalhar e ganhar algum. Parado é que não. Porque, como diz o ditado, parar é morrer.

A partir de 1964 foram constituídas diversas sociedades, sempre lideradas por Jorge Pinto. A primeira, com seu irmão David, designava-se **Tecnogar**. Logo a seguir, uma outra, de novo com o irmão e com um cunhado, eng. Alfonso Sambrano.

Em 1966, outra, ainda, com o nome de **Hermanos Ferreira Pinto**. Sete anos mais tarde, após extinta aquela outra, Jorge Pinto faz uma sozinho, denominada **Construções**. Neste mesmo ano de 1973 associou-se com sua filha Silvína para fazer a empresa **Fersil** e, pouco depois, uma outra, com dois italianos, a que deu o nome de **Consórcio Afa**. Esta firma durou até 1977, ano em que foi fundada uma denominada **Inversiones los Picachos**.

Pela primeira vez, em 1977, sua esposa Ana Lucília, entra numa sociedade, juntamente com um espanhol e dois portugueses. Tem o nome de **Estruturas Asociadas** e ainda se mantém. Ainda em 1977 um israelita de nome Chain Kamel

constituiu com Jorge Pinto a firma **Inversiones Kagesll** e, pouco depois, uma outra, chamada **Inversiones Altosll**. Em 1982 surgiram duas sociedades: **Lavan** e **Inversiones Vida**, ambas com o israelita. De referir que «lavan», em israel, significa «branco» em português. Em 1984 duas outras foram criadas: **Inversiones Alto Diego**, com os italianos e os filhos; e **Inversiones Candisal**.

Jorge Ferreira Pinto esteve até 1973 sem vir a Portugal. A partir de então tem cá vindo todos os anos. Ainda recentemente, por exemplo, esteve entre nós.

Em S. João da Madeira comprou uma casa por uns bons milhares de contos. Construiu, ainda, um amplo edifício em Oliveira do Douro e adquiriu no concelho galense um terreno com a área de 12.000 m² para nele construir duzentos e tal apartamentos. Os projectos encontram-se na Câmara Municipal para aprovação. Diz ter em Espinho muitas amizades e é natural que venha, um dia, a viver nesta cidade.

Finalmente, Jorge Pinto considera-se um homem feliz, depois dos sobressaltos que sofreu quando chegou à Venezuela, e após ali ter estado alguns anos.

Na «Rádio-Porto»
entre as 11 e as 13
ouça os títulos
do «Defesa de Espinho»

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA

CASA OLIVEIRA — BEBIDAS «MADE IN» PORTUGAL

É consolador, mesmo emotivo, chegarmos ao estrangeiro e depararmos com produtos portugueses. É o caso das bebidas da Casa Oliveira, situada em Boileira, numa rua («calle») que dá pelo nome de Tiuna.

Desde os vinhos de mesa das principais marcas, que nós vemos por aí (e bebemos) nos restaurantes, aos qualificados champanhes da Bairrada, nada falta nessa prestigiosa firma de Caracas, que é dirigida por um tirsense (Manuel Oliveira Gonçalves) e por um espinhense (Eng. Manuel Paula Gonçalves). Um terceiro elemento (Moisés Alves da Silva) que por vontade

com variado tipo de bebidas, numa divulgação, em Caracas, do que de melhor aqui se produz e do próprio nome de Portugal.

MOISÉS ALVES DA SILVA

Moisés Alves da Silva deixou, como já dissemos, o cargo de presidente, que vinha desempenhando na firma de que foi, aliás, o grande impulsionador. Continua, no entanto, ligado à empresa, onde é muito respeitado e acarinhado.

Falando um pouco de si próprio, revelou que o começo da sua vida foi difícil. «Éramos 10 irmãos». O pai era pedreiro e

chegar a Portugal para dar conhecimento àquele clínico dos resultados dos exames que havia feito na América do Norte.

Moisés Alves da Silva sublinha que a partir da altura em que se deu a alteração do pacto social, a firma ganhou um incremento notável. Em Portugal ele está encarregado das exportações da empresa. «Estou cá para resolver todos os problemas».

Lamentou que os seus filhos sejam estrangeiros em Portugal. As empresas portuguesas recusam-se, por isso mesmo, a dar-lhes trabalho. Não querem ter problemas. Queixa-se de que «estamos isolados» no aspecto da cultura. «São poucos a ajudar-nos».

Quis meter um filho na Universidade e viu-se aflito. Acabou por vencer a resistência de funcionários de Ministérios, porque foi duro nas suas reivindicações. Meteu os pés ao caminho e foi a Lisboa protestar contra o que ele considerou ser uma grave injustiça.

Entristece-o o facto de quando está em Portugal só ouvir música inglesa, francesa e alemã. Da

estes tinham uma padaria em Santa Cristina do Couto, ele, o Manuel, andava a distribuir pão pelas portas. Conseguiu, mesmo assim, completar o 3.º ano da Escola Comercial de Santo Tirso.

Quando chegou a Caracas o pai arranhou-lhe o emprego numa padaria. Trabalhava em dois turnos: um das 6 às 10 e outro das 17 às 22 horas.

Quando chegou o sábado, disseram-lhe que ali também se trabalhava aos domingos. Manuel não esteve pelos ajustes e disse ao pai não estar interessado no emprego.

Foi, então, para a construção, como carpinteiro, ali se mantendo durante seis meses.

Ao fim desse período e quando já ganhava 20 bolívares, apareceu-lhe um português que fizera com ele a viagem, debarcou para a Venezuela, informando-o de que na Casa Oliveira precisavam de um rapaz para trabalhar. Manuel foi lá e ficou, depois de aprovado no teste a que foi sujeito. Recordava-se que começou a trabalhar no 1.º dia de Agosto de 1964.

meio pelo Liceu de Gaia. A partir do 7.º ano, esteve três anos em Coimbra, na Faculdade de Engenharia e, após isso, na do Porto, um ano.

Casou em Agosto de 1975 com a filha do sr. Moisés, Maria Flor de Sousa e Silva e, um mês depois, embarcava para a Venezuela. Quando chegou, dedicou-se à construção civil. Teve dificuldades. Não conhecia o idioma. Não tinha o curso de engenheiro. E como ele reconheceu, «ter um curso em metade é como não ter nada».

Valeu-lhe na altura um bom espinhense e seu grande amigo (o «Moreirita») que lhe deu trabalho na empresa que dirigia, juntamente com o famalicense António Pinto e o espanhol Gutierrez. Manuel Paula Gonçalves exercia aí a actividade de controlador, relativamente ao pessoal e aos materiais que entravam na empresa. Auferia o vencimento diário de 35 bolívares.

Trabalhou cerca de 15 dias na empresa. «Moreirita» não deixava de reconhecer que o serviço atribuído ao novo funcionário era demasiado modesto para a sua categoria. Tratava-se, afinal, de um quase engenheiro. Daí que lhe arranhou uma ocupação melhor, numa firma de que era dono o sr. Francisco Lopes, da qual fazia parte o grupo económico do Banco Union, dos mais credenciados na Venezuela. Entrou como assistente de engenharia mas, para o comprovar, teve de fazer a revalidação da matéria na Universidade Central. Teve, para tanto, de solicitar para Portugal

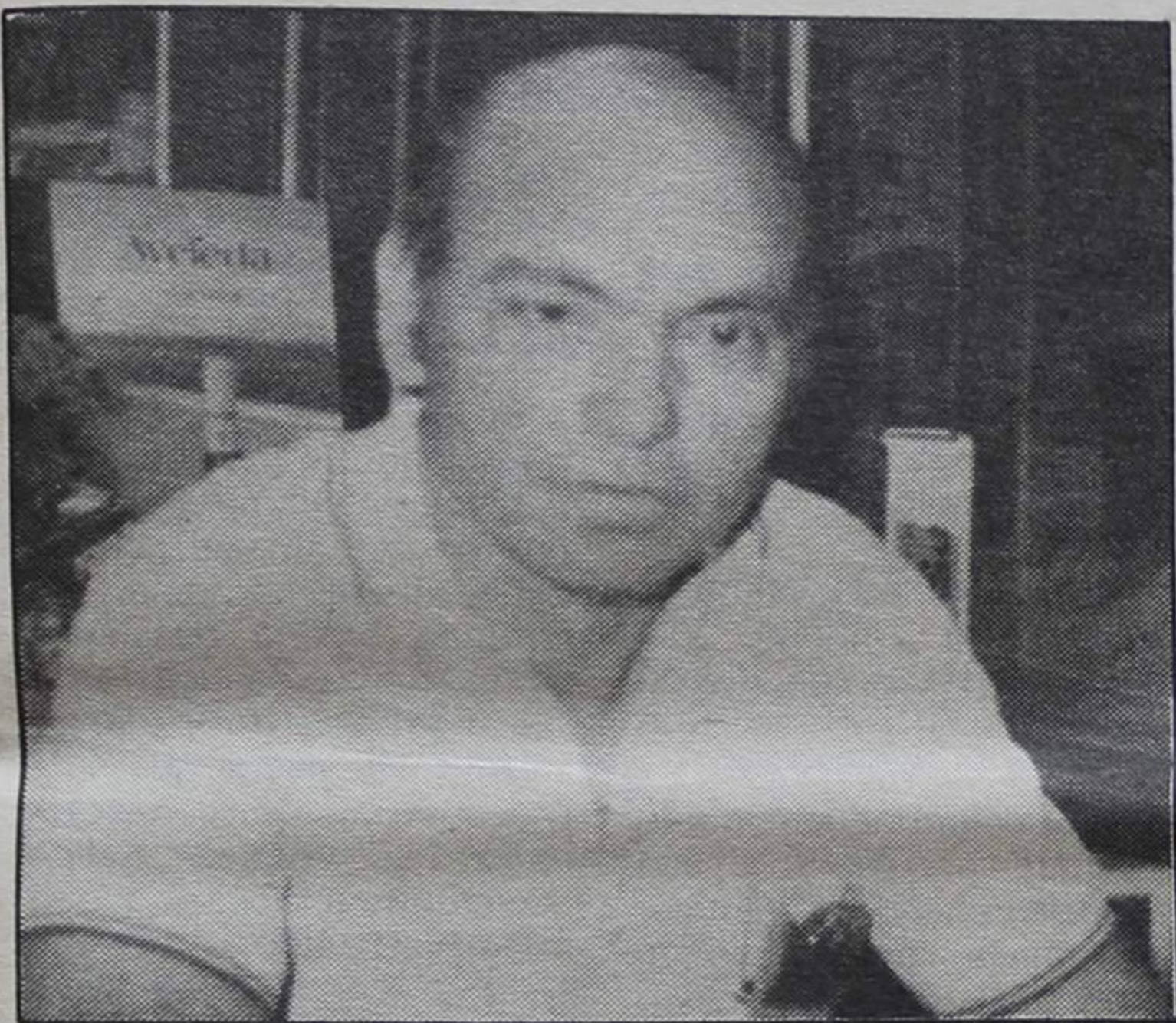
Espinho, de que eram responsáveis o padre Costa, eng. Carrão e dr. Pinto Coelho. Ai chegou ao 5.º ano, que viria a repetir no Colégio dos Carvalhos. Concluiu o 7.º ano no Colégio de Nossa Senhora da Conceição, depois de ter «passado» cerca de ano e viria a construir a bela obra do Cubo de Cristal, próximo do aeroporto de Carlota, no centro da cidade. Mais sete meses e, de novo, numa companhia do Banco Union, como director de obras. Formou-se ao fim de dois anos e três meses ao dirigir essas obras. Trabalhava e estudava na Universidade de Santa Maria. Na empresa estava desde as sete às dezassete e, na Universidade, entre as 18 e as 23 horas.

Recordou que dormia quatro horas por noite. Fez, como se depreende um grande e penoso sacrifício.

Depois de ter regressado à empresa onde havia trabalhado com o sr. Francisco Lopes, do Grupo Union, viria a dirigir a construção das instalações do Clube Campestre Paracotos que inclui, entre o que foi anunciado, uma piscina.

Em 1982 tomava a grande decisão da sua vida, indo juntar-se ao sogro para passar a dirigir, também, a Casa Oliveira.

O eng. Manuel Paula Gonçalves afirma estar preocupado com o envelhecimento precoce dos portugueses. Diz sentir uma grande tristeza. Também ele falou das dificuldades do povo em se divertir. Disse que o povo «está cada vez mais velho».



○ desenvolvimento da Casa Oliveira pertenceu a Moisés Alves da Silva

expressa e por motivos de saúde deixou de ser o líder da Sociedade, é de aqui ao pé da porta, de S. Paio de Oleiros (Moisés Alves da Silva).

É a Casa Oliveira das que mais tem promovido na Venezuela as bebidas portuguesas. Se durante o ano é grande a sua actividade, por ocasião das festas do Natal e da Páscoa, patrões e empregados não têm um minuto de descanso. Os horários de funcionamento são largamente excedidos. Só fazendo serão se consegue corresponder aos pedidos que chegam a todo o momento de perto e de longe.

E não são apenas os emigrantes portugueses a darem preferência aos nossos vinhos, aos nossos champanhes e aos nossos licores. Já há muito que as bebidas «made in Portugal» entraram nos hábitos dos venezuelanos e dos povos de outros países que escolheram a pátria de Simon Bolívar para trabalharem e aí se radicarem.

O contacto foi-nos proporcionado por um velho amigo da casa: António Alves Moreira, que chegou a ter ao seu serviço (como veremos mais adiante) o eng. Manuel Paula Gonçalves, um e outro espinhenses natos. Aliás, de véspera, e durante uma concorrida e requintada «prova de vinhos», realizada num luxuoso e amplo salão do Centro Comercial do Tamanaco, um outro amigo e também espinhense (Joaquim Alves das Neves) já havia feito as apresentações. Nessa «prova de vinhos», a Casa Oliveira esteve presente

«teria de ganhar para todos nós. Passámos fome».

Disse que morreu há oito anos e contava 72.

Lembrança triste do sr. Moisés: «nunca andei na escola. Fiz o exame da terceira classe no serviço militar e o de quarta aqui, na Venezuela».

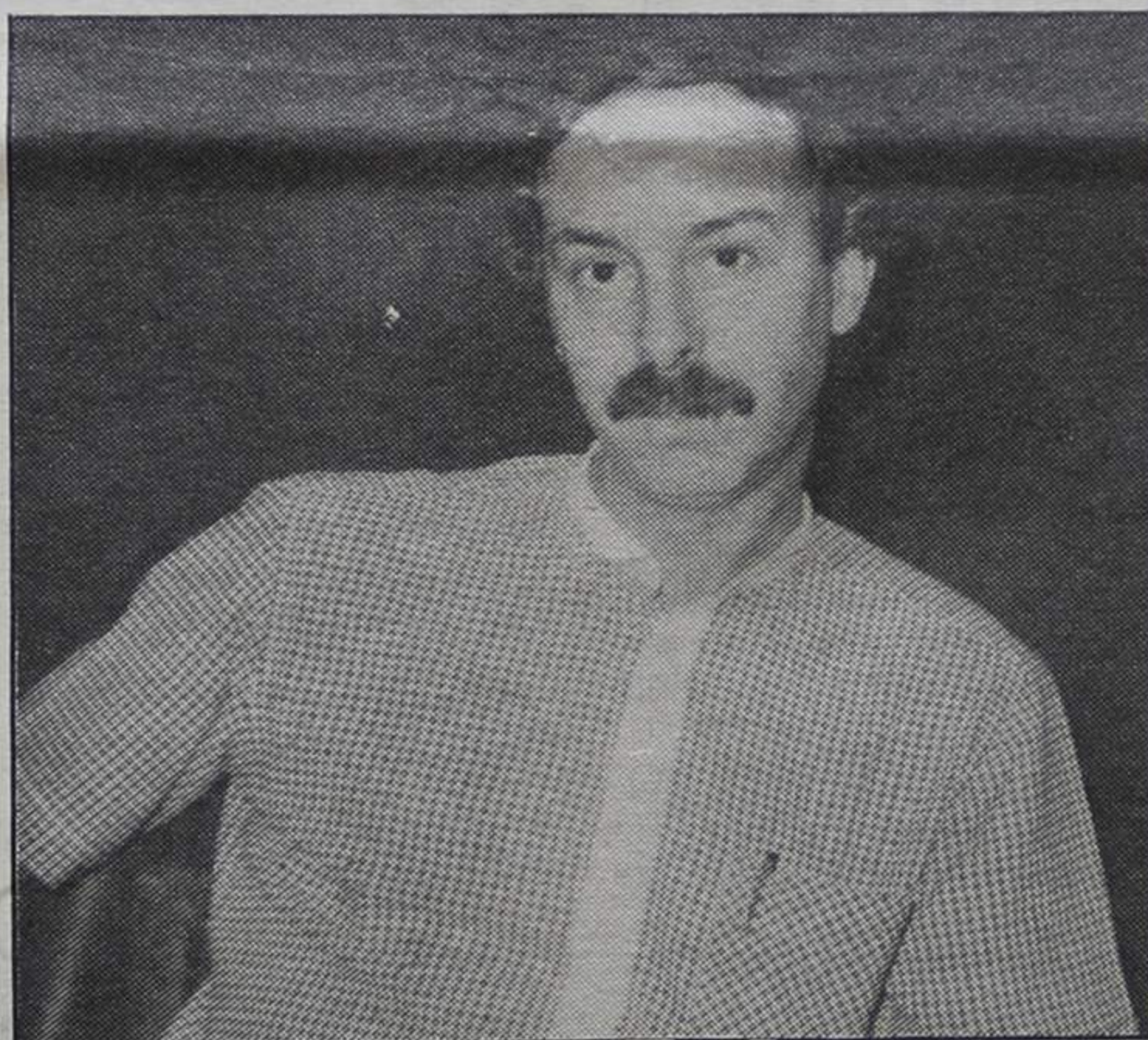
Emigrou aos 24 anos. Foi um cunhado, irmão da esposa, que lhe abriu as portas da emigração. «Esse já cá estava. Veio com 17 anos e pertencia à Fosforeira da Venezuela, que ele julga estar relacionada com a Fosforeira de Espinho. «O pessoal veio todo de lá».

Antes de entrar para a Casa Oliveira (que já existia) o sr. Moisés trabalhou com o sr. Delfim Lancha durante 7 meses. Ganhava, então, 22 bolívares por dia.

Referiu que a Casa Oliveira se situava na Urbanização El Conde, em pleno centro de Caracas. Oprédio já não existe. Trabalhava como ajudante de camioneiros, nas cargas e descargas das mercadorias.

Sete anos mais tarde ele comprava a firma. Sozinho. Fez o esforço que se adivinha, e talvez por isso é que viria a ter, a curto prazo, problemas de saúde.

Amigos aconselharam-no a consultar médicos dos EUA e ele não hesitou. O seu problema estava nos rins e na coluna. O tratamento resultou quase a cem por cento. E houve um médico português (Serafim Guimarães) que o ajudou a resolver alguns dos seus problemas. No dia em que lhe falámos, estava ansioso por



Manuel Oliveira Gonçalves, o presidente

Venezuela nunca ouviu. E Venezuela é a sua segunda terra e a terra de seu filho mais novo.

Queixa-se de que os governantes ligados à emigração só têm feito, ao longo dos anos, promessas que não cumprem.

MANUEL OLIVEIRA GONÇALVES

Manuel Oliveira Gonçalves preside à Sociedade por cedência das cotas por parte do sr. Moisés. É, como já dissemos, natural de Santo Tirso, mais precisamente da freguesia de S. Paio de Guimarei, mesmo ao lado de Santa Cristina do Couto.

Emigrou para a Venezuela em 1964, tinha então 18 anos de idade. Fê-lo para fugir à tropa e porque o pai já se encontrava em Caracas há muitos anos. Ficou sem mãe aos 11 e foi viver para casa de uns tios, até à altura de emigrar.

Enquanto com os tios e porque

Como empregado de escritório ganhava 500 bolívares mensais. Dez anos após a sua entrada, o dono da firma passou a ser o sr. Moisés que, em 1975, começou por lhe dar sociedade com um terço do capital social.

MANUEL PAULA GONÇALVES

Manuel Paula Gonçalves, engenheiro, é genro do sr. Moisés Alves da Silva e faz parte da sociedade que dirige a Casa Oliveira. Nasceu na freguesia de Silvalde, em Espinho, há 32 anos.

Foi para a Venezuela no Verão quente de 1975. Estudou até à quarta classe em Silvalde, indo a seguir para o Colégio S. Luís, em



Eng. Manuel Paula Gonçalves, outro dirigente de uma grande empresa

que lhe fossem enviados documentos comprovativos, o que conseguiu sem dificuldades nem «cunhas».

Sete meses depois saiu da empresa e foi trabalhar para uma companhia venezuelana, que

quanto a poder ou não construir em Espinho, também ele se queixa desse problema, dizendo que as pessoas nisso interessadas têm de andar de chapéu na mão a correr para a Câmara Municipal.

LEIA E DIVULGUE

«DEFESA DE ESPINHO»

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AMÉRICA LATINA



Um jovem (Felipe Vera) que soube dar continuidade à obra criada por seu pai

AGÊNCIA SECO: AO SERVIÇO DE QUEM VIAJA

Entre a Agência Seco (agências de viagens) e o seu actual proprietário, distam apenas quatro anos. Ele, o sr. Felipe Vera, nasceu em 1953, e ela, a agência, em 1957.

Fica na Candelária que, como já escrevemos, é o ponto de concentração de muitos portugueses. Não cremos que em toda a Venezuela haja local tão concorrido de compatriotas nossos.

FILIFE VERA DESENCANTADO COM A PRAIA DE ESPINHO

Felipe Vera é um simpático espanhol da Galiza, que entende perfeitamente o português e «arranha» bastante a nossa língua. Muitos dos seus amigos são de Portugal.

Era também da Galiza o fundador da agência, a quem o pai de Felipe, sr. Gerónimo Vera, já falecido, viria a comprar o estabelecimento em 1971.

Conta Felipe, que seu «padre» dera pela agência

800.000 bolívares, o que para a época (e mesmo agora) representava uma verdadeira fortuna. Na sociedade havia mais dois espanhóis.

Felipe sente muito a morte do pai, ocorrida em Janeiro de 1982 quando ele se deslocou a Espanha em viagem de férias. Vítima de enfarte, o sr. Gerónimo viria a acabar os seus dias de forma inesperada e triste. Seu corpo está em Espanha.

Felipe tem um dom natural de saber fazer amizades, dada a forma cativante como recebe e trata quem o visita. Seu semblante traduz bondade e educação.

Reconhecendo-lhe qualidades, o pai deu-lhe sociedade em 1976, tinha Felipe apenas 23 anos de idade. Nessa altura, o sr. Gerónimo comprou uma quota a um dos espanhóis, e Felipe outra ao segundo. É assim que a família Vera passa a explorar sem a presença de estranhos a Agência Seco.

Foi notório o seu crescimento a partir de então. Por um lado as relações sociais do sr. Gerónimo, no meio e, por outro, a juventude do irrequieto e simpático Felipe, fizeram da agência em pouco tempo uma grande agência. Ao elevado número de clientes espanhóis que a agência já tinha, em consequência da naturalidade dos seus fundadores e gestores, juntaram-se portugueses e italianos, que são, sem dúvida, os que formam as colónias mais numerosas na capital da Venezuela.

A morte inesperada do sr. Gerónimo deixou Felipe um

tanto desamparado. Valeu-lhe muito, na altura, a senhora com quem casara em 1970, uma jovem de nome Catarina, nascida em Barcelona, que lhe insuflou ânimo e não deixou que o marido acusasse demasiado os efeitos da morte do pai. Havia que dar continuidade a uma empresa com boas perspectivas de vir a ser grande em Caracas, desde que bem acompanhada por parte do que passara a ser o seu único responsável.

E foi, efectivamente, o que aconteceu. Então com 29 anos e com três filhos para educar (todos rapazes, mas

mais longa e, alargando o âmbito da sua acção a outras zonas. Deste modo, em Março de 1984 foi aberta uma filial no litoral, a cerca de 5 quilómetros de La Guaira, onde vem desenvolvendo uma actividade notável, a significar o crescimento gradual e firme da agência. É tal o seu movimento que já se encontram ao seu serviço quatro funcionários. Na sede trabalham oito.

segundo lugar em vendas durante o ano de 1976. Avianca».

Relativamente à segunda, reproduzimos textualmente e no idioma original:

«Sr. Gerónimo Vera: por su

agência e para a própria companhia de aviação.

Aqui fica, um tanto sumariamente, a história de um es-

que vai «tentar uma menina», segundo nos declarou), Felipe não parou um só momento para que a sua empresa crescesse, tentando dessa forma e para além de outros objectivos aliás muito respeitáveis, honrasse tanto quanto possível a memória do seu progenitor.

Foi assim que em pouco tempo a Agência Seco viu aumentadas as suas receitas, através de um movimento bastante superior. Basta dizer que em 1983 o balanço total foi de 25 milhões de bolívares, números que no ano que findou foram largamente excedidos.

Mas a agência não se limitou ao espaço já vasto da Candelária, onde se situa. Foi

Felipe Vera fala do pai com muita saudade. Disse-nos ter sido ele professor de relações públicas. Era notável o seu prestígio em Caracas, segundo o testemunho de muitos portugueses que o conheciam e tinham por ele a maior admiração e estima. Felipe foi seu aluno e, pelos vistos, assimilou bem os ensinamentos que recebeu.

Na sede da agência, em Candelária, existem várias placas com inscrições muito honrosas. Duas delas, são da Avianca, prestigiosa companhia aérea da Colômbia que não viu outra forma de manifestar à Agência Seco o seu reconhecimento que não fosse enviar-lhe duas placas com significativas legendas.

A primeira, em português (traduzido por nós), diz assim:

«Em reconhecimento por sua grande colaboração e

grand espírito de colaboracion y amistad durante el curso de tráfico aéreo desde el 7/7/72 el 8/9/72 de su grupo creado. Claro Charo. Vivian Glards».

Perguntámos a Felipe Vera quais as regiões de Portugal a que pertence a maioria dos seus clientes. Respondeu-nos que o distrito do Porto vai à frente, seguido do de Aveiro e Braga.

Tem, no entanto, inúmeros amigos em Espinho, Vila Nova de Gaia, Braga, Vila do Conde, Viseu e S. João da Madeira.

Quando em viagem, aqueles que escolhem a sua agência beneficiam da maior assistência, tanto à partida como à chegada. Se ele não pode ir ao aeroporto, manda quem o represente.

Um dos factos de que mais se orgulha, é a Agência Seco ter vendido o primeiro bilhete da TAP, a um passageiro português.

Esse bilhete encontra-se no Museu de Transportes, em Lisboa, precisamente por se tratar de um documento raro e do maior significado para a

tabelecimento comercial do centro de Caracas e de uma família que um dia deixou Espanha em busca de novos mundos. São inúmeros os portugueses que o preferem para as suas viagens, nos quais se incluem muitos espinhenses.

Felipe Vera, actual proprietário da Agência Seco, em Caracas, já esteve em Espinho, aqui assistindo durante quatro dias a um congresso de agentes de viagem, que decorreu no Aparthotel.

Felipe esteve no Casino, onde jogou (e ganhou...) e esteve também na praia. Foi num período em que apetecia estar à beira-mar, pela temperatura amena das suas águas e pela presença de milhares de jovens do belo sexo.

Um facto houve que surpreendeu Felipe: o descarnado da praia. Felipe declarou-nos, mesmo, que «o mar havia levado a areia, não sabe para onde». Fez covas que o impressionaram. Mas não deixou de gostar de Espinho, afirmando «ter ficado freguês».

Acresce que Felipe teve sorte no jogo, quando se deslocou ao Casino. Na carteira levava 20 contos em moeda portuguesa e, no regresso, trazia no bolso mais cem notas de mil.

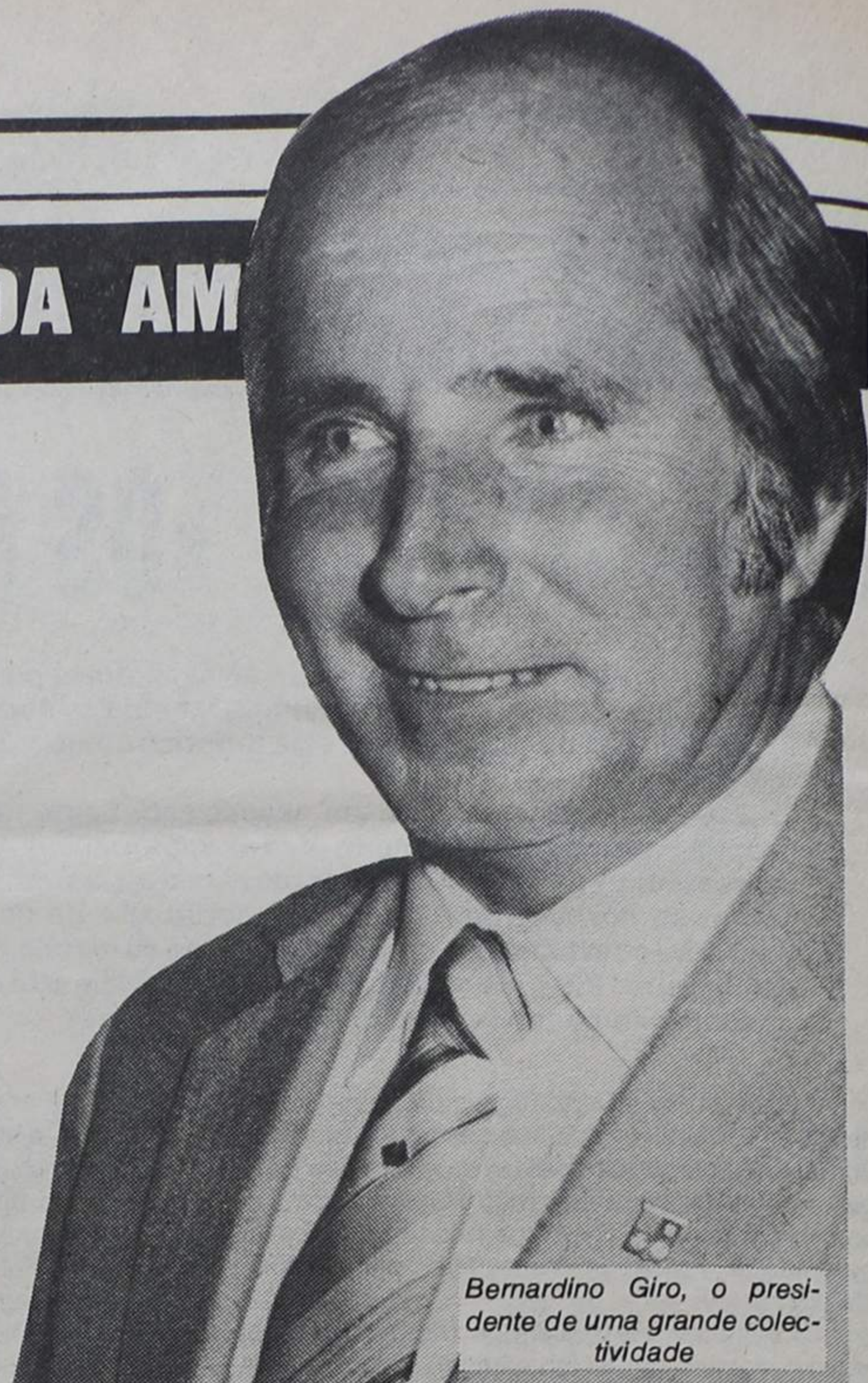
Uma visita memorável, sem dúvida...



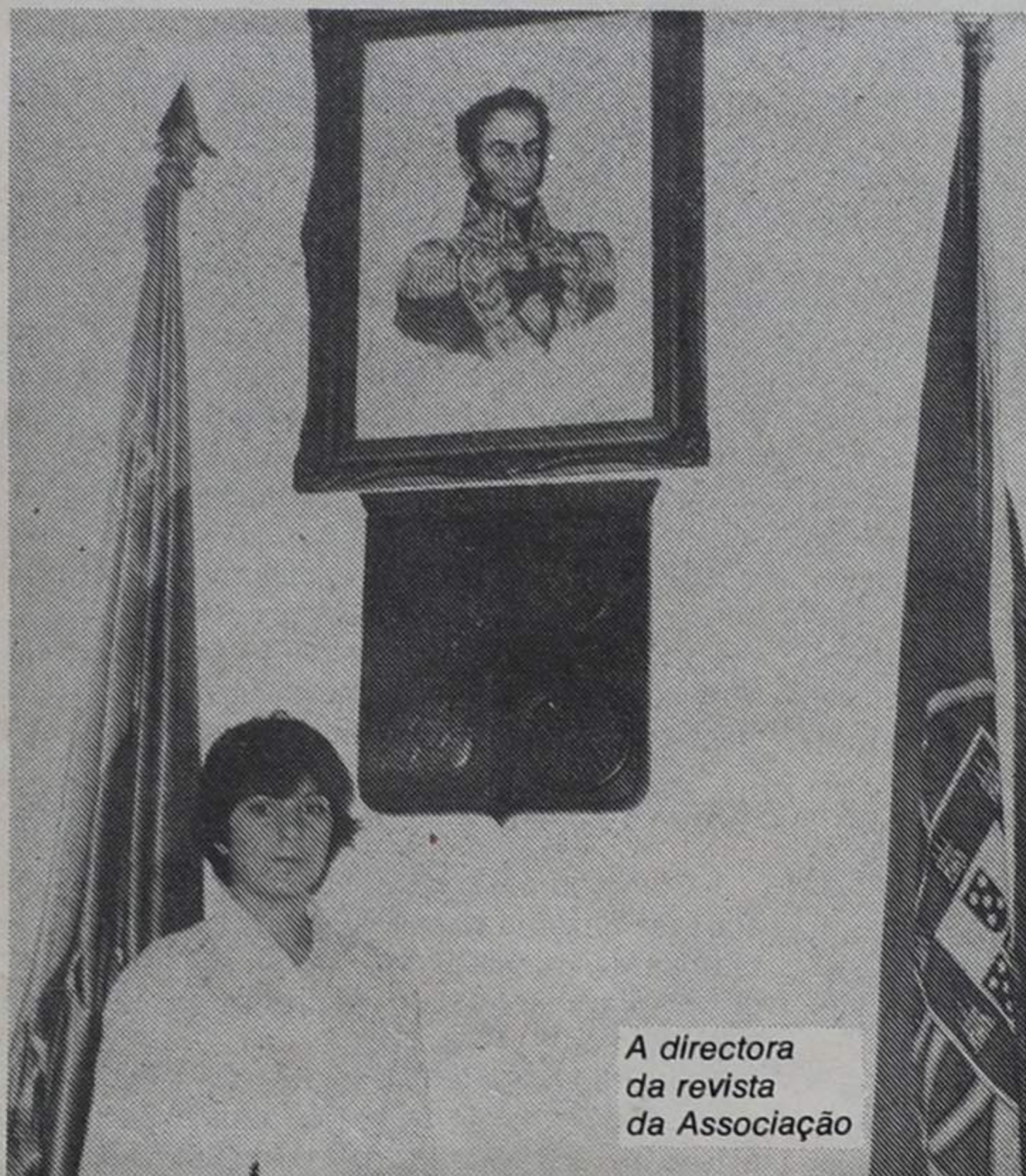
A Agência Seco fica na Candelária

«DE» NAS COMUNIDADES ESPINHENSES DA AM

ASSOCIAÇÃO DESP. LUSO-VENEZUELANA NÃO PÁRA DE CRESCER



Bernardino Giro, o presidente de uma grande colectividade



A directora da revista da Associação

A Associação Desportiva Luso-Venezuelana é, depois do Centro Português, a mais importante colectividade lusa no país de Simon Bolívar. A sua sede social fica em Turumo, no Estado de Miranda, a vinte e tal quilómetros do centro de Caracas. Fundada primeiramente por portugueses, a Associação, sem meios para sobreviver, acabou por aceitar a companhia de venezuelanos, depois de realizada uma assembleia geral em que essa alteração estatutária foi aprovada.

Dispõe de instalações

magníficas, que ocupam uma vasta área de Turumo. Tem vários salões para actividades recreativas e culturais, tem piscina, restaurantes, etc.

Vista de fora, não parece o que é por dentro. É um património que vem sendo enriquecido pouco a pouco — sempre que há possibilidades económicas para isso.

É seu presidente em exer-

cício (por renúncia do titular) Bernardino Gomes Giro, um feirense há muitos anos na Venezuela.

Foi ele quem se dispôs a falar um pouco da história da associação.

Referiu que a actual Junta Directiva é constituída na sua maioria por portugueses. Um administrador, a tempo inteiro, é o espinhense Abílio Couto, irmão de Ernesto Couto. Trabalha, ainda, no mesmo departamento, uma senhora de Ermesinde, de nome Maria Rosa, que vive com os pais em Caracas.

Explicou o presidente que o crescimento da associação foi conseguido através da realização de pequenas festas familiares, em que as pessoas se sentiam atraídas e contribuíam, depois, com algo. Foi assim possível fazer obras e conseguir um património valioso.

Só em 1981 foram gastos cerca de 20 milhões de bolívares, na compra de terrenos e na realização de obras. Os associados entraram com 200.000 bolívares e o restante foi em aceites. Nessa altura havia 100 associados. Agora há para cima de 1.500.

Em homenagem aos fundadores, existe à entrada uma placa com os nomes gravados.

Revelou o presidente que a

área onde se situa a associação atinge cerca de 50.000 metros quadrados, cinco mil dos quais estão construídos. Existe rés-do-chão, primeiro e segundo pisos. Aqui, há um salão de luxo, que foi inaugurado em 1976 e destina-se a festas e todo o tipo de espectáculos. O denominado «Salão Venezuela» foi solenemente inaugurado em 26 de Março de 1983.

Disse que se está a trabalhar no sentido de ser construído a curto prazo um recinto de pingue-pongue, assim como dois campos de futebol de salão e rínque de hóquei em patins. Há, como já se disse, uma piscina, mas segundo o presidente, «queremos uma olímpica».

A frente da sede vai ser alterada. Para isso, foram compradas as casas que ficam juntas, que pertenciam à polícia. Ficaram por 150.000 bolívares.

Bernardino Gomes Giro exerce funções desde a primeira Junta Directiva. Só não esteve na quarta e na quinta juntas, por acidente.

Dá à associação a maior assistência. Passa lá várias horas por semana. E diz que «quem quiser ser director, não pode deixar de fazer o mesmo».

São frequentes os seus contactos com as autoridades da Venezuela, na tentativa de resolver problemas

associativos. Não fora esses contactos e as influências que conseguiu, e a associação não teria atingido o nível que hoje tem».

Apesar do trabalho que o cargo lhe dá, vai candidatar-se nas próximas eleições, em Março, para o que encabeçará uma lista. Além de gostar muito daquilo, não deseja ver cair uma obra que lhe tem custado muito tempo e muito dinheiro.

BELA REVISTA DIRIGIDA POR UMA JOVEM

Maria Adelina Gomes é filha do presidente e conta vinte e poucos anos. Nasceu na Venezuela e está casada com um aveirense. É ela a directora da revista da Associação Desportiva Luso-Venezuelana.

Contou-nos que faz parte do 1.º grupo de futebol de salão da colectividade. Jogava a defesa. Fez parte do

1.º comité de juvenil que ali se fundou. Começou por vender bingo, como funcionária. Depois, passou a ser «directiva».

A ideia de fundar uma revista nasceu em 1983. Mas teve dificuldades, porque não lhe era dado qualquer apoio económico. O primeiro número saiu em Outubro daquele ano. Foi ela e o marido que andaram a solicitar publicidade. Quando a revista saiu, o número de colaboradores aumentou. As tarefas dividiam-se e havia ocasiões que ainda sobrava dinheiro. A tiragem era (e é) de 2.000 exemplares, com distribuição gratuita.

A revista está impedida (por imposição directiva) de falar em política, interna e externa.

Maria Adelina explicou os seus princípios de jornalista, dizendo que começara a colaborar num jornal de Petare (localidade nos subúrbios de Caracas). Era semanário. Colaborou 11 meses na página literária. Fez parte, também, de uma revista universitária. E foi há dois anos que decidiu criar a revista de que é directora, «mas só em venezuelano», sendo ela, como dissemos, filha de portugueses.

No entanto, entende perfeitamente o nosso idioma. Em sua casa só o marido fala correctamente o português. O resto, esposa e filhos, «é uma mescla».

Faz parte do grupo de teatro da Associação, que se deslocou a Coraçau, em 1982. Homero Garcia é o ensaiador, que Maria Adelina considera «um grande profissional». É argentino e «sabe de cultura geral portuguesa mais do que muitos portugueses que aqui residem».

Como componente do grupo folclórico, visitou Portugal em 1984, durante trinta dias. Diz que a digressão «foi um sucesso», recordando que o grupo foi «muito bem recebido onde actuou». A despedida, em Avanca, «foi memorável».



Expressivo aspecto das instalações

DEFENDE ROLANDO SOUSA

UM SERVIÇO MUNICIPAL DE DESPORTO

O vereador Rolando de Sousa defendeu a implantação de um Serviço Municipal de Desporto, que crie condições para a mais adequada forma de ocupar os tempos livres dos cidadãos.

A posição foi tomada depois do encontro sobre desporto e autarquias, recentemente realizado, e no qual Rolando de Sousa participou.

O vereador do pelouro desportivo acha difícil implantar tal Serviço Municipal ainda no corrente mandato, pelo que se propõe preparar o caminho nesse sentido ao seu sucessor.

PARA A 2.^a FASE

FUTEBOL DE SALÃO FEMININO

DUAS EQUIPAS POR APURAR

Nesta penúltima jornada, o destaque vai para o recorde do Grupo Desportivo Sovideo, que vem de Paredes, ao deffrontar o Futebol Feminino de Zebrelros (Gondomar). Foram «só» treze bolas que entraram na baliza dos gdomomarenses, não obstante os esforços da sua guarda-redes.

Um outro jogo cheio de expectativa foi o Café de Santa Maria F. C. (Barcelos) e o ND do Jornal União (Santa Maria de Lamas). O resultado final foi de três bolas para as barcelenses e uma para as da «casa».

Nas três séries, desta primeira fase já temos apuradas imbatíveis. São elas: na I, Malta de Espinho/Móveis Pinto; GD Defesa de Espinho; na II, Sovideo (Paredes), Matosinhos Sport Clube; na III, Santa Maria (Barcelos); ADM das Fontainhas e o ND do Jornal União.

G. D. DEFESA DE ESPINHO, 1 PAP. ATLÂNTICO NORTE, 0

Jogo: Pavilhão do Sp. de Espinho.
Árbitro: Femanda.

DEFESA - Goreti; Zé Carvalho, Pilecas, Zé Soares e Alfredina (cap.).

Jogaram ainda: Carmo e Gisela.

ATL. NORTE - Conceição; Ana Maria, Clara, Leontina e Rosângela.

Joagaram ainda: Carla, Inês, Isabel e Helena.
Ao intervalo: 0-0. Marcadora: Alfredina, aos 5 minutos da 2.^a parte.

Devido às fortes chuvadas que antecederam este encontro, o piso do Pavilhão Joaquim Moreira da Costa encontrava-se molhado e escorregadio e a partida esteve para ser adiada. Prevaleceu o bom senso entre a organização e os delegados, e em campo estiveram duas das melhores equipas do torneio. Uma, a da «Atlântico Norte», até então guia da série I e possuidoras de uma defesa cerrada e «fechada» atrás por uma excelente guarda-redes. A outra, a «nossa» turma, que mais uma vez se apresentou desfalcada de duas jogadoras imprescindíveis: a boavisteira São Tato e a guardiã Vera.

A primeira parte foi jogada mais com os nervos do que com os pés, com as atletas a entrarem muito ao choque em vez de optarem pela troca de bola ao primeiro toque. As meninas da defesa, por diversas vezes, tiveram o ensejo de abrir o marcador, mas Conceição respondeu sempre com um punhado de boas defesas.

No segundo tempo a equipa da «Defesa» apareceu reforçada de Carmo e ganhou mais força nas suas investidas ao meio-campo das adversárias. Numa dessas investidas a juiz da partida assinalou grande penalidade por bola alta dentro da área, jogada por uma defensora da Atlântico. Alfredina encarregada de marcar o castigo máximo rematou à figura da guardiã Conceição. No entanto, e porque um assistente havia apitado da bancada, o «penaltie» foi repetido e Alfredina repetiu o falhanço. Porém esta incansável jogadora viria pouco depois a marcar o tento solitário. Foi a vitória da tranquilidade e do apuramento, ante um digno vencido.

NACIONAL DA II DIVISÃO — ZONA NORTE

«TIGRES» GANHARAM OU PERDERAM UM PONTO?

No «virar da página» do Campeonato Nacional da II divisão, visto que se atingiram as 15 jornadas da 1.^a volta, o Sp. Espinho deslocou-se a Fafe, para aí defrontar a turma local.

Esta partida, que terminou com um tento, foi agradável. As duas equipas deram tudo por tudo para vencerem. O empate aceita-se. O Fafe pressionou no primeiro tempo, e poderia ter inaugurado o marcador mais cedo do que viria a acontecer. Mas, na segunda parte, depois do primeiro tento, a turma espinhense veio para a frente, e tomou conta da partida, remetendo o seu adversário no seu meio-campo. Essa pressão veio a saldarse num golo, que foi algo contestado pelas gentes de Fafe, assim como pelos jogadores. No entanto, o árbitro da partida sancionou o golo.

Uma curiosidade: a turma do SCE, já não consegue vencer em campo alheio há 540 minutos, respeitantes a 6 jornadas!

Continuando assim, muitos objectivos que se pensariam alcançar no princípio, irão certamente, por «água abaixo»... Nestas duas semanas, o futebol espinhense vai estar parado. Boa altura para se realizar um apanhado da carreira «tigre», e corrigir o que está mal. - J.M.

RESULTADOS - 4.^a JORNADA

1. ^a SÉRIE	
Defesa de Espinho-Atlântico Norte	1-0
G. D. Lafões (Vouzela)-Est. Vermelhas	3-0
GDME/Móveis Pinto-Santa Isabel (Olival)	4-2

2. ^a SÉRIE	
F. C. Zebrelros (Gondomar)-G. D. Sovideo (Paredes)	0-13
Matosinhos S. C.-C.U.D. Leverense	3-2
Talho António Dias-As «Regulias» (Ovar)	2-2

3. ^a SÉRIE	
Norte/84 (Ovar)-G. D. Crestuma	0-1
Santa Maria (Barcelos)-Jornal União (Lamas)	3-1
A.D. Moradores Fontainhas-Os «Amigos» (Póvoa)	7-0

CLASSIFICAÇÕES

1. ^a SÉRIE		J. V. E. D. F.-C. P.				
Malta de Espinho-M. Pinto	4	3	1	-	10-5	11
G. D. Defesa de Espinho	4	3	-	1	17-4	10
Pap. Atlântico Norte F. C.	4	2	1	1	6-2	9
G. D. Lafões (Vouzela)	4	2	-	2	10-7	8
St. ^a Isabel (Olival)	4	-	1	3	3-13	5
G. D. Estrelas Vermelhas	4	-	1	3	1-16	5

2. ^a SÉRIE		J. V. E. D. F.-C. P.				
Sovideo (Paredes)	4	4	-	-	26-3	12
Matosinhos S. C.	4	4	-	-	17-4	12
«As Regulias» (Ovar)	4	1	1	2	7-9	7
Talho António Dias	4	1	1	2	4-11	7
U. D. Leverense	4	1	-	3	4-9	6
F. C. Zebrelros (Gondomar)	4	-	-	4	1-23	4

3. ^a SÉRIE		J. V. E. D. F.-C. P.				
Santa Maria (Barcelos)	4	4	-	-	18-2	12
Fontainhas (Porto)	4	3	-	1	18-3	10
Jornal «União»	4	3	-	1	12-5	10
G. D. Crestuma	4	2	-	2	6-13	8
Norte/84 (Ovar)	4	-	-	4	0-11	4
«Os Amigos» (Póvoa)	4	-	-	4	2-22	4

PRÓXIMA JORNADA

Sexta-feira, às 21 horas, no Pavilhão do Sporting Clube de Espinho - II Série: 1.º jogo: F. C. Zebrelros (Gondomar)-CF «As Regulias de Porfírio Sampalo, Lda.» (Arada - Ovar); 2.º jogo: Matosinhos Sport Clube-GD Sovideo (Paredes); 3.º jogo: Talho António Dias F. C.-CUD Leverense.

Sábado, às 16 horas, no Pavilhão do Clube de Futebol União (Lamas) - III Série: 1.º jogo: NDF Norte/84-GD «Os Amigos» (Póvoa de Varzim); 2.º jogo: CAF de Santa Maria FC ((Barcelos)-GD de Crestuma; 3.º jogo: AD de Moradores das Fontainhas-ND do Jornal União (Lamas).

As 21 horas - I Série: 1.º jogo: GD Defesa de Espinho-ARDC de Santa Isabel (Olival); 2.º jogo: GD Lafões (Vouzela)-Papelaria Atlântico Norte FC; 3.º jogo: GADME/Móveis Pinto-GD Estrelas Vermelhas.

RESULTADOS

Aves-Leixões	2-2
P. Ferreira-Felgueiras	2-2
Sanjoanense-Gil Vicente	1-0
Lourosa-Tirsense	3-1
Famalicão-Felrense	2-1
Lixa-Chaves	2-0
Fafe-Sp. Espinho	1-1
Valonguense-Marco	1-1

CLASSIFICAÇÃO

J. V. E. D. F. C. P.									
Aves	16	9	6	1	34	20	24		
Chaves	16	8	4	4	32	17	20		
Leixões	16	7	6	3	20	13	20		
Famalicão	16	8	4	4	24	17	20		
Sp. Espinho	16	7	4	5	27	21	18		
P. Ferreira	16	6	5	5	26	18	17		
Felgueiras	16	5	6	5	15	13	16		
Tirsense	16	6	4	6	21	19	16		
Lixa	16	6	4	6	23	25	16		
Fafe	16	5	6	5	16	18	16		
Lourosa	16	6	3	7	11	16	15		
Gil Vicente	16	6	2	8	24	27	14		
Sanjoanense	16	5	2	9	11	27	12		
Valonguense	16	5	1	10	17	34	11		
Marco	16	4	3	9	12	23	11		
Felrense	16	4	2	10	24	29	10		

PRÓXIMA JORNADA - DIA 17

Marco-Aves
Leixões-Paços Ferreira
Felgueiras-Sanjoanense
Gil Vicente-Lourosa
Tirsense-Famalicão
Felrense-Lixa
Chaves-Fafe
Sp. Espinho-Valonguense

(Continua na pag. seguinte)



Em cima, da esquerda para a direita: Carlos Alberto (delegado) - Téc. de máquinas; Helena (avançada) - Estudante; Deolinda - Árbitro; Carla (guarda-redes) - Estudante; Leontina (médio) - Estudante; Conceição (guarda-redes) - Educadora de Infância; Oliveira (massagista) - Estudante-Trabalhadora; Paula - Estudante; Ladero (treinador) - Empregado de Balcão.
Em baixo, pela mesma ordem: Cristina (defesa) - Estudante; Inês (avançada) - Estudante; Rosângela (defesa) - Estudante; Xana (defesa) - Estudante; Ana Maria (defesa e capitã da equipa) - Doméstica; Clara (defesa) - Funcionária Pública.

TORNEIO INTER-HOTÉIS

A contar para a 3.ª jornada do «Torneio Interhotéis» em futebol, o onze do «Praia Golfe» foi vencer, fora, a turma do Ipanema. Com este triunfo os espinhenses subiram ao 2.º lugar, embora estejam na companhia de mais três equipas.

Porto-H.D. Henrique 1-1
 H. Meridien-H. Batalha 2-2
 S.B. Cunha-H. Castor 2-7
 H. Ipanema-H. Pralagoffe 1-2

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	F.	C.	P.
H. Porto	3	2	1	0	8	0	5
H. D. Henrique	3	1	2	0	2	0	4
H. Ipanema	3	2	0	1	3	1	4
H. Batalha	3	1	2	0	5	3	4
H. Pralagoffe	3	2	0	1	2	3	4
H. Castor	2	1	0	1	8	4	2
H. Meridien	3	0	1	2	2	6	1
S.B. Cunha	2	0	0	2	3	10	0
H. Mirassol	2	0	0	2	0	6	0

ANDEBOL FEMININO

A surpreendente vitória do Sporting de Espinho no recinto do Académica do Porto, em jogo a contar para a 3.ª jornada no «Nacional da I Divisão» em Andebol de Sete (feminino), levou a equipa a subir ao primeiro lugar, em troca com a equipa de «Costa Cabral». As espinhenses contam por vitórias os jogos (disputados) e no próximo sábado defrontam em Aveiro, o Beira Mar, pelas 19 horas.

Contra as academistas as miúdas do SCE venceram por 18-16.

HÓQUEI EM PATINS: AAE GOLEOU

II DIVISÃO - A.A. ESPINHO - E. Livre, 13-3

PONTUAÇÃO: SÉRIE C - 1.º Ferpinta, 8-24; 2.º Académica de Espinho, 8-21; 3.º Carvalhos, 7-17; 4.º Escola Livre, 8-16; 5.º Cucujães, 8-12; 6.º Cerâmica de Valadares, 7-10; 7.º Hóquei de Estarreja, 8-8.

NACIONAL DE JUNIORES - A.A. ESPINHO-Oliveirense, 4-7

REGIONAL DE INICIADOS - Sanjoanense-A.A. ESPINHO, 1-3
 INFANTIS-Sanjoanense-A.A. ESPINHO, 1-2.

Classificados

Aluguéis

PRECISA-SE. Casa ou garagem para pequeno negócio, no centro de Espinho. Telef. 23013 ou 22427 - Falar com D.ª Conceição Rocha.

ALUGA-SE ARMAZÉM. Com a área de 120 m². Bem situado, próximo da feira de Espinho. Carta a este jornal ao n.º 11235.

APARTAMENTO ALUGA-SE. C/ 100 m², na Rua 30. Telf. 724157.

Boa mesa

A VARINA - Almoços, jantares, petiscos. Aberto todos os dias. Rua 2, n.º 1269 - ESPINHO.

Compras

COMPRA-SE APARTAMENTO. C/ 3 quartos, mesmo que seja usado ou hipotecado. Telf. 723068.

Emprego

OFERECE-SE - Como motorista com carta de ligeiros (falando alemão); ou como Serralheiro/Soldador. Também sabe conduzir empilhadoras. Carta a este jornal ao n.º 11237.

Ensino

TRADUÇÕES E EXPLICAÇÕES - De inglês a todos os níveis. Telef. 723345 (depois das 15 horas).

Médicos

DR. JOAQUIM FERREIRA MENDES - Médico especialista em ouvido, garganta e nariz. Clínica geral. Rua 9 n.º 295 - 2.º Esq.º - Telef. 721710.

Mensagens

ORAÇÃO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO. Divino Espírito Santo, Vós que me esclareceis tudo, iluminais todos os meus caminhos para que eu atinja a felicidade. Vós que me concedeis o sublime dom de perdoar e esquecer as ofensas e até o mal que me tenham feito. Vós que estais comigo em todos os instantes, eu quero humildemente agradecer por tudo o que sou, por tudo o que tenho, e confirmar uma vez mais a minha esperança de um dia merecer e poder juntar-me a Vós e a todos os meus irmãos, na perpétua glória da paz. Obrigado mais uma vez. M.E.P.B.

Serviços

FÁBRICA DE ESTORES DE ESPINHO. Telef. 723873 (a partir das 21 h. ou até às 9 da manhã). Estrada do Golfe, n.º 1921 - 2.º Dt.º - ESPINHO.

Trespases

PASSA-SE ADEGA E CASA DE PASTO. Casa Transmontana. Telef. 721765 - Avenida 8, 774.

Vendas

CASA VELHA - Com terreno que pode fazer casa, r/c e andar. Com cerca de 300 m², no Lugar da Aldeia, Silvalde, perto da Senhora das Dores. Inf.ª telef., 720957.

PRÉDIO EM ESPINHO. Vende-se. 1.º andar. Devoluto em Junho. Resposta a este Jornal ao n.º 11273.

CASA GRANDE. Vende-se. Devoluta - Rua 28 n.º 412 - Telf. 720733.

JOSÉ RODRIGUES DE CASTRO

AGRADECIMENTO E MISSA DO 7.º DIA

Sua família vem, por este meio, agradecer, muito reconhecida, a todas as pessoas que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar e participaram no funeral. Comunica que a missa do 7.º dia, se realiza domingo, dia 3, pelas 11 horas, na Igreja Paroquial de Anta e segunda-feira, dia 4, pelas 19 horas, na Igreja Matriz de Espinho.

DEOLINDA FRANCISCA PEREIRA

Seus filhos e netos vêm, por este ÚNICO MEIO, agradecer a todas as pessoas que participaram no funeral da saudosa extinta, bem como às pessoas que assistiram à missa do 7.º dia.



ROSA DA MOTA

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO

Sua família vem comunicar a todas as pessoas, das suas reações e amizade, que manda celebrar missa, por alma da saudosa extinta, no dia 7, quinta-feira, pelas 19 horas, na Igreja Matriz de Espinho. Desde já agradece a quem possa assistir a este acto religioso.



LEONOR MARIA GONÇALVES DOS SANTOS CORREIA

MISSA DO 3.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO - 3/2/85

Querida filha: três anos passaram, mas a saudade perdura no coração daqueles que tanto te quiseram em vida e continuarão a querer-te para além da morte. Deus nos dê a alegria de nos encontrarmos. Teus pais e irmãos mandam celebrar missa dia 4, segunda-feira, pelas 19 horas, na Igreja Matriz de Espinho. Convidamos e agradecemos a presença de todas as pessoas.



A Família

†

ANTÓNIO TEIXEIRA D'ALMEIDA
Fundador da ex-firma
CASA DAS ALDEIAS
Sócio-Gerente da actual firma
ANTÓNIO & C.ª, LDA.

Será rezada missa do 30.º dia, no dia 4 de Fevereiro, pelas 19 horas na Igreja Matriz de Espinho.

«Defesa de Espinho»
 2757 - 31/1/85

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE AVEIRO

JUÍZO DO CONCELHO DE ESPINHO

EDITAL

PROCESSO DE EX. FISCAL N.º 87/84 - 1.ª PRAÇA

- Avelino de Sousa Barros, Juiz Auxiliar do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Espinho.

- Faz saber que no dia 22 de Fevereiro de 1985, pelas 14.30 horas, à porta do estabelecimento da executada, à Rua 15, n.º 349, desta cidade de Espinho, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados, penhorados à firma «FIXET - ARTES GRÁFICAS, LD.ª», com sede na dita Rua 15, n.º 349, desta cidade, para pagamento de 754.943\$00 e do acrescido, referente a Contribuição Industrial, grupo B, dos anos de 1982 e 1983 e ainda de dívidas do Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego dos anos 1979 e 1981 e ao Centro Regional de Segurança Social de Aveiro dos anos de 1980 e 1983:

BENS PENHORADOS:

1.º Uma guilhotina, marca «ASTRA», tipo AU 1044/U, com o número 6166692, em funcionamento, no valor de seiscentos mil escudos;
 2.º Sete caavaletes metálicos, cada um com 25 gavetas e respectivos tipos, com letras de A a Z, maiúsculas e minúsculas e ainda material branco tudo para tipografia, no valor total de oitocentos mil escudos.

OS BENS VÃO À PRAÇA PELO VALOR INDICADO PARA CADA UM DELES

Ficam por este edital citados os credores incertos e desconhecidos e os sucessores dos credores preferentes para, nos termos da alínea a) do art.º 226.º do Código do Processo das Contribuições e Impostos, no prazo de 10 dias a contar da arrematação, virem reclamar o pagamento dos seus créditos pelo produto da venda dos bens acima relacionados.

Para constar se passou o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares designados por lei.

Juiz Auxiliar e Repartição de Finanças do concelho de Espinho, 28 de Janeiro de 1985.

E eu, José Astério Vieira Gomes, escrivão, o subcrevi e assino.

O Juiz Auxiliar,
Avelino de Sousa Barros

O Escrivão,
José Astério Vieira Gomes

«Defesa de Espinho»
 2757 - 31/1/85

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE AVEIRO

JUÍZO DO CONCELHO DE ESPINHO

EDITAL

PROCESSO EX. FISCAL N.º 82-DD/83 - 1.ª PRAÇA

Avelino de Sousa Barros, Juiz Auxiliar do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Espinho.

- Faz saber que no dia 22 de Fevereiro de 1985, pelas 14.30 horas, à porta do estabelecimento da executada, à Rua 15, n.º 349, desta cidade de Espinho, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados, penhorados à firma «FIXET - Artes Gráficas, LD.ª», com sede na dita Rua 15, n.º 349, desta cidade, para pagamento de 386.696\$00 e do acrescido, referente a dívidas ao Centro Regional de Segurança Social de Aveiro, dos anos de 1982 e 1983:

BENS PENHORADOS:

1.º Uma máquina de impressão «ORIGINAL HEIDELBERG» - Minerva, com o n.º T 1605/10-A, antiga mas em bom funcionamento, no valor de oitocentos mil escudos;
 2.º Uma máquina de impressão, marca «FRONTEX», automática, com o n.º 61-20453, antiga, mas em bom funcionamento, no valor de um milhão de escudos.

OS BENS VÃO À PRAÇA PELO VALOR INDICADO PARA CADA UM DELES

Ficam por este edital citados os credores incertos e desconhecidos e os sucessores dos credores preferentes para, nos termos da alínea a) do art.º 226.º do Código do Processo das Contribuições e Impostos, no prazo de 10 dias a contar da arrematação, virem reclamar o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens acima relacionados.

Para constar se passou o presente edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares designados por lei.

Juiz Auxiliar e Repartição de Finanças do concelho de Espinho, 28 de Janeiro de 1985.

E eu, José Astério Vieira Gomes, escrivão, o subcrevi e assino.

O Juiz Auxiliar,
Avelino de Sousa Barros

O Escrivão,
José Astério Vieira Gomes

ASSESSORES CAMARÁRIOS: A MODA INSTALOU-SE

□ JAIME GABRIEL DE JESUS

Divergências entre o vereador eleito pelo CDS e o seu substituto, em funções, conduzem a que, nos tempos mais próximos, o pelouro cultural não seja dotado de um assessor.

De facto, apurámos que Joaquim Ribeiro discorda do nome avançado por Valdemar Martins para assessorar o pelouro e que

é, como se sabe, Azevedo Brandão, director do semanário «Espinho Vareiro» e do «Espinho-Boletim Cultural». Por isso, e segundo julgamos saber, Joaquim Ribeiro não (re)apresentará qualquer proposta.

Para melhor situar o leitor na questão, importa recordar que no ano passado e na sequência da

aprovação de um assessor desportivo, Joaquim Ribeiro colocou na mesa de trabalho da edilidade uma proposta defendendo outro assessor — para a cultura. Na altura, a Câmara condicionou a sua aprovação à apresentação de um rol de tarefas que iriam ser confiadas ao assessor, o que Joaquim Ribeiro se prontificou a

fazer, no caso do titular do pelouro não regressar a funções.

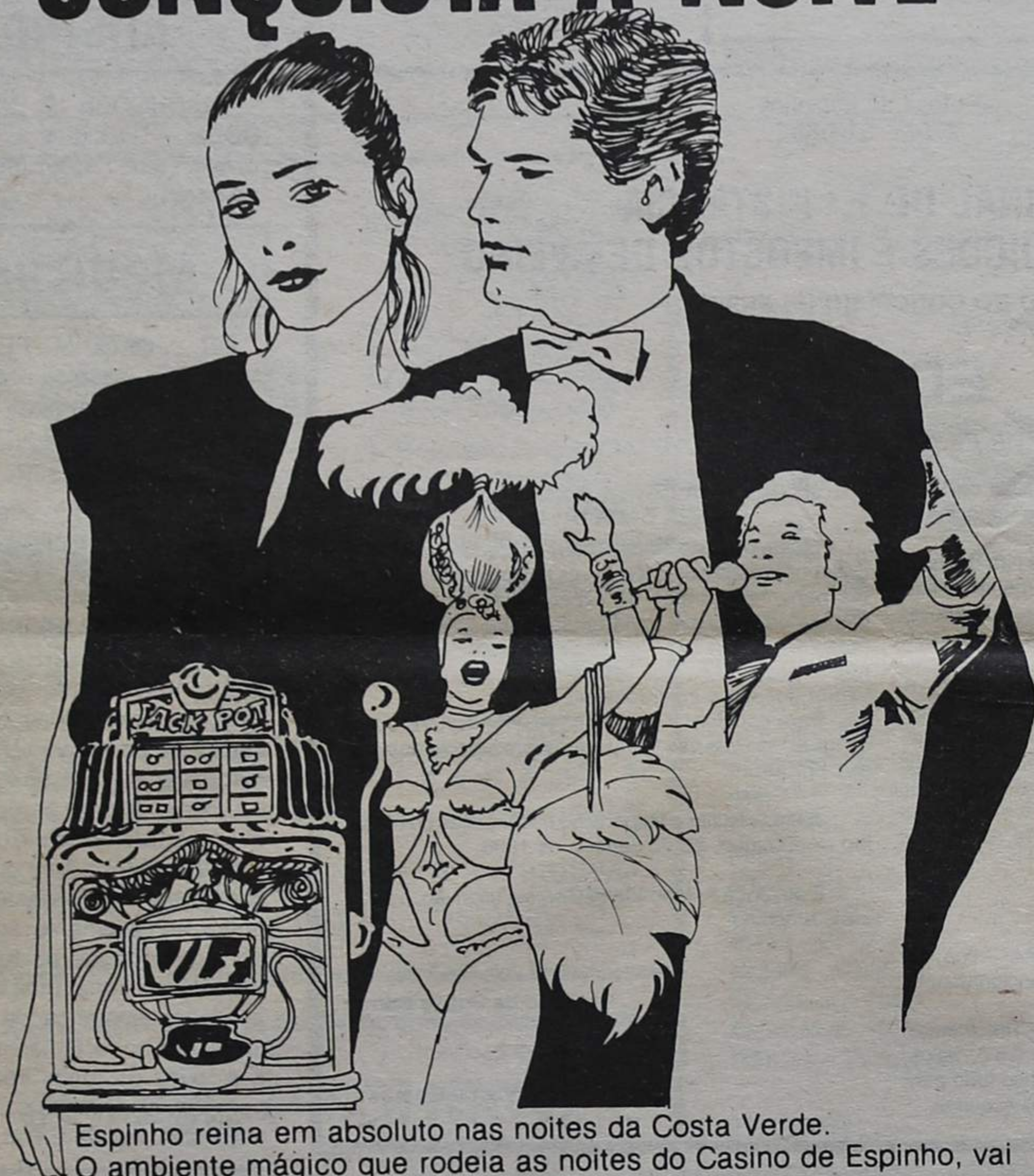
Na sequência, Valdemar Martins publicitava uma sua proposta com iniciativas culturais várias para este ano e defendia, para a sua execução, a contratação de Azevedo Brandão. Não manifestando então intenção de regressar à sua posição de vereador,

garantia, no entanto, que o seu substituto apresentaria tal documento na sessão camarária. Já vimos que isso não aconteceu mas não explicámos a razão. Essa seria, segundo apurámos, o entendimento de Joaquim Ribeiro de que Azevedo Brandão não era credor de confiança política.

Além disso — soubemos — Jo-

aquim Ribeiro entende que as iniciativas propostas visam assinalar uma efeméride fantasma: o alegado milénio de Espinho, que ocorria este ano. O vereador substituído do CDS entende que as referências de um documento de 985 a «Villa Spino» se reportam ao lugar de Espinho, da freguesia galega de S. Félix da Marinha, e não a esta terra.

ESPINHO CONQUISTA A NOITE



Espinho reina em absoluto nas noites da Costa Verde. O ambiente mágico que rodeia as noites do Casino de Espinho, vai desde o requintado e elegante jantar, confeccionado por um excelente chefe de cozinha até ao fabuloso show de vedetas internacionais.

Uma boa orquestra dá a nota mais à sua noite. Se preferir as salas de jogo, o Casino de Espinho possui instalações ao nível das melhores da Europa. Casino de Espinho, local de bom gosto e de elegância.

EMPES



**CASINO
SOLVERDE
ESPINHO**

UM ESPECIALISTA PARA OS PARQUES E JARDINS

O eng. Armando Costa vai ser contratado pela Câmara para assessorar o pelouro de parques e jardins — decidiu a Câmara na sua reunião da última sexta-feira, sob proposta de Carvalho e Sá (PSD).

Não obstante a sua aprovação, a proposta mereceu dois votos contra (Casal Ribeiro, APU, e Joaquim Ribeiro, CDS) e um aceso debate do qual registamos alguns extractos:

Casal Ribeiro — Há que definir concretamente que tarefas lhe serão cometidas. Depois, em vez de um contratado, porque não admitimos um engenheiro agrónomo?

Joaquim Ribeiro — Espinho só tem hortiztas. Não vejo admitir o homem!

Carvalho e Sá — A Câmara tem necessidade

de fazer muitos ajardinamentos. E tem um ou dois viveiros.

Joaquim Ribeiro — Tem dois bocados de horta!

Carvalho e Sá — Se não existem viveiros, a Câmara tem de os criar. Mas isso tem de ser feito com pés e cabeça e com pessoas que saibam.

Rolando de Sousa (PS) — Voto a favor, por razões de coerência. É tempo de se assentar que estas situações têm de ser resolvidas por técnicos. A contratação deste tipo de técnicos vai-nos dando experiência. Os encargos também não são muito grandes.

Os encargos — soubemos — são de 220 contos/ano, contra duas horas semanais de serviço.

CULTURA: JOAQUIM RIBEIRO VETA AZEVEDO BRANDÃO

A moda dos assessores instalou-se na Câmara. Depois admissão de um para o pelouro desportivo — o prof. Jorge Ramiro — e da discussão em torno da admissão de um outro para a área cultural (ver texto «Joaquim Ribeiro vota Azevedo Brandão»), o executivo aprovou, na sua última sessão, um contrato de prestação de serviço com o eng. Armando Costa, que irá assessorar o pelouro de parques e jardins (ler caixa).

Moda vantajosa... ou não? Ou, ainda, uma forma de esvaziar a criação dos lugares de vereadores a tempo inteiro?

Podem ser que esta última hipótese tenha alguma consciência mas não deixa de ser inegável que os assessores, trabalhando em certas condições, são a solução ideal para execução de planos sectoriais. O vereador não é, necessariamente, um técnico na área que lhe foi confiada e, de resto, a sua missão será avançar algumas ideias que os técnicos concretizarão depois, com a perfeição que se lhes exige.

Um vereador que assim trabalhe, produzirá mais e melhor servirá a política e não se servirá dela.

Estamos, portanto, com a ideia do «pai» dos assessores em Espinho, o vereador Rolando de Sousa: as situações têm de ser resolvidas por técnicos. Só discordamos na contratação dos técnicos em «part-time». É que, por essa via, em vez de se adquirir um técnico empenhado, pode-se muito bem arranjar um «taxista militante», que ganha em todo o lado e nada de jeito, por sobreocupação, faz em lado nenhum. E então, nestas circunstâncias, é capaz de ser preferível um vereador a tempo inteiro.

OIÇA OS TÍTULOS DO «DEFESA DE ESPINHO» NA RÁDIO PORTO

Às quintas-feiras, entre as 11 e as 13 horas

DEFESA DE ESPINHO

Semanário ☆ Sai à quinta-feira

PORTE  PAGO

Fundado em 27 de Março de 1932 por Benjamim da Costa Dias
Propriedade da EMPES — Empresa de Publicidade de Espinho, Lda.
Redacção e Administração na Rua 26 n.º 601-2.º Esq. — Apartado 39 — 4501 ESPINHO Codex — Telefone 721525



Maquetagem da EMPES — Publicidade
Fotocomposição e impressão nas Oficinas Gráficas de «O Comércio do Porto»
Tiragem média de 3.500 exemplares
Depósito Legal n.º 1604/83

Porque podem não reflectir a linha editorial do «Defesa de Espinho», os textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores